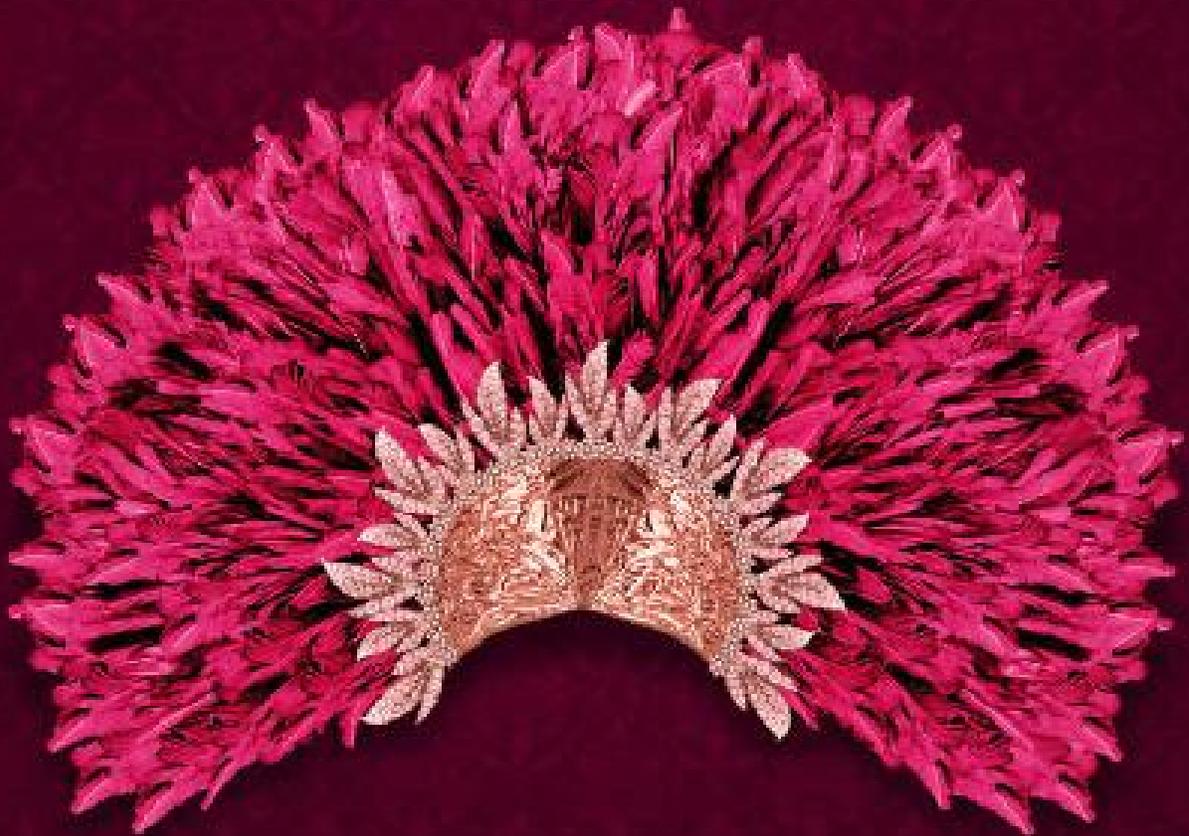


SÉRIE DAMAS PERFETAS

A CORTESÃ



NAHRA MESTRE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

SÉRIE DAMAS PERFEITAS

A CORTESÃ



NAHRA MESTRE

Copyright © 2018 Nahra Mestre
Capa: Paulo E. V. Carmo
Revisão: Deborah A. A. Ratton
Editora Portal: www.editoraportal.com.br

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A Cortesã é o segundo livro da série Damas Perfeitas. Apesar de independentes, as histórias se interligam ao longo da série e, assim, aconselha-se a leitura do primeiro livro, *A Marquesa*, disponível no Amazon e em formato impresso, na editoraportal.com.br

Prólogo

Paris, janeiro de 1851

A imagem refletida no espelho não revelava quem ela de fato era, muito menos sua alma conturbada. Marie nunca imaginara vestir-se de maneira tão voluptuosa. Embora estivesse acostumada a ver mulheres com decotes generosos e bochechas coradas pelo excesso de rouge, nunca se espelhara nelas. Marie Bourdon nascera e crescera dentro de uma casa de tolerância que pertencera a sua avó. Um dia seria a herdeira de Palais des Plaisirs, o bordel mais famoso de Paris.

Não se lembrava da avó, sequer sabia se um dia chegara a conhecê-la, mas sempre ouvia sobre ela com demasiado entusiasmo. A famosa madame Bourdon construíra a elegante *maison close* com a herança deixada pelo marido. Um empreendimento inovador, que ocupava meia quadra em Montmartre, no coração da boemia parisiense. A imponente construção de quatro andares funcionava como cabaré, casa de jogos e bordel. O céu e o inferno dos endinheirados europeus.

Assim como ela, todas as cortesãs residiam no último andar; cada uma tinha seu quarto para viver e receber os clientes. Marie nunca se deitara por dinheiro, valorizava sua virtude e, mesmo sabendo que esse era o destino das mulheres da família Bourdon, nunca quisera isso para si.

Fora abandonada pela mãe ainda bebê. O pouco que sabia era que Cécile Bourdon se apaixonara por um nobre inglês e que partira, deixando para trás a prostituição e a filha. Marie crescera nos corredores do antro que sempre considerara o purgatório e, ao completar doze anos, fora obrigada a trabalhar. Sua tia, a nova madame Bourdon, cujo nome de batismo nem mesmo Marie conhecia, era uma mulher cruel, que contabilizava todos os gastos da sobrinha e os cobrava constantemente.

A fim de um dia conseguir quitar sua dívida, Marie trabalhava servindo as mesas do grande salão de jogos, além de confeccionar roupas para as dançarinas do cabaré e para as cortesãs. Trabalhava dia e noite, mas sua dívida com a tia era abatida a conta-gotas.

A virtude de Marie era cobiçada pelos frequentadores do Palais des Plaisirs, corriam apostas e leilões pelos salões. Mesmo aos vinte e três anos, idade considerada bastante avançada, a jovem acreditava que madame Bourdon permitia que ela postergasse sua estreia esperando alguma oferta exorbitante no leilão da virtude da sobrinha.

Tinha planos de fugir, mas não conseguia economizar nenhum franco, toda a gorjeta que recebia era tomada; mesmo que Marie escondesse, a alcoviteira sempre encontrava.

Naquela noite fora obrigada a se vestir como uma rameira, o uniforme novo que deveria usar. Contemplava o vestido escarlate com ironia, ela mesma o havia feito. Ajeitou as extravagantes plumas que ornavam seus cabelos, posicionou alguns cachos na lateral do colo para tentar disfarçar o decote e respirou fundo. Seria uma noite longa e odiosa.

Se soubesse que sua vida mudaria naquela noite, David não estaria tão alheio ou maravilhado com tudo que via. O filho mais novo do marquês de Bristol aceitara o convite de lorde Phillip Smith, o visconde de Derby, para uma breve temporada em Paris. Com o primo John a tira colo. Inebriados pela luxuriosa atmosfera francesa, os nobres aristocratas estavam a caminho de um dos maiores bordéis da França.

No coração de Montmartre, o movimento de carruagens e pessoas não fazia jus ao adiantado da hora. Lanternas vermelhas iluminavam o beco estreito que dava acesso à entrada do Palais des Plaisirs. Era uma casa imponente, bem-cuidada, um convite para o pecado. Logo na entrada, mulheres seminuas recepcionavam os cavalheiros com um cálice de um líquido transparente, cortesia da casa.

Eles foram encaminhados para o salão de jogos enevoado por uma fumaça densa de tabaco. Havia dezenas de mesas espalhadas, e vários jogos eram oferecidos. Dados e carteados pareciam ser os

preferidos entre os frequentadores. A bebida rascante ainda formigava na língua de David, deixando um gosto amargo.

Phillip os conduziu até uma mesa afastada, certamente para explicar as regras do estabelecimento. John e David nunca haviam visto nada parecido em seus parques vinte anos, aquela era a primeira vez que visitavam Paris. Muito diferente das diversões monótonas encontradas na Inglaterra, aquela noite prometia ser memorável.

— O que me dizem? — Phillip estava confortavelmente esparramado em uma cadeira de braços, com um sorriso malicioso.

— Nunca imaginei que pudesse existir um lugar como este — respondeu David enquanto John, alheio à conversa, observava cada detalhe a sua volta.

O visconde de Derby era um homem vistoso, um libertino renomado. herdara o título havia dois anos, e, pelos quatro cantos de Londres, corria o boato de que aos trinta anos finalmente resolvera encontrar uma esposa. Phillip parecia um frequentador assíduo do lugar, oferecia sorrisos e olhares maliciosos para as jovens libidinosas que circulavam pelo salão.

— Quero aquela — David anunciou com os olhos fixos na mulher de cabelos cor de cobre e os olhos mais verdes que ele já vira.

Uma gargalhada rouca e cruel tomou o ambiente, Phillip parecia se divertir à custa do amigo.

— Vá até aquela mesa e dê seu lance. — Phillip mostrou o caminho acenando com a cabeça, sustentava um sorriso perigoso nos lábios. — Há tempos tenho dado lances, e nenhum deles parece ser suficiente para Marie.

— Marie... — repetiu David, como se quisesse guardar aquele nome para sempre, sem desgrudar os olhos da ruiva.

Seria uma tolice competir por aquela jovem, era notório que ele não era o único que a desejava. Correndo os olhos pelo salão, David viu os espectadores, que pareciam despi-la com os olhos.

— Talvez esteja na hora de acabar com a concorrência — murmurou Phillip coçando o queixo. — Acho que não vieram aqui

para jogar, desçam por aquela porta e verão o melhor espetáculo de cançã de toda a Europa.

David e John se levantaram e seguiram pelo caminho indicado pelo visconde. Phillip ergueu a mão e chamou seu objeto de desejo.

Ao reconhecer o visconde de Derby, Marie sorriu educadamente; ele a chamava, como sempre fazia quando vinha ao Palais des Plaisirs. Caminhou até ele desviando-se dos clientes mais inconvenientes. Não podia negar que aquele homem era um belo exemplar inglês. O *habitué* mais cobiçado entre as meretrizes. Era conhecido pelo seu desempenho na cama e por suas gorjetas generosas. Ela endireitou o corpo tentando recuperar o mínimo de dignidade, que seu vestido roubara.

— Minha querida Marie — ele se levantou rapidamente quando ela se aproximou e beijou-lhe a mão —, confesso que nunca a vi tão... — avaliou seu decote demoradamente e deixou a língua passear pelos lábios preguiçosamente — exposta.

— Monsieur Smith. — Ela fez uma reverência obsequiosa. — São os novos uniformes.

— Por favor, sente-se.

— *Pardon, monsieur*, eu não poderia. Caso deseje, posso chamar Victória para lhe fazer companhia.

— Gostaria da sua companhia.

— *Monsieur...*

— Somente uma conversa. — Ele se levantou e puxou a cadeira para que ela se sentasse. — Prometo não tomar muito de seu tempo.

Marie estremeceu, sabia que, mesmo escondida, madame Bourdon estaria observando aquela cena. A dona do Palais des Plaisirs não frequentava os salões, a menos que usasse máscara para esconder a terrível cicatriz em seu rosto, mas todos sabiam que ela vivia se esgueirando para observar tudo o que acontecia.

— Imagino que não esteja se sentindo confortável com o novo uniforme — Phillip a trouxe de volta para o presente. — Não posso negar que o vestido revela suas qualidades, mas não é nem de longe apropriado para uma dama.

— Não sou uma dama.

Marie o fitou curiosa, Phillip a contemplava de maneira diferente, não do modo como sempre fazia; dessa vez havia um brilho distinto em seus olhos. Ela sentiu as bochechas corarem.

— Ainda. Mas algo me diz que essa vida não é para uma *mademoiselle* tão preciosa.

Marie desviou o olhar, era estranho como se sentia exposta, aquele homem parecia enxergar sua alma.

— Por favor, não fique encabulada. — Havia um sorriso vitorioso em seus lábios. — Confesso que tenho que me redimir de meu comportamento tolo nas últimas vezes que estive aqui. Eu deveria ter percebido que você é diferente de todas as mulheres que já conheci.

— Diferente?

— Essa vida não é para você. Está escrito em seus olhos. — Ele tomou um gole de vinho que apareceu na mesa, sem nem mesmo perceber que a bebida havia sido servida. — Sortudo será o cavalheiro que a tirar daqui. — Tocou a mão dela suavemente. — Imagino que já tenha ouvido várias propostas.

— Ninguém nunca me ofereceu algo parecido antes — sua voz soou esperançosa demais.

— Eu ficaria encantado em ser o primeiro, entretanto, no meu país, não se propõem algo tão importante a uma dama, a menos que se tenha certeza da anuência.

Marie sentiu-se tentada. Estava disposta a se tornar amante de monsieur Smith. Era a única chance que tinha de fugir dali. Doaria a virtude de bom grado, era a única coisa que tinha, o trunfo para se libertar das garras de madame Bourdon.

— E como uma dama poderia dar indícios de um interesse? — perguntou esperançosa, certa de que a sorte havia lhe sorrido.

— Case-se comigo. Diga-me que me aceita como seu marido e lhe darei o mundo.

O ar lhe faltou, Marie não esperava por aquilo. Piscou algumas vezes tentando recobrar a consciência, sair do torpor que a invadia. *Casar?* Marie Smith, a viscondessa de Derby.

— O senhor está se divertindo a minha custa. — Levantou-se abruptamente.

Phillip se colocou de pé elegantemente.

— Desculpe-me, jamais poderia propor algo assim num lugar como este. — Ele beijou-lhe a mão demoradamente.

Ainda sem acreditar no que estava acontecendo, Marie deixou-se levar e, quando percebeu, abria a porta de seu quarto para o futuro marido.

No dia seguinte quando acordou, ela encontrou uma rosa vermelha na cama, acompanhada de uma nota de Phillip.

*Minha querida e doce Marie,
Jamais me esquecerei desta noite.
Estou voltando para Londres para preparar sua chegada.
Em breve voltarei para buscá-la.*

Capítulo I

Londres, fevereiro de 1852

David caminhava distraído, a caminho de casa. As ruas estavam pouco movimentadas pelo adiantado da hora, e, apesar do vento frio, o passeio se fazia agradável. Resolvera voltar caminhando do White's, um distinto clube de cavalheiros, frequentado pela nata da sociedade inglesa. Às vezes sentia a necessidade de se misturar entre os comuns, parecia estranho, mas era a maneira que encontrava de se sentir menos solitário.

Já passava da meia-noite e, apesar das poucas pessoas que circulavam pelas ruas, vez ou outra ele avistava alguma carruagem, que certamente voltava de algum baile da temporada. Eventos sociais dos quais fugia tanto quanto fosse possível.

Apesar de não ser um herdeiro, David tinha consciência de que era considerado um bom partido. O filho mais novo de um marquês era objeto de cobiça no mercado de matrimônios. Mas casamento não estava em seus planos, não tão cedo. Ele não tinha sonhos românticos de se apaixonar loucamente; o amor era um luxo para poucos e raramente vinha acompanhado de um acordo nupcial. Preferia usar seu tempo fazendo planos para o futuro e cuidando de seus investimentos.

Antes de dobrar uma esquina, a caminho de casa, percebeu que havia uma jovem debruçada sobre os joelhos logo adiante. Ela passaria despercebida se seu pranto não fosse tão alto. David crescera ouvindo o choro da mãe, espancada frequentemente pelo marido, aquele som lhe causava profundo tormento. Nunca pudera fazer nada para impedir, o marquês mantinha os filhos trancados durante a noite, certamente para evitar intromissões indesejadas. Sem perceber que havia interrompido a caminhada, instintivamente, David se pôs de joelhos; não seria capaz de ignorá-la, mesmo sabendo o quanto era arriscado ajudar um estranho àquela hora da noite.

A dama não estava malvestida, entretanto seus trajes não faziam jus às damas inglesas. Os cabelos ruivos, de um tom de cobre intenso, soltavam-se em cachos do coque baixo. A mulher tremia e se encolhia, embalada pelos próprios soluços. Ciente de que ela não estava agasalhada adequadamente, David rapidamente retirou a casaca, aproximou-se, colocando o paletó sobre os ombros dela e se agachou.

Ela levantou os olhos assustada, o medo era visível, pavor e dor se misturavam num olhar angustiante. David se aproximou ainda mais, ela ergueu o rosto deixando que a iluminação a gás revelasse os olhos vermelhos, banhados pelas lágrimas. Eram tão verdes que ele teve a sensação de já tê-los visto antes. Por um longo instante, encarou-a em silêncio, incapaz de pronunciar uma só palavra. A jovem já não emitia qualquer som, parecia congelada, uma madona pintada a perfeição.

Ele teve a estranha sensação de já tê-la visto, havia algo familiar naqueles olhos aflitos. Tentou puxar da memória alguma lembrança e, ao fechar os olhos brevemente, uma única visão veio-lhe à mente. Paris! Um lampejo o fez lembrar-se da bela dama que, em alguns momentos, vagara por sua mente no último ano.

— Permita-me ajudá-la — suplicou David, incapaz de desviar a atenção das íris cor de jade; sentia-se hipnotizado pela expressividade daquele olhar.

— Estou bem, obrigada. — Ela se levantou desajeitada, segurando firme entre os dedos a única coisa que lhe restara.

David não soube o que fazer, deixou que ela se afastasse e permaneceu imóvel. Viu que na mão dela havia um colar, um relicário, supôs. Quando a bela jovem dobrou a esquina, um impulso primitivo e protetor o impeliu a segui-la. E novamente, quando a encontrou, viu que ela se recostava a uma árvore, cobrindo-se com a casaca dele.

Ficou claro que ela não tinha onde passar a noite, e aquele lugar não era o mais adequado para mulher alguma. Ele se aproximou novamente, dessa vez mais cauteloso. E percebeu que ela estava parada, com o olhar perdido, novamente coberto por lágrimas.

— Deixe-me ajudá-la — pediu estendendo-lhe a mão. — Posso estar enganado, mas lembro-me de você de Paris — e como um raio a lembrança do nome da jovem surgiu em sua mente. — Marie — saboreou a palavra enquanto ela o olhava aturdida.

Marie estremeceu, fora uma tola, uma ingênua ao pensar que Phillip se casaria com ela. Deveria ter considerado a possibilidade de ser reconhecida pelos cavalheiros de Londres. Tentou se levantar, mas sentia-se tonta, e suas pernas fraquejavam. Ela estava faminta, fraca e, antes que se estatelasse no chão, sentiu braços fortes a amparando.

— Por favor, não me entregue para madame Bourdon — implorou usando toda a força que lhe restava.

— Eu não a entregaria a ninguém — garantiu, ajudando-a a ficar de pé. — Confie em mim, posso ajudá-la.

Ela não se iludiria novamente, não poderia. Conhecia os homens e suas artimanhas, mas não tinha o que fazer; ou aceitava a ajuda daquele estranho que sabia seu nome, ou dormiria ao relento. Não tinha sequer alternativa, naquela noite já fora humilhada, assaltada e, se dormisse na rua, temia que Phillip mandasse alguém para matá-la ou até mesmo para entregá-la para a tia. Sem pensar muito, aceitou a ajuda, não tinha muito mais a perder.

David a levou para o lugar onde um dia funcionaria sua livraria. Seu avô, lorde Willian Granville, conde de Snowdon e um dos banqueiros mais importantes da Europa, havia lhe dado um imóvel comercial. Lá funcionara o atelier de uma modista, que, apesar de abandonado, ainda estava montado.

No fundo da loja, havia uma pequena casa; não estava limpa ou organizada, mas era melhor que passar a noite nas ruas. No dia seguinte, ele providenciaria melhores instalações para sua hóspede.

— Não é um lugar adequado, nem mesmo está habitável. Mas você poderá passar a noite segura. — Marie não parecia se importar. — Onde estão suas coisas?

— Fui roubada — falou com amargura. — Levaram minhas roupas e todo o dinheiro que eu tinha.

David ponderou avaliando a sala abandonada, pensando na melhor maneira de acomodar Marie.

— Imagino que esteja com fome. — Ao ver que ela não negara, continuou. — Vou procurar algo para você comer, não moro muito longe daqui. Também trarei mantas limpas e o que mais possa precisar.

— Não precisa, *monsieur* já está sendo generoso demais e nem sei o seu nome.

— Eu me chamo David. — Ofereceu um sorriso acolhedor. — Fique à vontade, garanto que não irei demorar.

Marie o viu sair. Era como um anjo, os cabelos loiros emoldurando o rosto perfeito, entretanto ela não podia deixar-se iludir. Estava naquela situação justamente por se cegar pelos encantos de um inglês sedutor. Phillip levava tudo que Marie tinha, sua virtude, suas esperanças, seu...

Quando partira para Londres, ela imaginava um desfecho diferente para aquele dia. Mas o visconde de Derby estava casado e, como se não bastasse tamanha desilusão, Marie fora humilhada e roubada; tiraram-lhe o que tinha de mais precioso. Se ao menos tivesse dado crédito à madame Bourdon.

A alcoviteira lhe dissera, meses depois da noite que Marie passara com Phillip, que ele havia pagado uma pequena fortuna para desfrutar de seu corpo. Mas Marie não quisera acreditar, estava cega pela certeza de que o visconde a tiraria dali. Antes que pudesse ser obrigada a vender o corpo, fugiu do Palais des Plaisirs e, durante quase um ano, juntou cada centavo que recebia para ir atrás dele em Londres. Tinha esperança de ser agraciada com o mesmo destino da mãe, casar-se com um nobre inglês e recomeçar a vida esquecendo que era uma Bourdon. Como fora tola.

Naquele momento encontrava-se perdida, sem nenhum xelim, com a roupa do corpo e contando com a benevolência de um homem que sabia de onde ela vinha. Procurou por um lavatório, sabia que ele cobraria pela estada. Ninguém daria abrigo a uma desconhecida sem pedir algo em troca, isso ela já havia aprendido. Nem mesmo Heloise, que fora sua salvação, deixara de cobrar pelo tempo em que a acolhera, antes de Marie partir para Londres.

Tentando limpar o rosto com a barra do vestido, ela respirou fundo. Não podia se dar ao luxo de guiar-se por princípios morais

naquele momento; ou dava o corpo em troca de um teto e comida, ou morreria na sarjeta antes mesmo de pensar num plano para pegar do visconde de Derby aquilo que ele lhe roubara.

Não demorou muito para que David voltasse. Ele trouxe torta de pombo, frutas e roupas de cama, tudo que encontrara na cozinha de Hervey House. Marie o observou retirar o pó da pequena mesa antes de depositar uma cesta.

Olhou para o belo exemplar de homem a sua frente e respirou fundo tomando coragem. Não seria difícil ceder o corpo a ele.

Quando David se virou para vê-la, Marie vestia somente as roupas de baixo, de renda, quase transparentes; nunca havia visto nada parecido. Atordoado com a visão dos cabelos soltos que emolduravam o rosto perfeito, virou-se rapidamente.

— Não trouxe nada que pudesse vestir, mas amanhã posso providenciar. — Caminhou sentindo o coração acelerado e, atordoado, esbarrou a mão em um jarro empoeirado que jazia num velho aparador. A porcelana de má qualidade se espatifou em mil pedaços e, no impulso por se manter ocupado, ele se abaixou depressa para recolher os cacos.

Marie se levantou rapidamente para ajudá-lo, todo o constrangimento que havia sentido quando ele chegara e a vira tão exposta, oferecendo-se como uma meretriz, esvaiu-se. Ela não percebeu que, ao caminhar, parte de seu ombro ficara descoberto, revelando a pele alva.

David a olhou, era linda, uma visão perturbadora. Sentiu o corpo reagir quando ela se abaixou ao seu lado, e, num gesto mecânico, continuou recolhendo os cacos sem nem mesmo olhar para o que fazia.

— *Mon Dieu!* — Marie exclamou assustada, ao ver um pedaço de louça rasgar a mão de David. — Por favor, não movimente a mão — pediu cautelosa, segurando a mão ferida com toda delicadeza. — Levante-se, vamos nos sentar ali, que eu o ajudo, *monsieur*.

— Não foi nada. — Tentou ignorar a pontada que sentiu ao tentar movimentar a mão, os punhos da camisa já estavam sujos de sangue.

— Venha, deixe-me cuidar de você — ela pediu de maneira doce, com o ombro exposto e a vestimenta indecorosa.

Marie se esqueceu completamente de que estava seminua na frente do estranho. A preocupação estava estampada em seu rosto, ela não pensava em nada além de cuidar da ferida. David a acompanhou até o sofá, a jovem ainda apoiava a mão dele com delicadeza. Marie retirou o caco com precisão e, com uma habilidade assustadora, rasgou um pedaço da barra da camisola para envolver a mão ferida e estancar o sangue.

Ela perguntou onde podia encontrar um pouco de água limpa, e David informou, maravilhado com aquela mulher. Marie limpou o ferimento com carinho e, com todo cuidado, improvisou um curativo. Ele jamais vivenciara tamanho cuidado, nunca alguém havia lhe tocado com tanto carinho e se preocupado com ele da forma como ela fazia.

Ele era o segundo filho, nunca havia recebido atenção dos pais, a não ser nos assuntos relacionados ao irmão, Thomas, o herdeiro. Enquanto ela envolvia a mão dele no tecido, sua voz doce o acalmava, como se David tivesse perdido um dedo. Ele ficou ali, observando a mulher incrivelmente doce e sedutora a sua frente.

— Obrigado. — Não tirou a mão do colo de Marie quando ela terminou.

— *Monsieur* teve muita sorte, se os cacos tivessem atingido um dos tendões, poderia perder os movimentos. — Ela ajeitou os tecidos que envolviam a mão ferida com cuidado. — Amanhã trocamos o curativo, mas vamos precisar de algo mais apropriado.

David sentiu uma felicidade pueril ao saber que poderia receber aquele cuidado novamente, mesmo ciente de que não poderia abusar da boa vontade de sua hóspede. Desviou os olhos, incomodado por não conseguir resistir à tentação de contemplar o ombro exposto da bela mulher.

— Não lhe trouxe roupas. — Condenou-se novamente por a estar observando deliberadamente.

Marie engoliu em seco, tinha se sentido tão à vontade ao lado dele que esquecera que havia se despedido para servi-lo em

pagamento a sua benevolência. Com a voz trêmula mas com o olhar determinado, anunciou:

— Estou pronta para pagar por sua generosidade.

David percebeu o receio em sua voz, deixou que os dedos livres deslizassem pela face alva, e ela não se esquivou do toque.

— Não estou cobrando nada, a única coisa que desejo é o seu bem-estar. — Fitou os olhos cor de jade. — Não que eu não a deseje, mas, se um dia a tocar, será porque me deseja, e não porque me deve. — Caminhou até a mesa e voltou com uma manta para cobri-la. — Ficar bem?

Atordoada, Marie o fitou com o coração aos pulos e uma sensação que não conseguia compreender. Decepção? Alívio? Talvez ele não fosse o anjo negro que ela supunha, talvez um anjo salvador. Apesar de seu inconsciente gritar para que não criasse julgamentos ou expectativas, havia um sentimento estranho, que ela não conseguia controlar. Confiava nele e, de uma forma inexplicável, ele lhe trazia paz.

Naquela noite David não conseguiu dormir. Tentou se lembrar de quando fora tocado daquela maneira. Não havia lembranças, sua mãe não era uma mulher de aproximações, seu pai raramente lhe dava alguma atenção. Mesmo que o marquês lhe dissesse algo, os olhares eram para Thomas.

David não se ressentia com o irmão pela predileção. Sabia que aquela era uma relação doentia, como tudo na casa dos Hervey. Thomas sofrera todo tipo de agressão física e psicológica por parte do pai, e, estranhamente, inúmeras vezes David desejara receber pelo menos uma surra. Por pior que isso fosse, saberia que o pai se importava com ele de alguma maneira. Mas isso nunca acontecera.

Ele cresceu aprendendo a se virar sozinho. Tinha o avô, o conde de Snowdon, e o tio, o duque de Sutherland, como um exemplo. Se um dia tivesse a própria família, seria um pai como o duque. Mas nunca se vira digno da atenção e do carinho de

ninguém, era isso o que sua mãe lhe dizia nas poucas vezes que lhe dirigia a palavra.

Aprendera a cuidar das pessoas a sua volta, quando via o irmão sofrendo em silêncio por tudo a que era submetido. Dera a ele e a todos a sua volta o que nunca tivera, e aquilo de certa forma alimentara sua existência. Até aquele dia.

Como um simples gesto podia trazer à tona algo que ele fazia questão de esquecer? David escondia no fundo da mente a falta que sentia de um abraço. Mantinha-se reservado, talvez para esconder de si mesmo os sentimentos que guardava. Mas Marie trouxera tudo à tona com um simples toque, um cuidado despretensioso, atencioso. Ela parecia não se dar conta da aura sedutora que emanava de seus movimentos, os ombros à mostra, o olhar compenetrado, que parecia ter abandonado a dor que mostrara naquela mesma noite. Naquele momento ele fora o centro das atenções.

A voz doce e melodiosa o acalmara como se ele fosse uma criança, a criança que brincava sozinha enquanto o irmão se preparava para ser o marquês de Bristol. David revirou-se na cama tentando desviar os pensamentos, mas era impossível não se lembrar do quanto esperara que o pai o obrigasse a seguir carreira militar, como era esperado para os segundos filhos. Mas George não se importava. Graças ao avô, lorde Granville, David fora orientado a não viver somente de renda e a ter uma ocupação.

Não seria um bom militar, David tinha certeza disso. Abrir uma livraria era o sonho que alimentara desde novo, quando se via entre os livros, trancado em uma biblioteca, sozinho; assim passara quase toda a vida. Embora qualquer nobre jamais admitisse que o filho se tornasse um comerciante, o marquês de Bristol nem sequer se interessara pelo futuro do filho caçula. Já lorde Granville, seu avô, ajudara-o, tudo o que David sabia devia a ele e ao tio, pois ambos foram como pais para ele. Entretanto o jovem nobre preferia não ocupar muito o avô, pois sabia que Thomas precisava dele, e que era para ele que sempre corria em busca de alívio. O tio, em contrapartida, tinha filhos demais com que se preocupar. David não seria um fardo para ninguém.

Quando os primeiros raios do alvorecer banharam o quarto, ele foi tomado por uma ansiedade inexplicável. Levantou-se, mesmo não tendo pregado o olho. Precisava providenciar roupas novas para Marie, um desjejum, uma cama confortável e tudo mais de que ela pudesse precisar. Também levaria suprimentos para a troca do curativo, ele se aproveitaria de cada momento ao lado dela, do cuidado que ela lhe oferecesse. Não usaria o corpo da jovem, se contentaria com um simples toque e com o sorriso discreto que escondia os olhos tristes.

Como era de costume, passou pelo quarto do irmão e o encontrou debruçado nos estudos. Logo que Thomas percebeu sua presença, convidou-o a sentar-se e mostrou-lhe os escritos no velho livro da família.

— Os Hervey são todos déspotas. A crueldade com que tratam seus arrendatários vem de séculos atrás; nunca imaginei que pudesse dizer isso, mas George parece o mais razoável.

— Sem dúvidas a luta pela abolição da escravatura mundial contribui para isso. — David acompanhou o trecho que o irmão apontava e repousou a mão ferida sobre a mesa.

— O que houve? — Thomas perguntou curioso.

— Não foi nada... — David sentiu-se tentado a contar para o irmão e não se conteve. — Conheci uma dama, ela estava na rua e a levei para a loja que lorde Granville me deu.

— Uma dama na rua?

— Uma francesa, veio do Palais des Plasirs.

— Uma cortesã... — Thomas coçou o queixo pensativo. — Como vai manter uma amante naquela loja caindo aos pedaços enquanto estiver em Cambridge?

— Ela não é uma amante. — Ele se levantou exasperado. — Vou encontrar um lugar para ela ficar, não posso deixá-la assim...

— David, não pode acolher essa mulher como se ela fosse um animal de rua. Pense no que está fazendo. Mulheres são traçoeiras, não vê como a marquesa se comporta?

— Nem todas as mulheres são como nossa mãe. Sarah, por exemplo, nunca...

— Não me venha com esse assunto novamente! — esbravejou Thomas.

David ergueu as mãos em rendição, não prolongaria aquela conversa, sabia que aquele assunto despertava sentimentos obscuros no irmão. Teve vontade de confidenciar-lhe o quanto se sentira acolhido com o pequeno cuidado de Marie, mas não perderia seu tempo. Thomas decerto não entenderia, pois nunca se dera conta dos cuidados que o cercavam, apesar de tudo. Ele estava cego pelo rancor, pela amargura e não valorizava os pequenos prazeres.

Decidido a não mergulhar nas profundezas sombrias de sua família, David deixou os pensamentos vagarem para a visão esplendorosa de Marie; ela parecia um anjo, um querubim no meio da própria treva. Seu toque macio, seus ombros tentadores, ele dificilmente esqueceria aquela noite. Farto da recriminação do irmão e ansioso para encontrar sua hóspede, saiu a passos largos; tinha muito o que fazer para garantir algum conforto para ela.

Desde que abrigara Marie em seu imóvel comercial, havia quase uma semana, David a visitava diariamente. Sua mão já estava quase curada, mas ele sempre encontrava uma oportunidade para que a jovem o examinasse. Ela era fascinante, e ele desconfiava de que já estivesse maravilhosamente acostumado com sua companhia.

Ela limpava e organizava a pequena casa nos fundos da loja, reformando os móveis com os tecidos que encontrara. Preparava os próprios alimentos na pequena cozinha, e David se encantava com suas habilidades culinárias.

O tempo que passavam juntos era extremamente agradável. David se sentia um patife cada vez que a via, desejando vê-la novamente somente com roupas de baixo.

Naquela tarde quando entrou no antigo atelier, surpreendeu-se com o que viu. Marie estava organizando tecidos, fitas e linhas. O lugar parecia a loja de uma modista renomada em pleno funcionamento. O balcão fora lustrado com perfeição, e ela exibia um sorriso encantador nos lábios.

— Que bom que chegou! — O sorriso dela era tão esplendoroso que para David foi impossível não sorrir também. — Tive um lampejo e creio que aprovará.

Avaliando os olhos verdes brilhantes, David constatou que nunca a vira daquela maneira, radiante, com um humor muito diferente da melancolia constante que marcava suas expressões mesmo nos momentos mais leves.

— Proponho que me conte lá dentro — sugeriu estendendo-lhe uma caixa. — Trouxe bolinhos. Por que não nos prepara um chá? Assim pode me contar sua ideia.

O chá de Marie não era lá essas coisas, o que era compreensível tratando-se de uma francesa, pensou ele com ironia. A estranha mistura de ervas deixava a bebida amarga, mas David não revelou isso, elogiou e bebeu concentrando-se para não fazer careta. Ela parecia ansiosa, batia os pés no assoalho, e ele postergou a conversa saboreando um bolinho. David a contemplou divertido, Marie era linda, e sua agitação a deixava ainda mais sedutora.

— Pois bem — ela se sentou de frente para ele —, você tem uma loja montada e muito bem-localizada, pelo que pude perceber. Eu preciso de trabalho, tenho que pagar pela minha estada e conseguir recursos. — Ela parou por um instante para avaliá-lo, David sorria enquanto lambia o creme que escorria pelos dedos esguios. — Não deixe cair na ferida, ainda pode infeccionar — recriminou-o e continuou a expor sua ideia, animada. — Em Paris eu costurava as roupas das dançarinas e das cortesãs, mas, depois que saí do Palais des Plaisirs, trabalhei com uma modista renomada. — Entrelaçou os dedos, mas ele percebeu que ela tremelicava as pernas num ato de nervosismo. — Posso abrir a loja para você. Eu recebo um pequeno salário, assim posso pagar pela minha hospedagem, e você pode lucrar um bom dinheiro.

David sentiu o coração afundar. Seria uma ideia maravilhosa, e ela realmente parecia empolgada. Lamentou negar-lhe um pedido feito de forma tão espontânea. Levantou-se e sentou-se ao lado dela, a uma distância que não poderia ser considerada respeitável.

Tocou as mãos dela, que se entrelaçavam em um movimento repetitivo, temendo decepcioná-la.

— Sinto muito, Marie. A loja entrará em reforma em breve, há anos tenho planejado abrir uma livraria. — Ele percebeu que o olhar radiante de segundos atrás havia desaparecido. — Em breve preciso voltar para Cambridge, e você não poderá ficar aqui. Mas não quero que se preocupe, eu a deixarei em segurança. Conseguirei um trabalho para você. Só preciso que me diga o que houve, para que eu possa ajudá-la.

Marie respirou fundo, sabia que, mais cedo ou mais tarde, ele a confrontaria. Havia abusado da confiança daquele homem que a acolhera sem perguntar o que havia acontecido. Respirou fundo, já havia ensaiado mil vezes as meias-verdades que contaria. E, mesmo sabendo que não poderia lhe dizer tudo, seria justo que lhe contasse parte de sua história.

— Sou neta da famosa madame Bourdon; não da que cuida do Palais des Plaisirs hoje, mas da que fundou a *maison close*. Eu não a conheci. — Deu de ombros e continuou. — Pelo que sei, minha mãe nunca se prostituiu, ela encontrou um conde inglês e se apaixonou. Acabou engravidando e, quando nasci, deixou-me com minha tia, para ir atrás do meu pai. Sei muito pouco da história, a única coisa que sei é que ela partiu me deixando para trás. — Respirou fundo tentando conter as lágrimas. — Eu nunca quis vender o corpo e nunca o fiz, não conscientemente. Trabalhava costurando, limpando, servindo, mas nunca me deitei com ninguém... — Uma lágrima escorreu involuntariamente. — Até o dia em que fui enganada por um inglês que me pediu em casamento, eu tola acreditei. Ele disse que voltaria para me buscar, mas demorou, e não pude esperar. Assim que encontrei uma maneira, fugi. Trabalhei dia e noite para conseguir dinheiro para vir para Londres. — Ela sentiu as mãos de David sobre as dela. — Vim atrás dele, e foi quando descobri que ele se casara com outra. A mulher dele pareceu se comover comigo e me jogou uma bolsa com muitas moedas, logo depois que deixei a casa; era tão pesada. Mas não tive tempo de contar, eu nem aceitaria o dinheiro — ela respirou fundo —, fui roubada por um menino. Um homem tentou alcançá-lo, mas

não sei se conseguiu pegá-lo, pois não voltou para me devolver. — Enquanto Marie relatava os acontecimentos, David percebeu que ela parecia reviver o ocorrido. — Fiquei apavorada, levaram tudo que eu tinha, inclusive minhas roupas. — Ela apertava o relicário que ornava seu pescoço, como se agarrasse a única coisa que lhe restava. — Logo depois você me encontrou.

David fechou as mãos em punho, tentando controlar a raiva que sentia. Teve vontade de desfigurar o rosto do demônio que a iludira, de estrangular o covarde que a saqueara. Sem se importar com o que era apropriado, ele a puxou entre os braços e acariciou os cabelos ruivos que se soltavam em cachos.

Marie nunca havia sido abraçada antes, não daquela maneira. A única experiência que tivera com um corpo masculino fora na noite em que se deitara com Phillip, que só cobrira seu corpo com o dele em busca de prazer.

Sentindo-se estranhamente protegida, fechou os olhos desfrutando do carinho doce e terno. Sua consciência gritava para que ela não se iludisse, mas a sensação de ser amparada era tão sublime que Marie se entregou. Não estava se iludindo, mas somente desfrutando de um pouco de acolhimento. Sabia que David partiria e, embora ele promettesse ajudá-la, era possível que nunca mais o visse.

— Meu tio, o duque de Sutherland tem uma casa em Shropshire. Ele tem duas filhas, e você certamente encontrará trabalho lá. Ele não negará um pedido meu. Partiremos no final da semana.

Por mais que Marie não quisesse ficar longe de Londres, não tinha como negar a oferta. David era o único que poderia ajudá-la. *Quem sabe, trabalhando na casa do tio de David, pudesse vê-lo novamente.*

Capítulo II

A longa viagem até a casa do duque de Sutherland foi incrivelmente agradável. David se encantava pela desenvoltura de Marie, que conversava abertamente sobre qualquer assunto, muito diferente das damas inglesas que ele conhecia. Ela se mostrava reservada na maior parte do tempo, mas havia entre eles uma conexão; bastava um simples assunto para que tagarelassem, independentemente de ser apropriado ou não.

Apesar da dor que sentia em deixar Londres, Marie preferiu encarar a situação como uma oportunidade. Não havia nada que pudesse ser feito naquele momento, estava resignada. Limitou-se a desfrutar a encantadora companhia de David, que se mostrava atencioso por toda a viagem.

— Conheço pouco sobre os costumes dos ingleses, mas imaginei que as *mesdemoiselles* estariam em Londres para a temporada — ponderou, enquanto contemplava cada detalhe pela janela.

— Lady Sarah Anson é a filha mais nova do duque de Sutherland, tem quinze anos e ainda não debutou. Lady Ann, a mais velha, tem a saúde frágil e quase nunca vai a Londres. Mas acredito que no próximo ano Sarah será apresentada à sociedade.

— Como elas são? — perguntou curiosa e logo se arrependeu; não sabia se era de bom tom fazer aquele tipo de indagação, mas percebeu que David continuava a agir com naturalidade.

— Sarah é a pessoa mais determinada que conheço, geniosa, inteligente, generosa e graciosa. Não parece ter a idade que tem.

— *Monsieur* parece ter grande admiração por ela.

— De fato, mas Sarah se casará com meu irmão assim que debutar. Apesar de ser considerado um bom partido, não sou um herdeiro.

Marie percebeu uma pontada de amargura naquelas palavras, o olhar de David perdeu o brilho de segundos antes. *Será que ele*

amava lady Sarah? Não conseguiu controlar a curiosidade e se assustou com a própria pergunta.

— Gostaria de se casar com mademoiselle Sarah?

— Qualquer homem em suas perfeitas faculdades mentais daria qualquer coisa para se casar com lady Sarah Granville Hervey.

— E mademoiselle Ann?

— Lady Ann é doce como uma calda de açúcar; apesar de sua enfermidade, nunca se queixa de nada. — David sorriu com desgosto ao pensar que o irmão, Thomas, prometido para Sarah, fora irrevogavelmente encantado por Ann.

Horas mais tarde, chegaram em Lilleshall. Marie nunca tinha visto nada parecido. Os jardins pareciam uma tela pintada; mesmo no fim do inverno, as sebes de tom verde-escuro emolduravam a paisagem bucólica e acolhedora.

Logo que a carruagem parou em frente ao enorme palacete, David pediu a ela que aguardasse, pois precisava informar ao tio o intento da visita antes de apresentá-la. Marie assentiu e se colocou em oração, precisava daquele trabalho.

A inesperada presença de David não causou espanto ao mordomo, pois o sobrinho do duque visitava Lilleshall com frequência. Ele e John, o herdeiro do ducado de Sutherland, estudavam juntos em Cambridge e sempre foram muito próximos.

Depois de ser informado de que o duque se encontrava em seu gabinete, David se dirigiu para lá imediatamente; teria tempo para ver os primos e passar algum tempo com eles antes de retornar para Cambridge.

O duque de Sutherland, lorde Augustus Hervey, sorvia um *brandy* quando o sobrinho entrou em seu escritório.

— Vejo que recebeu minha nota — o duque serviu um cálice para o sobrinho —, não esperava que viesse tão rápido.

— Não recebi sua nota, vim por outro motivo. — David aceitou a bebida e se sentou de frente para o duque.

— John está impossível, desde que lady Viollet se casou com o lorde Phillip Smith, bebe como um gambá e se recusa a ter uma conversa decente. Precisa me ajudar a colocar um pouco de juízo na cabeça de seu primo.

— Posso cuidar de John. Passarei uma breve temporada em Lilleshall e depois partiremos para Cambridge.

O duque estava debruçado sobre os livros contábeis. Por um instante se perdeu em suas anotações. David sorriu ao pensar que o tio fora praticamente um pai para ele. Augustus Hervey não era um homem convencional. Casara-se com a tia de David e ficara viúvo desde o nascimento de Sarah. O que tornava aquele nobre um homem tão peculiar era o amor com que criava os filhos. David desconfiava de que todo esse carinho vinha da amante do duque, Sra. Lucy Turner, governanta da casa, a mulher que havia criado e educado os filhos dele.

— Do que precisa, meu filho? Se não recebeu minha nota, algum outro motivo o traz aqui. E, se fosse somente para passar uma temporada, não viria direto ao meu encontro.

— Conheci uma francesa...

— Não me diga que você também caiu de amores? — Augustus passou as mãos pelos cabelos, exasperado. — Você e John estão me saindo dois tolos.

— Não é isso, sabe que não tenho ilusões românticas. Somente os sortudos como o senhor podem desfrutar um sentimento tão puro, principalmente quando correspondido. — David viu o semblante do tio se abrir em um sorriso genuíno. — Sobre essa dama, ela precisa de trabalho, perdeu tudo, foi iludida por um cavalheiro inglês.

O duque se reclinou na cadeira e colocou as mãos na nuca.

— Quanto a isso, sabe que não tenho muito o que fazer. Lucy é quem manda em tudo. Ela terá que aprovar a sua amiga. Peça à jovem que venha até aqui.

— Ela está lá fora...

— O que está me escondendo, David?

— Marie Bourdon, esse é o nome dela. Veio de uma famosa linhagem de cortesãs e fugiu para não ter o mesmo destino.

— Confia nessa mulher a ponto de colocá-la dentro de minha casa?

— Hospedei-a em minha loja por uma semana, se fosse uma ladra teria levado tudo que estava lá.

— Omita os detalhes comprometedores de Lucy. — Piscou para o sobrinho.

O duque pediu que chamassem a Sra. Turner e, tão logo ela chegou ao gabinete, David a abraçou com carinho. Era como uma tia, querida e atenciosa. Tratava-o com a mesma atenção que dedicava aos filhos do duque.

— Querida, acho que David trouxe a solução dos seus problemas. Uma camareira nova para Sarah.

Lucy se jogou na cadeira, aliviada. Em dois anos já havia contratado quatro criadas para a filha mais nova do duque. Sarah era geniosa e as deixava loucas, nenhuma durara mais de dois meses no cargo. Percebendo que enfiara Marie numa possível grande encrenca, ante a expressão divertida do tio e com o alívio de Lucy, David sorriu.

Shropshire, dezembro de 1852

Trabalhar para mademoiselle Sarah Hervey era bem mais agradável que imaginara. Logo que chegara a Lilleshall, Marie ouvira burburinhos entre a criadagem de que a jovem era difícil e geniosa, mas o que encontrara fora uma menina inteligente e determinada.

No início, Sarah se encantara com os penteados de Marie. As roupas da jovem lady também passaram por uma pequena transformação, com um toque francês. Isso fora suficiente para que lady Sarah caísse de amores pela nova camareira.

Marie não tinha do que reclamar, era muito bem tratada. Acostumada com os maus-tratos da tia, estranhou ao ver a fartura de comida que era oferecida aos criados. Mantinha-se reclusa, longe das fofocas e dedicada ao trabalho.

A Sra. Turner era uma mulher justa e muito atenciosa com todos os criados da casa. Logo nas primeiras semanas, Marie percebera que Lucy era muito mais do que uma governanta. Além de ser amante do duque de Sutherland, era tratada pelos filhos dele como uma mãe.

O clima era sempre agradável, a não ser quando o médico da família visitava a pobre Ann. Ela parecia piorar significativamente a cada consulta. O coração de Marie partia quando ela via a bela dama trancada no quarto; eram raras as vezes que Ann se aventurava em um passeio pelos jardins, acompanhada por Lucy, Sarah ou pelo próprio duque. Mesmo sabendo que não era sua atribuição, a francesa sempre passava pelo quarto da enferma, oferecia-lhe livros ou material para bordar. No início lady Ann a olhava desconfiada, mas, depois de tantos meses trabalhando naquela casa, a camareira era recebida com um sorriso encantador.

Até aquele dia Marie não tinha conhecido o filho mais velho do duque. Lorde John parecia ser querido por todos, e a família Anson se preparava para recebê-lo, pois naquela noite ele chegaria de Cambridge para as festividades de fim de ano. Marie ansiava para que David viesse com ele.

Caminhava distraída pelo extenso corredor, agradecendo a Deus o emprego que tinha. Precisava buscar alguns vestidos de mademoiselle Sarah, tinha a intenção de colocar rendas nas golas. Parou de repente, quando ouviu alguém chamando seu nome.

A voz calma e suave era insistente. Marie desviou-se seguindo outro caminho, percebeu que a porta do quarto de mademoiselle Ann estava aberta e entrou cautelosamente.

— Por favor, feche a porta — Ann pediu num sussurro. — Tenho observado você e espero não ter me enganado. — Marie percebeu a apreensão da jovem senhora, suas mãos tremiam e o rosto estava muito pálido. — Preciso de um favor.

— Estou aqui para servi-la, *mademoiselle*. — Fez uma reverência polida.

— Por favor, sem formalidades. Não temos tempo. — Ela entregou um frasco de remédio para a camareira. — Preciso que troque o conteúdo desse vidro. Algo amargo, viscoso e de cor

âmbar. Pensei em melado com um pouco de *brandy*, mas, se tiver uma ideia melhor...

— A senhora quer deixar de tomar os remédios?

— Deus permita que eu não me arrependa por estar lhe contando — Ann fez uma pausa e continuou —, estou sendo mantida na cama de forma proposital, temo que acabem me matando. O médico, a enfermeira, todos trabalham para ela. Por favor, precisa me ajudar. Não quero mais viver assim.

— A senhorita deveria contar para a Sra. Turner.

— Não posso, Joana me matará e acabará fazendo mal à Lucy também. Só lhe peço que me ajude, a cada novo frasco você precisará trocar o líquido.

Marie se viu em Ann, havia um pouco dela mesma naqueles olhos perdidos e desesperados, ou muito, talvez. Jamais lhe negaria aquele pedido, mesmo sem compreender de fato o que estava acontecendo. Sabia o que era ser mantida prisioneira e o quanto era difícil encontrar pessoas dispostas a ajudar sem pedir nada em troca, em momentos difíceis. Não conseguia imaginar que tipo de pessoa faria mal a uma jovem tão meiga. *Joana! Ann revelara o nome de seu algoz.* Pelo que Marie ouvira entre os criados, Joana era a mãe de David e de Thomas, a futura sogra de Sarah, e irmã da falecida duquesa de Sutherland.

Mesmo sem saber no que estava se metendo e de tudo que viria pela frente, Marie resolveu atender às súplicas da lady. A partir daquele dia, ficaria responsável por trocar o conteúdo dos frascos de remédio de Ann.

Mais tarde naquela noite, Marie o viu. Surpreendeu-se ao sentir o coração acelerado e um sorriso tolo nos lábios, quando colocou os olhos em seu anjo salvador. Se fosse possível, diria que ele estava ainda mais bonito. David revelara, certa vez em Londres, que tinha somente vinte e dois anos; ela tinha vinte e cinco. Ele parecia mais velho, experiente. E, apesar do rosto angelical, Marie sabia que, por trás daqueles olhos cor de mel, habitava a alma mais benevolente que ela conhecera. Graças a ele, conseguira juntar algum dinheiro e, um dia, poderia voltar a Londres para resgatar o que lhe pertencia.

David jantava inquieto, apesar de estar feliz na companhia de Sarah, John, Lucy e do tio Augustus. Queria vê-la. Ansiava pelo fim da refeição para que pudesse procurá-la. Olhou para o primo. Já havia alguns meses John se escondia atrás daquela máscara de indiferença perante o mundo; evidentemente a desilusão amorosa que sofrera deixara marcas. Nos olhos do tio e de Lucy, David via cumplicidade e carinho. Já Sarah, tinha aquele olhar sonhador. Pelo visto ainda nutria esperanças de que um dia Thomas, seu futuro marido, pudesse corresponder aos seus sentimentos.

Diante de David, estavam as mais variadas faces do amor. Pensou que, se pudesse racionalizar, seria mais fácil convencer Sarah a se casar com ele. Ela era uma mulher instigante e que parecia não se importar com um título. Ele poderia ser um bom marido para ela e aprenderia a amá-la com a convivência. Sabia que o irmão não entregaria o coração a ela, Thomas era um tolo. Decidiu que se aproximaria da prima, estaria lá para ampará-la e se casar com ela no dia em que fosse abandonada pelo possível noivo.

Mas, mesmo que David soubesse o que era o certo a fazer, a vontade de estar perto da bela francesa lhe corroía as entranhas; ele precisava ver aqueles olhos cor de jade. Ansiava por vê-la sorrindo novamente, como no dia em que a encontrara na loja.

Depois da refeição, David e John foram jogar uma partida de xadrez na biblioteca. Era um cômodo amplo com mais de cinco mil volumes, e, entre as estantes, Sarah viu o irmão e o primo se aproximarem. Ela já estava acostumada a ouvir as indecorosas conversas dos dois e gostava de ficar escondida, para não perder nenhum detalhe.

— Viu a nova camareira de Sarah? — John perguntou intrigado.

— Não me diga que já se curou dos encantos de Violet — David brincou, mas estava enciumado com o interesse do primo.

— Não é isso, tive a sensação de já tê-la visto.

— Paris, Palais des Plaisirs.

— Uma cortesã? Como ela veio parar aqui?

Sarah, assustada com o rumo da conversa, deixou o livro que estava em suas mãos cair no chão, fazendo os cavalheiros se

calarem.

— Sabemos que está aí, Sarah — John anunciou com um sorriso de deboche nos lábios.

Sarah se juntou a eles, mas não tocou no assunto. Guardou aquela informação para si, saberia utilizá-la no momento que lhe fosse oportuno.

Sem saber que estavam sendo observados por Sarah pela janela, David e Marie se encontraram no jardim leste, lá pelas tantas. Ele havia lhe enviado uma nota marcando o encontro. Ao ver o bilhete, Marie deixou-se iludir com a possibilidade de que ele também ansiava por vê-la.

David caminhava ansioso, somente a possibilidade de estar na companhia de Marie acalmava seu coração. Iluminada pela luz da lua, lá estava ela. Com os cabelos presos, mas com cachos caindo sobre os ombros. Ele teve vontade de correr para abraçá-la, ansiava tocar nos fios cor de cobre mais uma vez.

Foi surpreendido quando ela, que pareceu ler seus pensamentos, sorrindo como uma menina, jogou-se em seus braços. David a abraçou demoradamente e, incapaz de se controlar, deixou que os cachos sedosos escorressem pelos dedos.

— Desculpe. — Ela se afastou de repente, com as bochechas coradas e o olhar envergonhado.

— Não se desculpe — ele chegou mais perto —, também tive vontade abraçá-la logo que a vi.

Juntos caminharam entre os teixos, contornando o caminho que levava até uma pérgola, longe das vistas curiosas de quem estivesse na janela.

— Nunca tinha abraçado ninguém na minha vida antes, somente você naquele dia. Acho que agi por impulso, *pardon, monsieur...*

Marie estava confusa, não sabia se aquele comportamento era adequado; poucas vezes vira, no tempo em que estivera naquela casa, as pessoas demonstrando tamanho afeto publicamente. Com

exceção de lady Sarah, que surpreendia a todos com seu comportamento irreverente.

— Já pedi que não se desculpe — tocou-lhe o pulso nu, Marie não usava luvas —, espero que esse não seja o único abraço desta noite. — Ele a olhava intensamente. — Por favor, preciso saciar minha curiosidade, nunca ninguém a abraçou antes?

— Não. Nunca deixei as pessoas se aproximarem dessa maneira. Conte-lhe um pouco de minha história, acredito que tenho motivos suficientes para desconfiar das pessoas. Afinal, meu destino é ser abandonada.

— Acredita em destino?

— Não, mas me parece a explicação mais razoável. — Ela parou e se sentou em um banco. Percebeu que estava no meio de um roseiral, que, apesar de não ter nenhuma flor, deixava ver botões discretos entre os espinhos.

— Eu não a abandonei. — Ele se sentou ao seu lado.

— O senhor foi a pessoa mais benevolente que encontrei em minha vida. Nunca poderei retribuir tudo que fez por mim.

— Talvez com uns dois ou três abraços — falou sorrindo e recostando-se ao assento. — Bem, pelo que percebi você sobreviveu à lady Sarah Anson.

— Ah! Ela é encantadora, o senhor tem motivos para nutrir tamanha admiração. Hoje entendo perfeitamente o que disse, que qualquer cavalheiro gostaria de se casar com ela.

— Menos meu irmão — pensou alto.

Marie queria fingir que não ouvira, tinha consciência de que era uma reles criada naquela casa. Mas desejava a felicidade de sua senhora.

— Ela parece tão apaixonada; apesar de tão nova, estuda dia e noite. Tudo que faz é pensando em lorde Thomas.

Desconfortável com aquele assunto, David resolveu colocar um fim no passeio.

— Ficarei uma semana em Lilleshall, espero que possamos passear novamente. — Tocou-lhe a mão com carinho. — Ficaria feliz se ganhasse mais um abraço agora.

Ele se levantou e estendeu a mão para ajudá-la. Levando as mãos de Marie aos lábios, aspirou seu perfume e as beijou com reverência. Em seguida abraçou-a, sentindo o cheiro de jasmim que emanava de seus cabelos.

Marie se deliciou com o carinho, nos braços de David sentia-se protegida, amparada. Aconchegou-se temendo que aquele momento terminasse logo e sentiu uma doce agonia contorcê-la por dentro. Seu coração parecia um cavalo desgovernado, trotando a caminho do abismo e, incapaz de suportar tamanho descontrole, ela se afastou. Iludida de que estaria salva, sentiu os lábios de David sobre a testa e fechou os olhos aturdida.

— Preciso descansar, foi uma viagem longa.

— Claro, ficarei mais um pouco.

Sem olhar para trás, David caminhou de volta para a casa. Estar com Marie era um bálsamo, o momento em que ele não era o protetor de Sarah, o amigo de John ou o conselheiro de Thomas. Ali, nos braços da francesa, era ele mesmo, pleno. Mas sabia que tinha obrigações, sua família dependia de seu bom senso e de seu apoio. Mesmo que não enxergassem, David se tornara aquele que era chamado para apartar desavenças, oferecer consolo, ou simplesmente para estar perto dos que precisavam. Às vezes, sentia-se farto de ser o porto seguro de todos. Queria alguém para ampará-lo, alguém que cuidasse de suas feridas, não só as do corpo, mas também da alma. E, nos braços de Marie, encontrara algo muito além do que paz, encontrara aquilo que sempre oferecera e que jamais recebera.

Tão logo entrou no casarão, seguiu para o gabinete do tio, sabia que o duque de Sutherland estaria lá àquela hora.

— Entre, meu filho — o duque o convidou quando o viu, pensativo, parado junto à porta. — Já estava indo me recolher, Lucy acha que tenho trabalhado muito durante a noite.

— Conversamos amanhã, então. — Ele fez menção de se retirar.

— Sente-se. — O duque serviu duas taças de vinho do Porto e ofereceu uma ao sobrinho. Em seguida, colocando a garrafa sobre

a mesa, olhou-o interrogativo. — O que o aflige? John aprontou alguma coisa?

— Não, ele tem se mantido distante de tudo e de todos.

— Encontrando uma forma de lidar com os próprios sentimentos.

— Sempre sábio, querido tio. — David ergueu a taça num brinde e virou o conteúdo em um só gole. — Eu me preocupo com Sarah.

— Seu avô mandou uma carta, e Thomas mandou outra. Eles pedem que o debute de Sarah seja adiado. Eu me pergunto se não está na hora de desfazer esse acordo de casamento estúpido.

— Caso o senhor se decida por isso, gostaria de deixar claro que tenho a intenção de reparar os erros de meu irmão. Se Thomas não se casar com Sarah, eu me casarei e farei tudo o que estiver ao meu alcance para fazê-la feliz.

— Você lembra muito a sua tia. — O duque coçou o queixo pensativo. — Juliet era altruísta assim como você, colocava todos à frente de si mesma. Ela não foi feliz, David.

— Acredito que isso não seja algo que eu possa mudar, está na minha natureza.

— Sei disso — ele serviu as duas taças novamente —, sei que será um ótimo marido para minha filha, mas nós dois sabemos que não existe ninguém mais teimoso no mundo do que Sarah. Então vamos aguardar para ver qual será a reação dela quando souber que sua primeira temporada será adiada. Antes disso, não temos nada a fazer.

— Como consegue manter tanta calma diante do caos?

— Lucy, meu querido sobrinho. Ela é meu porto, meu recanto, meu refúgio, é nos braços dela que encontro minha paz e forças para enfrentar cada dia.

— Desconhecia seu lado romântico — zombou, serviu-se de mais um pouco de vinho e virou o cálice mais uma vez.

— Não sou um homem romântico, diante de minha situação não poderia ser, mas, no dia em que casar meus filhos, vou retribuir o amor e o carinho que recebo de Lucy e me tornarei motivo de chacota em todo o Reino Unido.

Dito isso, o duque se levantou e bateu no ombro do sobrinho. David sorriu pensativo, ele se parecia mais do que imaginava com o tio, apesar de não haver qualquer relação de consanguinidade entre eles; também esperaria que todos a sua volta se resolvessem, quem sabe assim poderia encontrar um amor como o de Augustus e Lucy.

Capítulo III

Marie não conseguia dormir, o calor dos braços de David estava gravado em seu corpo. Nunca tivera nada parecido com o que vivera naquela noite. Contemplando a lua pela janela de seus aposentos, tentava voltar à realidade. Não poderia se iludir mais uma vez, a vida lhe dera uma rasteira, e ela tinha como certo que era para ensinar-lhe algo.

Na pequena mesa ao lado da cama, seu caderno estava aberto. De um lado as contas de quanto ainda precisava para pagar o saco de dinheiro que a viscondessa havia lhe dado; do outro, desenhos de vestidos. Ideias que lhe vinham à mente nos momentos em que a angústia a consumia. Era seu passatempo, talvez uma paixão, se pudesse se dar ao luxo de tal coisa.

Pensava que talvez devesse encontrar uma maneira de ocupar melhor o tempo. Para alguém acostumado a dezoito horas de trabalho por dia com madame Bourdon em seu encalço, a casa do duque de Sutherland era o paraíso do ócio.

Sarah vivia estudando e, apesar de geniosa e perspicaz, não lhe dava muito trabalho. Dessa maneira, Marie podia dedicar parte do tempo a Ann. E seria exatamente aquilo que faria no dia seguinte.

Tentando encontrar qualquer empatia com o sono, recostou-se na cama, fechando os olhos; a única imagem que lhe veio à mente foi a de seu anjo salvador.

Naquele mesmo instante, parado diante da porta do quarto de Marie, David alisava a maçaneta sem saber como agir. Queria entrar, vê-la dormir, cobri-la ou dar-lhe um casto beijo de boa-noite. Mas aquilo era inadmissível. O fato era que ansiava por mais um abraço.

Estivera no escritório do tio até aquela hora da madrugada. Tinha consciência de suas obrigações, deveria se casar com Sarah, caso Thomas desistisse do acordo de casamento. Mas seu corpo parecia ter vida própria, um ímã que o atraía para a bela mulher de

cabelos cor de cobre, olhos sofridos e um sorriso escondido em algum lugar. Queria fazê-la sorrir, era o que mais queria.

Deixou que o nó de um dedo tocasse a porta. Se ela estivesse acordada, abriria. Talvez ele conseguisse mais um abraço, mas se contentaria com a simples visão de Marie. Esperou pelo que pareceu uma eternidade, tempo quase insuficiente para que recobrasse a razão e deixasse a porta do quarto da camareira da prima que um dia poderia ser sua esposa.

A semana passara rapidamente, Lilleshall vivia uma agitação que Marie jamais vira. Ela soubera pelos corredores que o debute de Sarah havia sido adiado, mas sua senhora não demonstrara qualquer sentimento sobre o assunto. Enquanto preparava a roupa de dormir de Sarah, a camareira lamentou que não fossem a Londres, estava ansiosa para voltar à cidade que lhe roubara a vida, mesmo que ainda não pudesse resgatar o que era seu; queria somente estar perto.

De soslaio, viu a jovem lady limpar os olhos. Sarah tinha a discrição e a elegância de uma rainha. Marie percebeu o quanto estava enganada; assim como ela, sua senhora sofria, mas guardava os sentimentos no bolso. Certa vez Sarah lhe dissera que as pessoas tinham duas vidas, uma dentro de casa, outra fora dela. Mas Marie ousaria corrigi-la, existe uma vida dentro de cada um e outra fora.

Discretamente estendeu o lenço para Sarah, que aceitou com um sorriso irônico nos lábios.

— Se disser a alguém que me viu chorando, eu lhe darei as ceroulas de John para cerzir. — Não era uma ameaça, mas sim um dos comentários espirituosos que ela utilizava para desviar o rumo das conversas.

— Jamais revelaria qualquer intimidade da senhora. — Com os olhos fixos no chão, aceitou o lenço que lhe era devolvido.

— Às vezes temos que nos permitir cair — a jovem senhora, com seus quase dezesseis anos, parecia uma anciã aconselhando sabiamente —, as lágrimas usadas com sabedoria nos fazem mais

fortes, lavam a alma de toda a tolice e fazem brotar a determinação. — Marie sorriu fracamente sem saber o que dizer. — Passando as festividades de Natal, arrume meus baús, posso não participar da temporada, mas preciso ir a Londres. Há livros que preciso comprar e, acima de tudo, preciso mostrar a Thomas que seus rompantes influenciados por lorde Granville não me abalam.

Um sorriso genuíno tomou o rosto de Marie, não só por ela saber que iria a Londres como ansiava, mas também pela força das palavras de Sarah. A francesa conhecia bem os momentos de tempestade. Apesar de toda desgraça de sua vida, era grata por ter conseguido deixar Palais des Plaisirs e, mesmo com tudo fora do lugar, também acreditava que as lágrimas, ainda que secas, de hoje eram a colheita do amanhã.

Enquanto ajudava a futura marquesa de Bristol a se despir, Marie desejou comemorar a boas notícias e a renovação de suas esperanças nos braços daquele que lhe mostrara o mais genuíno de todos os carinhos.

Uma semana havia se passado desde que David estivera a sós com Marie. Todas as noites ele se vira parado no corredor que dava acesso aos aposentos dos criados, sempre buscando coragem para entrar no quarto dela.

Passara quase todo o tempo tentando controlar a vontade de estar ao lado da mulher que lhe roubara o sono. Agora se rendia, da maneira mais inapropriada, parado junto à porta do quarto de uma dama, àquela hora da noite.

David passou a pequena nota pela fresta da porta, era um pedido, uma súplica para um encontro. Os dias anteriores tinham sido tensos e carregados de incertezas. Seu futuro estava nas mãos dos caprichos do irmão. Tivera que lidar com o mau humor crônico e com as tendências autodestrutivas de John, os poucos momentos de calma aconteciam quando conversava com o tio ou com Lucy, que sempre fora como uma tia para ele.

David não seria hipócrita de negar que sua inquietação vinha principalmente pela sensação de ter experimentado algo tão sublime num curto espaço de tempo. A sensação de ser ele mesmo, e não o escudo protetor de sua família.

E era exatamente aquilo de que precisava, mesmo sem saber. Alguém com quem pudesse conversar sobre o tempo, ou até mesmo acerca de seus tormentos. Abriu a porta que dava acesso ao jardim de hortênsias, caminhou sem pressa, talvez até sem esperanças de que Marie aparecesse, mas para sua surpresa a viu sentada em um dos bancos mais afastados, alimentando o gato de Ann.

— Acabei de deixar, debaixo de sua porta, uma nota pedindo que me encontrasse — anunciou assim que se aproximou.

Como se alguém tivesse ouvido as súplicas de Marie, ela o viu. Elegante como sempre, trazendo consigo um sorriso contagiante e com olheiras escuras que marcavam o rosto de querubim. Num ímpeto de completo desembaraço, ela se colocou de pé e o abraçou.

O mundo parou. Marie fechou os olhos saboreando a sensação de torpor. Cada centímetro de seu corpo formigava com o contato, roubando-lhe os sentidos. Ela deitou a cabeça no ombro forte, e ele afagou os cabelos cor de cobre que se soltavam do coque apertado. Passaram segundos, minutos, mas a sensação era de que, mesmo que se passasse uma eternidade, não seria suficiente.

David se afastou para olhá-la, segurou a mão delicada e juntos se sentaram.

— Senti falta do seu abraço — ele revelou depois de beijar a mão dela com carinho. — Não deveria lhe contar, mas estive na porta de seu quarto todos os dias.

— Também senti sua falta — confessou num sussurro, olhando para baixo, a intensidade do olhar dele era desconcertante.

— Depois daquela noite, eu me dei conta do quanto sou sozinho...

— Não diga isso, *monsieur* está sempre cercado de pessoas, é tão querido por todos.

— Somos amigos, por favor, dispense as formalidades. — Envolveu a mão dela com a sua. — David, me chame de David. —

Ele deixou o polegar deslizar pelo pulso de Marie. — Muitas vezes as pessoas me cercam para resolver suas próprias questões, sou bem mais invisível do que parece.

— Um cavalheiro como o senhor dificilmente passaria despercebido onde quer que fosse.

— acredite, muitas vezes sou uma tapeçaria jogada no chão, por onde as pessoas passam e que dificilmente notam. — Ele levou a mão ao queixo. — Acho que já me acostumei. Soará estranho o que vou dizer, mas, mesmo que ninguém me cobre, eu me sinto responsável pela felicidade das pessoas e, na noite em que cuidou de mim, pela primeira vez enxerguei que tenho necessidades...

— Necessidades? — Ela tirou a mão rapidamente.

— Por favor, não me interprete mal, não quis ofendê-la, muito menos faltar-lhe com o respeito. — Ele passou as mãos pelos cabelos. — Estou sempre a postos para ouvir e ajudar as pessoas e muitas vezes me esqueço de falar.

— E o que tem vontade de dizer?

— Sobre a situação de Sarah, por exemplo. Tenho consciência de minhas obrigações, e, se fosse ouvir meus sentimentos, não me casaria com ela, mas a minha razão me obriga a tal feito, caso meu irmão não o faça.

— Não é um pensamento comum aos homens, bem, eu acho, não conheço muito sobre pessoas.

— Tem razão, andei refletindo sobre isso. Por causa da livraria, tenho lido muitos romances para senhoras. Confesso que esse tipo de literatura traz à tona algumas contradições sobre o conceito de amor.

— Não seriam visões diferentes? Homens e mulheres?

— Talvez — ele parou pensativo —, então me responda. Para você, o que é o amor?

— Sinto-me em desvantagem nesses questionamentos, não tenho parâmetros e os poucos livros que li a respeito tinham um conteúdo um tanto quanto inadequado, por assim dizer. Madame Bourdon não investiria em livros para iludir corações, temia perder suas meninas para as ilusões sobre sentimentos.

— Um bom ponto. Mas, por favor, diga-me. Nem que seja com uma breve divagação.

— Lamento decepcioná-lo. Mas não faço a mínima ideia do que possa ser. — Ela sorriu se divertindo com a conversa. — Diga-me você.

— Pois bem — ele se recostou levando as mãos à nuca —, sempre acreditei que o amor fosse respeito, cuidado. Mas recentemente tenho observado certo fanatismo de Sarah em relação ao meu irmão; ela fala em cumplicidade, companheirismo, carinho, contato físico, mesmo que tudo isso seja inadequado. Acredito que seja um novo conceito do amor romântico.

— Lady Sarah costuma dizer que existem duas vidas, uma na sociedade e outra fora dela. Confesso que acho os ingleses bastante controversos — ela o fitou curiosa —, isso me faz questionar, como o conceito de amor pode se relacionar com sua questão com mademoiselle Sarah?

Depois que as palavras deixaram sua boca, Marie se deu conta de que havia ido longe demais. Ela era uma reles criada, e aquele assunto definitivamente não lhe dizia respeito. Mas David permaneceu relaxado ao seu lado e não hesitou em responder:

— Bem, levando em conta o conceito clássico de amor, eu não faria objeções se tivesse que me casar com minha prima, mas, do ponto de vista romântico, temo não conseguir corresponder a tais anseios. Não falo na parte da amizade, cumplicidade, mas na questão que compete a sentimentos intensos. Ela é como uma irmã para mim.

— Alguma dama já despertou tais sentimentos desconcertantes no senhor? — mais uma vez tomada pelo impulso, ela deixou escapar os pensamentos.

David se ajeitou no banco e a fitou intensamente, como se buscasse respostas.

— Não — correu o polegar pelo queixo dela sem desviar os olhos —, não que eu tenha consciência. E você?

— Como disse, não tenho parâmetros para tal avaliação. — Baixou o olhar sentindo-se em brasas pelo toque.

David não iria desistir. Queria que os olhos de Marie dissessem a ele aquilo que a boca não verbalizara. Desejou ouvir o próprio nome sendo pronunciado num delicioso sotaque francês, pelos lábios rosados e absurdamente sensuais dela. Mas nada foi dito, apenas o chirriar de uma coruja não muito distante. Estavam conectados somente pelo olhar silenciosamente barulhento. Incapaz de resistir, ele a beijou no canto dos lábios demoradamente.

— Obrigado — agradeceu num sussurro —, até as conversas mais desconexas, com você, são tranquilizadoras.

— Lamento decepcioná-lo, mas não achei sua divagação desconexa. — Ela sorriu, ainda hipnotizada pela onda de intimidade. — Não que eu possa me permitir devaneios sobre tais sentimentos. De onde vim, a realidade é cruel e impiedosa.

— Talvez você deva se permitir leituras sentimentais.

— Talvez. — Ela se levantou e ajustou as saias do vestido.

Antes que o breve encontro terminasse, David se levantou e a abraçou mais uma vez. Deixou de lado as inquietações, os questionamentos e mergulhou no prazer insano que sentia cada vez que o corpo de Marie estava próximo ao seu.

O pequeno lápis deslizava pela folha do caderno suavemente, reforçando as curvas do desenho do corpete trabalhado com rendas e pérolas. Aos poucos os leves traços de carvão cobriam as anotações com as contas que Marie havia feitos pouco antes de deixar-se levar pela inspiração. Ela calculou cada moeda de que precisava para resolver seus problemas. Quando se viu cansada e quase sem esperanças, deixou que aquela inspiração melancólica a tomasse. Desenhar era seu refúgio, a calma no meio da tormenta de seus pensamentos.

Espalhados pela pequena mesa, alguns tocos de lápis e uma navalha. Todos refugos da casa do duque, que seriam descartados. Lucy, em sua infinita benevolência, distribuía entre a criadagem os objetos que não seriam mais usados; assim Marie conseguira o caderno e o material de desenho. Enquanto a habilidosa mão dava

forma ao vestido, a mente vagava sem destino. Talvez pudesse se dar ao luxo de comprar lápis novos, pensava, mas logo a realidade a assolava. Precisava juntar cada xelim.

Já estava acostumada com a escassez, sempre vestia trapos e comia sobras. Se fosse sincera consigo mesma, admitiria, nunca vivera tão bem como na casa do duque de Sutherland. Devia aquele emprego a David.

Seria egoísmo de sua parte, e certamente uma viagem sem volta para a melancolia, se concentrasse os pensamentos em seu maior problema. Não poderia, precisava manter-se forte e evitar emoções. Emoções eram traiçoeiras, e ela aprendera a duras penas que a mais venenosa delas era a esperança.

Não que lhe faltasse fé em relação aos dias vindouros, confiava que poderia ajudar Ann. E foi nesse pensamento que se focou enquanto desenhava minuciosamente a renda que contornava o corpete. Com o adiamento do casamento de mademoiselle Sarah, Marie ainda tinha um ano para ajudar Ann. Precisava agir com engenhosidade e cautela ao sugerir a Lucy uma segunda opinião médica. Já ficara claro que era ela quem mandava naquela casa e que o duque jamais negaria um pedido da amante. Com a situação de Ann em mente, a francesa ganhou mais determinação, eram os objetivos que a alimentavam nos últimos dezesseis meses. Ajudaria a jovem a se livrar do médico, mas sabia que não seria fácil, pois via o quanto ela sofria com a ausência dos remédios.

É exatamente isso o que David faria se estivesse no meu lugar, pensou tocando os lábios, sorrindo, deixando um rastro de carvão na face alva. Para Marie, David era uma inspiração, um exemplo de benevolência e altruísmo que ela jamais imaginara possível, principalmente vindo de um cavalheiro inglês. Ele a fazia crer que era possível, que ela conseguiria e que, acima de tudo, não estava só.

Em um momento de fulgor, deixou que o lápis deslizasse até a margem do caderno, criando uma pequena cauda no vestido. Para Marie, aquele excesso de tecido representava a esperança, a fé que deveria acompanhá-la a cada passo de sua caminhada.

Passadas as festividades de fim do ano, lady Sarah estava inquieta, ansiosa pela viagem a Londres. Já Marie, apesar de animada para a breve estada na cidade que acolhia seu bem mais precioso, sentia-se incomodada com a situação de lady Ann. No dia anterior à viagem, Sra. Turner chamara Marie no gabinete do duque.

— Marie, lamento não poder acompanhá-las até Londres, mas a Sra. Pattel irá com vocês — a governanta parecera medir as palavras. — Ela acompanhará Sarah nas lojas, não será necessário que o faça.

— Como quiser, *mademoiselle*.

— Confio em você e na Sra. Pattel também, por isso peço que me escreva com frequência, que fique de olho em John. Sei que não é sua atribuição, mas meu menino anda tão perdido... — Marie percebera que Lucy chorava discretamente. — Queria muito poder acompanhá-las, mas Ann...

— Sra. Turner, se me permite tamanha insolência — buscara aprovação nos olhos da governanta —, lady Ann não parece reagir muito bem ao tratamento, deve haver algum outro médico, uma segunda opinião, talvez.

Lucy havia se sentado, levando as mãos aos olhos.

— É o médico dos Granville, o mesmo que cuidou da duquesa. Dr. Lewis afirmou que o melhor para Ann é o manicômio... — Lucy confessara demonstrando toda sua dor.

— Por favor, não permita, vossa graça. — Marie se pusera de joelhos em súplica.

— Não sou sua graça, Marie...

— É a senhora desta casa e, para mim, a senhora é a duquesa. — Fizera uma reverência obsequiosa, ainda de joelhos. — Só peço que pense em minha humilde sugestão, lady Ann merece uma chance. Uma vez vi um médico novo aqui, o que presenteou lady Ann com o gato, fez tão bem a ela.

— Dr. Anthony, o filho mais novo do barão de Lynedoch. — Lucy parecera ponderar a ideia. — Ele veio aqui quando Dr. Lewis

esteve na Escócia e Ann precisou de atendimento. Irei sugerir ao duque, obrigada, Marie.

— Como disse, vossa graça, estou aqui para servi-la.

Lucy sorria com tristeza e se ajoelhou de frente para Marie. Com os olhos cheios de lágrimas, ajudou a camareira a se levantar; estava decidida, tentaria o que fosse preciso para dar uma chance a Ann.

Capítulo IV

Londres, janeiro 1854

Havia se passado um ano desde a última vez que David vira Marie. Tentou se manter distante, tanto dela como de Sarah. Fazia contato com a prima somente através de cartas, sempre focando nas contas da livraria. Sarah era incrivelmente habilidosa com os números.

A indecisão de Thomas em se casar acorrentava David, que, mesmo que se sentisse preso às suas responsabilidades, não conseguia parar de pensar nos controversos sentimentos que nutria pela camareira da prima. Antes julgava que Marie era a única a quem não precisava amparar, mas estivera equivocado. Ele a amparara, garantia sua segurança, sustento, e em contrapartida ela o confortava em cada gesto.

Bastava um simples sorriso para que o jovem tivesse certeza de que ela havia feito muito mais por ele, do que ele por ela. Quando os olhos cor de jade reluziam, o peito dele inflava. Uma sensação estranhamente assustadora, um acalanto para o fardo que carregava.

E, mesmo que seus sentimentos continuassem nublados, desesperadamente confusos, David já não poderia fugir. Elas chegariam naquela tarde, e a única certeza de que tinha era de que ficaria para sempre com uma das duas. Marie ou Sarah. Poderia

cunhar o retrato das duas, um em cada lado de uma moeda e entregar ao irmão; Thomas, que decidiria o futuro de todos eles.

Divagava alheio, enquanto cavalgava. Quando chegou ao seu destino, desmontou e entregou o cavalo a um cavaliço. Diante da loja do florista mais renomado do Reino Unido, providenciaria flores para Sarah, em nome de Thomas. Era o mínimo que seu irmão podia oferecer à possível futura noiva. Um senhor grisalho, trajado com esmero, porém em tecidos modestos, recebeu-o com polidez. Nenhum aristocrata passava despercebido nas lojas de Londres. David fora recebido com pompa pelo senhor, que parecia já estar acostumado com os mais exigentes clientes.

— Como posso servi-lo, milorde?

— Venho a pedido de meu irmão, com o encargo de enviar flores a sua prometida.

— Alguma em especial, milorde?

— O que sugere?

— Cada flor é única e tem um significado especial. As rosas são o símbolo do amor, mas creio que não tenha brancas o suficiente para fazer um arranjo à altura de uma futura marquesa. — David esperou que ele continuasse, ciente de que não era apropriado usar qualquer outro tom senão o branco para presentear uma dama solteira. — Os narcisos, apesar de sua beleza, significam amor não correspondido; nesse caso o mais adequado seriam orquídeas, que simbolizam amor, fertilidade, consideração e encanto.

David não tinha dúvidas, as flores deveriam dar algum sinal a Sarah.

— Por favor, entregue, na casa do duque de Sutherland, um arranjo de narcisos. — Tateou o bolso à procura do cartão que praticamente obrigara o irmão a assinar e o entregou ao homem.

— Perfeitamente, milorde.

Antes que pudesse pagar as flores e deixar a loja, David foi atraído por um perfume inebriante, seus olhos pararam em uma flor robusta, de pétalas largas e folhas de um tom de verde escuro que lembrava os olhos de Marie.

— Que flores são essas?

— Gardênias, milorde. Simbolizam amor secreto.

— Por favor, prepare um arranjo. Peça para entregar em minha livraria. — Queria entregá-las a Marie pessoalmente, não daria a nenhum mensageiro o prazer de ver as íris cor de jade reluzirem. Queria aquele prazer somente para si.

À tarde na livraria, não conseguiu se concentrar em nada. Principalmente depois que sua encomenda chegara. Ornando sua escrivaninha, as gardênias lembravam-no dela a todo momento. David já havia enviado uma nota marcando um encontro com Marie após o jantar. Faria a refeição com os familiares e depois a levaria até a livraria; queria lhe mostrar como havia ficado a loja depois da reforma. No ano anterior, quando ela estivera em Londres, não tivera oportunidade.

Os jantares em Anson's House eram sempre festivos, animados, e, apesar da longa viagem, ninguém demonstrava sinais de cansaço. John parecia ansioso para o retorno à vida boêmia, o duque de Sutherland trocava amabilidades com Sra. Turner, que se juntava à família nas refeições quando não tinham convidados formais, e Sarah tagarelava sobre alguma invenção nova, deixando David ainda mais ansioso.

Quando finalmente todas as formalidades terminaram, ele se viu livre para encontrar Marie. Encontrou-a perto das baías, conversando com um cavaliariço. Aproximou-se devagar e entregou uma moeda para o jovem. Seu cocheiro, discreto como sempre, já estava a postos.

Apesar das vestimentas simples, de tecido de algodão cinza, Marie usava uma gola de renda primorosa, que ela mesma havia feito.

Sem dizer nenhuma palavra, ele estendeu a mão para ajudá-la a entrar na carruagem. Ela não contestou, sequer se mostrou constrangida pelo passeio noturno, e a constatação de que as francesas eram diferentes das inglesas trouxe certo alívio a David. É claro que não deixaria que ela fosse vista, àquela hora, passeando

com ele até a livraria. A carruagem fechada lhes garantiria a privacidade desejada.

Os olhos expectantes e ansiosos de Marie o fitavam, e ele demorou alguns segundos até conseguir romper o silêncio reconfortante.

— No ano passado, quando estive em Londres, não tive oportunidade de lhe mostrar a livraria. Sarah foi até lá sozinha. — Ele limpou a garganta tentando conter o nervosismo que aquela proximidade lhe causava. — Achei que pudesse gostar de ver como ficou depois da reforma.

— Não imaginei que fôssemos sair. — Ela se encolheu no velho xale, sentindo a pele arrepiar-se com a brisa fria da noite.

David percebeu que, de fato, Marie não esperava o passeio, sequer usava uma capa, e ele desconfiava que ela nem mesmo tinha uma. Condenou-se por não ter pensado em todos os detalhes e, num movimento elegantemente ágil, retirou a casaca e cobriu a jovem.

Marie sentiu o tecido grosso e quente a envolvê-la, tinha o cheiro dele. A sensação era quase a mesma de ser abraçada, e um breve arrepio lhe atravessou a espinha.

Ela sabia que a forma como agia ao lado de David era inadequada para uma dama, ou pelo menos supunha, dado o que observava do comportamento de Sarah ou de Ann. *O que importa?* Não era uma dama e jamais seria. Entretanto, tinha consciência de que a forma como se portava na companhia de David não era aceitável aos olhos da sociedade, principalmente por ser ela uma reles criada.

Fora acostumada a transitar entre os homens e a nunca se intimidar diante deles. Talvez o único conselho útil de madame Bourdon, quase um mandamento dentro do Palais des Plaisirs.

Não demorou muito para chegarem ao seu destino. A carruagem parou na rua lateral à livraria, David ajudou a jovem a desembarcar e, com toda discrição e agilidade, abriu a porta dos fundos para que ela entrasse.

A porta dava acesso ao pequeno pátio, e Marie logo avistou a casa em que se hospedara. A iluminação a gás deixava o lugar

encantador, evidenciando a reforma que o deixara ainda mais aconchegante.

David a guiou pelos fundos, até que chegaram à livraria. Marie nunca havia estado num lugar como aquele. Era luxuoso, elegante, com canapés espalhados. O cheiro de papel tomava todo o ambiente, era reconfortante e acolhedor. Ela precisou se controlar para resistir à vontade de escolher um exemplar, sentar-se e passar o resto da noite ali.

— Nunca vi nada parecido — murmurou, erguendo o olhar para contemplar as estantes, que iam do piso ao teto.

Paralisou ao sentir os dedos longos de David tocarem-lhe o queixo. Ele a acariciava com delicadeza, e foi impossível não o olhar. O magnetismo era tamanho que ela nem percebeu quando se envolveram num abraço terno. Uma das mãos dele a segurava com delicadeza pela cintura, enquanto a outra continuava a acariciá-la. Ele deslizava preguiçosamente o indicador pelos lábios rosados dela.

Marie fechou os olhos, deliciando-se com a doce agonia que aquela carícia lhe provocava. Tão logo os dedos de David se afastaram, ela sentiu um beijo terno. Percebeu a respiração misturada à dele. Abriu ligeiramente a boca em busca de ar, mas os lábios de David continuavam colados aos dela, que então foi surpreendida por um assalto suave, úmido, desejoso.

A língua de David procurava pela de Marie. Ela já havia feito aquilo antes, mas nada comparado ao beijo que recebia agora.

Ele era cauteloso, persistente e, em pouco tempo, tornou-se exigente, ou fora ela? Não saberia dizer. As mãos de Marie já agarravam a camisa de linho fino, uma maneira de implorar a ele que não parasse. Quando percebeu que David não tinha a intenção de interromper aquele momento, apoiou-se nos ombros rijos temendo perder o equilíbrio.

Com pequenos beijos pelo rosto dela, ele se afastou e a avaliou. Marie sorriu. Mesmo sabendo que não podia demonstrar nenhum tipo de reação, seria tolice tentar se controlar diante dele; David a desnudava com o olhar, ela não se surpreenderia se ele soubesse seus segredos somente por aquele contato.

David quis se desculpar, fora impulsivo, mas não conseguiria diante daquele sorriso. O mesmo sorriso que vira no dia em que ela havia proposto reabrir o atelier. Sem poder resistir, ele a beijou mais uma vez.

Ela não se parecia com nenhuma mulher que David conhecia. Não era recatada como as inglesas, muito menos despuorida como as cortesãs. Ela se entregava com tanta naturalidade.

Marie até poderia se desculpar por estar agindo daquela maneira, se tivesse existido alguém em sua vida para orientá-la. Mas, naquele momento, sua consciência se calava diante de David, nenhum lapso de lucidez poderia guiá-la para a reflexão do que era certo ou não. Lá de onde viera, as mulheres faziam coisas piores e muitas vezes sem vontade. Ah! Mas aquele não era o caso, beijar David era maravilhoso, e, se pudesse, ela faria aquilo durante toda a noite.

Enquanto a cabeça dele fervilhava, oscilando entre o desejo que sentia e a incompreensão da reação daquela mulher, Marie estava completamente entregue.

Quando sentiu um leve formigar nos lábios, ela afastou-se. Queria dizer que aquilo fora maravilhoso, mas que temia não controlar a empolgação. Num turbilhão de pensamentos e emoções, deixou escapar:

— Nunca imaginei que tudo isso poderia acontecer em um beijo. — Olhou para baixo, envergonhada por ter deixado escapar tamanha tolice.

— Tudo isso? — As mãos dele permaneciam na cintura de Marie, impedindo-a de se afastar, mas ela não dava sinal de arrependimento.

— Permita-me ponderar que, apesar da pouca experiência, tenho certo conhecimento sobre essas coisas, *monsieur*.

— Gosto quando você fala *monsieur* — acariciou os lábios dela com delicadeza —, mas prefiro que me chame de David.

— Isso deve ser inapropriado de muitas maneiras. — Sorriu sem saber como agir.

— A senhorita está se tornando uma autêntica inglesa — ele zombou, envolto no clima descontraído que ela exalava.

— Nunca sei como agir, a proximidade entre nós me confunde um pouco.

— Por favor, não pense, quero que aja da maneira que bem entender. Sua naturalidade é um bálsamo.

Conduzindo-a até um dos canapés, ele a ajudou a se sentar.

— Eu me sinto um pouco confusa sobre como agir, sempre fui muito reservada. Vejo mademoiselle Sarah estudando como uma dama deve se portar, não que eu seja uma dama — ela parou como se estivesse organizando os pensamentos —, e em Palais des Plaisirs também havia aulas de como se portar ou do que fazer para agradar os clientes, mas eram bem diferentes. Ninguém nunca me ensinou como ser uma criada, ou como conversar com um nobre.

— acredite, você está se saindo muito bem em suas funções, nenhuma camareira de Sarah durou tanto tempo.

— Ah! Não consigo entender o motivo, lady Sarah é sensível, generosa e demanda muito pouco.

David tomou a mão de Marie e se ajeitou, sentando ainda mais próximo.

— Lamento ter estado distante tanto tempo.

— Não há do que se desculpar. Sei que tem muitas responsabilidades e obrigações. Sempre o guardei em meus pensamentos e orações.

— Pensou em mim? — Um sopro de esperança o deixou em estado de debilidade.

— Ah, sim, o senhor é muito importante para mim.

David saboreou aquela confissão.

— Você também é muito importante para mim.

Sem conseguir se conter, ele a beijou novamente.

David estava relutante em partir, ao lado de Marie tivera a melhor noite de sua vida. A espontaneidade daquela mulher era mágica. Ele nunca imaginara que pudesse existir tamanha inocência vinda de uma mulher criada em uma casa de tolerância. Ela tinha atitudes contraditórias, entregava-se às carícias com desinibição,

entretanto em momento algum parecera perceber o estado de excitação dele.

Marie já tinha entrado havia alguns minutos em Anson's House. Ele permanecia parado, recostado à carruagem, absorto em pensamentos. Ela era como uma rosa a desabrochar. Como se, fechada em um botão por anos, florescesse nas mãos dele.

David despertou de suas divagações quando ouviu duas carruagens que se aproximavam. Instantes depois viu Thomas, que praticamente carregava John, trôpego. Teve a certeza de que o primo havia se embriagado novamente, de que se enfiara em alguma confusão, logo em sua primeira noite em Londres.

— O que está fazendo aqui? — Thomas perguntou num tom rude e ao mesmo tempo preocupado.

— Certamente veio visitar a criada de Sarah, a cortesã de Paris — John falou embolado, entre soluços.

David ajudou o irmão a levar o primo até a porta e a colocá-lo para dentro. Controlava-se para não avançar em Thomas. Marie não era uma cortesã! Como queria gritar isso, entretanto sabia que a verdade jamais importaria, que ela, certamente, sempre carregaria o estigma de uma mulher da vida.

Deixaram John aos cuidados do mordomo, em silêncio, e aos poucos David tentava abstrair o ódio que sentira do irmão ao ouvi-lo referir-se à Marie daquela forma. Antes de entrar na própria carruagem, foi surpreendido ao ver o avô. Lorde Granville saía da mesma carruagem em que Thomas e o primo haviam chegado; David estivera tão alheio que não percebera que o veículo levava o brasão dos Granville.

— Deixe lorde Thomas Hervey em casa — o velho ordenou ao cocheiro. — Seguirei com lorde David.

Sem esperar que algum de seus netos o contestasse, ele entrou na carruagem de David, que ficou surpreso com a presença do avô.

— Ainda vê aquela moça? — perguntou lorde Granville sem rodeios, logo que a carruagem se pôs em movimento.

— Ela não é o que pensam, ela...

— Responda minha pergunta, meu filho.

— Ela chegou hoje a Londres. — Mesmo que não quisesse conversar sobre aquele assunto com ninguém, David não negaria uma resposta ao avô. — Sei de minhas responsabilidades, tenho consciência de que, se Thomas não se casar com Sarah, devo me casar com ela.

— Você não tem obrigação alguma, e seu irmão não será tão tolo de desperdiçar a oportunidade de se casar com uma mulher como Sarah.

— Não deixarei que minha prima se case com um patife. — Sorriu ao pensar no próprio irmão como tal.

— O que sente pela cortesã?

— Ela não é uma cortesã! — exaltou-se, batendo as mãos sobre o assento. — Já contei ao senhor, ela foi criada num bordel, foi usada pela tia e enganada por um...

— David! Não importa o que ela viveu, nada muda o lugar de onde veio. — Lorde Granville suavizou a voz. — O que sente por essa moça, meu filho?

— É confuso. — Coçou o queixo procurando uma resposta. — Ela é doce, tem um sorriso contagiante, ela me faz sentir vivo. Não consigo chegar a uma conclusão coerente sobre meus sentimentos, a única certeza que tenho é a de que ela me dá o que jamais recebi.

Lorde Granville se recostou com um sorriso enigmático.

— A confusão é o primeiro sintoma do amor. — Deu tapinhas na mão do neto. — Você precisa ser prudente, seu irmão tem uma carreira política, que ele insiste em complicar, existe o compromisso entre ele e Sarah. Eu apoio você, meu filho, no que precisar. A única coisa que peço é que não provoque nenhum escândalo, seja discreto. Tenho terras na Escócia, se quiser mude-se para lá com essa moça.

— Ela me faz sorrir por dentro — divagou reconfortado com o apoio do avô.

— Sei muito bem o que é isso, meu filho — havia certa melancolia na voz de lorde Granville —, e como sei.

Quando David chegou a casa, foi submetido a um interrogatório do irmão, que não aprovava que Sarah tivesse uma camareira que levava a fama de ser uma cortesã. Isso para David

era um sinal. Thomas jamais havia se preocupado com tal detalhe antes e, pelo que conhecia dele, poderia afirmar que logo o irmão se decidiria pelo casamento. Isso de alguma forma o fez dormir tranquilo. Mergulhou num sono profundo onde os sonhos vagaram pelos lábios de sua francesa e pelos olhos cor de jade que lhe mostravam o caminho do paraíso.

Capítulo V

Dois dias haviam se passado desde o encontro com David. As gardêneas que ele havia lhe dado, enfeitavam e perfumavam o pequeno cômodo no qual Marie dormia. Ela nunca imaginara que um dia pudesse ganhar flores, também nunca imaginara que um beijo pudesse ser tão maravilhoso. Não era desinformada, na teoria sabia tudo que uma cortesã deveria saber, pois madame Bourdon sempre a obrigara a frequentar as aulas, com a esperança de que ela acabasse se tornando uma de suas meninas.

Notara a excitação de David e, apesar de sentir-se lisonjeada por despertar nele tamanho prazer, não experimentara qualquer constrangimento. Achava adequado fingir que não havia percebido. Tudo soava natural quando estava ao lado dele. Era como se não precisasse usar o pouco de etiqueta inglesa que sabia, nem as técnicas de sedução ensinadas no antro de onde viera.

Podia ser ela mesma, sem mentiras, somente com seus segredos. Em vários momentos tivera vontade de se abrir com David, mas era perigoso. Havia muitas coisas em risco, e não era justo compartilhar seus problemas com alguém que só lhe fazia bem.

Tocando as flores com carinho, Marie lamentou: se David se casasse, ela nunca mais poderia beijá-lo daquela maneira. Ele seria o marido de lady Sarah. Não que ela pretendesse ficar em Londres para sempre, mas essa constatação a deixara desolada; sentiria falta de David quando finalmente conseguisse partir.

Impossibilitado de se manter longe de Marie, David fora a Anson's House praticamente todos os dias, desde que a família do duque chegara a Londres. O ano em que se mantivera longe não fora o suficiente para colocar um pouco de razão em seus sentimentos. Aos poucos ele começava a compreender o amor

irracional descrito nos livros e até mesmo a paixão descabida, não correspondida, de Sarah por Thomas.

Sorriu com amargura da própria desgraça. Estaria ele vivendo um amor não correspondido assim como Sarah? Deveria ter mandado narcisos em vez de gardêneas?

— David! — seu tio, o duque de Sutherland o chamou mais uma vez.

David sobressaltou-se um pouco, não havia percebido que John havia saído do gabinete deixando-o sozinho com o tio.

— Perdão. Acho que deveria pedir a opinião de Sarah sobre esse investimento.

— O assunto investimentos terminou há mais ou menos um quarto de hora. Anda muito disperso.

— Desculpe.

— David, você não é obrigado a se casar com Sarah, caso Thomas desista do acordo. Estou vendo que isso o tem perturbado.

— Permita-me ser sincero, não existe cavalheiro adequado para Sarah. Ela merece um marido que a respeite, é uma mulher brilhante, que não pode ser tolhida por um casamento malfeito.

— Bem, nesse ponto concordo — o duque coçou o queixo pensativo —, mas por outro lado conhecemos Sarah o suficiente para saber que ela não aceitaria se casar com qualquer um.

Olhando para o tio, David se ajeitou na poltrona, decidido:

— Nunca vi um amor como o seu e de Lucy. É um presente divino, ao mesmo tempo que injusto. Certa vez o senhor me confidenciou que só se casaria depois que seus filhos estivessem casados e que jamais os mancharia com um escândalo. Vossa graça sabe que é um pai para mim. Se não fosse o senhor e lorde Granville, meu conceito de família seria degradação e desgraça. Meu pai bebe diariamente, até ficar quase inconsciente, seu histórico de violência não é segredo para ninguém. Minha mãe é a pessoa mais repugnante e egoísta que conheci. Estou morando com eles até hoje porque Thomas parece não se dar conta do caos que está em torno dele e vive para se vingar do meu pai, da minha mãe e de si mesmo. Foi o senhor que me ensinou que sentimentos são mais nobres do que títulos, foram o senhor e meu avô que me mostraram que a vida

pode ser real fora da sociedade. Foi com você que aprendi que cuidar de quem amamos é cuidar de nós mesmos.

O duque ficou sem palavras por alguns instantes, avaliando tudo que ouvira.

— Pois bem, vamos acabar com o seu sofrimento. Marcarei uma audiência com lorde Granville, e você converse com Sarah. Embora eu ache que ela não cederá, diga-lhe que dou meu consentimento para o casamento de vocês dois. — Ele se levantou e tocou o ombro do sobrinho. — Não é o casamento com Sarah que o aflige, é a indefinição. Confesso que deixei essa situação ir longe demais, Sarah está a cada dia mais encantada, e Thomas parece viver em constante negação de tudo.

Depois da conversa que teve com o tio, David teve consciência de que não fizera muito para resolver aquela situação. Deixara que tudo se estendesse por tempo demais. Estava sendo um patife, a cada dia deixava-se envolver por Marie, mesmo sabendo que existia uma possibilidade de ter que se casar com a prima. Recordou-se de ter lido algo sobre o comportamento controverso como sintoma do amor; o que estava fazendo ia contra tudo o que acreditava. Estava cego, agindo como um tolo, refém das emoções.

Não podia continuar conduzindo as coisas daquela maneira, embora seu desejo fosse estar nos braços de Marie. Que Deus o ajudasse a ficar longe dela, pois somente pensar naquela possibilidade o deixava doente.

Ciente de suas responsabilidades, levou Sarah para um passeio ao Hyde Park, estimava a prima em demasia para deixá-la presa entre livros e manuscritos. Fez o que Thomas deveria ter feito.

Naquela noite, falara com o irmão sobre Sarah. A princípio, não poderia ter certeza se a conversa havia surtido algum efeito, mas a confirmação veio no dia seguinte, logo cedo, através de uma nota enviada pelo seu tio. Thomas havia convidado Sarah para ir à ópera. E, pelo que conhecia dele, David sabia que o irmão havia refletido sobre o que conversaram.

Mas, ainda assim, precisava se manter distante de Marie, pelo menos até que tudo se resolvesse.

Marie estava melancólica e não compreendia a razão. Conhecia bem os motivos que a faziam chorar todas as noites antes de dormir e todos os dias ao acordar, mas dessa vez parecia diferente. A constatação de que um dia deveria se afastar de David era algo em que nunca havia pensado.

Não podia se dar ao luxo de sofrer, havia muito trabalho a fazer. Os vestidos novos de lady Sarah haviam chegado, e Marie precisava organizá-los. Quando percebeu a chegada de sua senhora, fez uma reverência.

— *Mademoiselle* será a debutante mais graciosa da temporada. — Alisou o vestido costurado com primor.

— Só preciso encantar lorde Hervey, Marie, somente os olhares de Thomas me interessam. Ele me convidou para ir à ópera! — Sarah rodopiou pelo quarto, não podia conter a animação. — Preciso do vestido mais bonito.

— O que acha desse, *mademoiselle*? Combina com o seu tom de pele. — Marie mostrou para sua senhora o seu preferido.

Sarah concordou com a sugestão, e Marie percebeu o quanto ela estava feliz; gostava de vê-la assim.

Uma leve batida anunciou a entrada da Sra. Turner.

— Marie, pode pegar o embrulho com as fitas lá embaixo, por favor? Acabaram de entregar.

A camareira saiu discretamente, mas, quando chegou no meio do corredor, lembrou-se da caixa de alfinetes que havia deixado sobre a cama. Voltou apressada, condenando-se pelo descuido e, ao se aproximar da porta, ficou em dúvida se poderia ou não entrar.

— Não posso me casar com David, meu coração pertence a Thomas... — a voz de Sarah fez Marie paralisar.

Mesmo que quisesse, não conseguiria entrar no quarto. *O que mesmo iria fazer? Ah! Buscar os embrulhos.* Por que havia um sorriso em seu rosto? Por que estava agindo daquela maneira? Quase tropeçou na escada depois de saltar dois degraus, como fazia em Paris quando ninguém estava olhando.

Ciente de que precisava se recompor, concentrou-se em sua tarefa. Encontrou-se com a Sra. Turner no corredor, enquanto retornava para os aposentos de sua senhora. Logo que entrou, percebeu que Lady Sarah estava agitada.

— Marie, gostaria de contar com sua discrição — lady Sarah sussurrava olhando para porta.

— Estou aqui para servi-la, *mademoiselle*. — Fez uma reverência.

Sarah correu até a porta, verificando o corredor, e logo em seguida a fechou novamente.

— O que faz uma amante?

Amante! Era isso, estava agindo como amante de David. Será que sua senhora desistira do amor que sentia e resolvera casar com David? A Sra. Turner a convencera? Descobrira sobre o beijo? Por que não havia pensado naquilo antes? A aproximação de David havia sido tão natural que ela não percebera o quão desleal fora com sua senhora. Sentiu lady Sarah dando pequenos tapas em suas costas, dando-se conta de que havia engasgado.

— Acredito que não seja um assunto apropriado para uma dama — sua voz quase não saiu, e Marie respirou fundo algumas vezes.

— Esse assunto torna-se apropriado a partir do momento que meu marido pode ter uma amante. — Colocou as mãos na cintura, exasperada. — Não acho justo ser enganada sem nem ao menos saber o que acontece de fato.

— Acredito que, depois de sua noite de núpcias, saberá o que acontece entre um homem e uma mulher.

— Acha que posso esperar todo esse tempo para saber? Suponho que o que está dizendo se refere à mesma coisa que a senhorita e David fazem nos jardins à noite.

Ela sabia!, pensou Marie. Faltou-lhe ar. Ela sentiu as pernas bambearem. Demorou para se dar conta de que Sarah parecia tranquila, de que não havia raiva ou fúria em seu olhar, somente preocupação; talvez aquilo não fosse tão errado quanto supusera Marie.

— *Mademoiselle* viu alguma coisa?

— Não. — Sua senhora abanou uma das mãos no ar, era algo que sempre fazia. — Ouvi David conversando com John, mas eles não sabiam que eu estava ouvindo. Disseram que a senhorita foi uma cortesã em Paris.

Um misto de alívio e desespero tomou Marie. Sarah parecia de fato não ter nenhum interesse em David, entretanto, ao ouvir que sua senhora conhecia suas origens, a camareira perdeu o chão.

— Eu lamento, milady. Posso juntar minhas coisas agora mesmo...

— Não irá a lugar algum — era uma ordem, porém dita com doçura. — Preciso que me conte o que acontece entre um homem e uma mulher; quero saber também o que faz uma amante.

— A Sra. Turner não me perdoaria, milady.

— Assim como não perdoaria seus passeios noturnos.

Marie percebeu o sorriso de sua senhora, Sarah estava jogando. Ela não a demitiria, nem mesmo se interessava por David. Queria aprender a seduzir lorde Thomas Hervey

— *Mademoiselle* é muito perspicaz, se me permite a insolência.

— Tive que aprender desde cedo a conseguir o que quero, Marie; não é fácil ter credibilidade sendo praticamente a única mulher da casa.

— As amantes satisfazem os homens infelizes no casamento, assim como as cortesãs.

— Seja mais específica.

Lembrando-se das aulas a que assistia por insistência da tia, Marie se assustou ao constatar que sabia quase tudo de cabeça. Sempre tentava manter a mente distante, mas ouvira os ensinamentos promíscuos tantas vezes que registrara cada detalhe. *Mademoiselle* Sarah prestava atenção em cada pormenor.

— As mulheres sentem prazer?

— Algumas, sim. — Lembrou-se das conversas das meninas do Palais des Plaisirs, que muitas vezes recitavam poemas mentalmente, até que o cliente terminasse o ato.

— As cortesãs e amantes?

— Nem todas, milady. — Foi impossível não se lembrar de Phillip, a bile lhe subiu. — Mas, quanto mais uma mulher sente

prazer, mais o homem fica desejoso.

— Era mesmo uma cortesã? Pergunto-me como conseguiu o cargo de camareira na casa de um duque.

Era a chance que tinha, será que podia se abrir com lady Sarah? Ela parecia tão humana, certamente se compadeceria de sua história, quem sabe poderia ajudá-la. Mas já havia lhe confidenciado e temia que, se contasse tudo a sua senhora, ela a demitisse, e Marie precisava daquele emprego.

— Não precisa responder, tenho certeza de que David se encarregou disso. — Balançou a mão. — Quero aprender a sentir prazer e quero aprender a satisfazer meu marido.

— Não poderia... — Ainda abalada com a possibilidade de confidenciar seus segredos, sua voz quase não saiu.

— Não me olhe com essa cara, posso pagar pelas aulas. Iremos à modista e poderá escolher três vestidos.

— Não preciso de vestidos novos, milady.

— Uma libra por aula e mais três vestidos. Começamos as aulas depois do jantar, David pode esperar.

Mas David não esperou, sequer apareceu para jantar. Não que Marie pudesse ficar triste com aquela situação, apenas queria vê-lo. Vira o quanto ele sofria pela indecisão do irmão. Percebia que isso o atormentava, queria lhe dizer que lady Sarah jamais se casaria com ele. Ela não poderia se aproximar de outro homem senão Thomas, tão grande era seu amor por ele. Se uma coisa Marie aprendera, fora a esperar. Diante da situação que vivia, não podia resolver a própria vida e, enquanto esperava, fizera com que Ann tivesse uma nova chance; agora ajudaria Sarah. Queria vê-la feliz, casada com o homem que amava.

Enquanto fitava o jardim iluminado parcamente por lampiões, refletiu sobre o quanto os aristocratas tinham sorte por amar. Via o duque e a Sra. Turner, que muitas vezes se esqueciam dos empregados e demonstravam o amor que sentiam. Sabia que Sarah conseguiria conquistar Thomas, era uma mulher determinada.

Já ela nunca tivera esperanças, amor não era algo que cabia em sua vida. Sobrevivência era seu objetivo, sempre fora. David era o mais próximo de felicidade em sua vida. Ele chegava e coloria o céu,

iluminava a noite, fazia com que as flores exalasses seu perfume. Queria beijá-lo novamente.

Naquela noite, enquanto instruía Sarah, várias vezes se imaginara com David em situações íntimas. Queria saber como seria, como ele a tocara. Talvez tirasse da mente as péssimas lembranças da noite que passara com Phillip. Toda aquela conversa com lady Sarah a fizera enxergar com outros olhos os ensinamentos que passara a vida ouvindo. Olhos de curiosidade e desejo.

Capítulo VI

À medida que os dias passavam, a angústia tomava conta. A interação entre Thomas e Sarah durante a ópera mostrava que ele não era imune aos encantos dela, mas David, lutando contra os próprios desejos, permaneceu distante de Marie. Precisava esperar que tudo se resolvesse para poder voltar a vê-la.

Portanto, quando sua mãe anunciou no café da manhã, que iria a Anson's House visitar Ann, algo dentro dele ficou em alerta. Ele e Thomas resolveram acompanhar a marquesa de Bristol em sua visita.

Logo que chegaram, o duque não pareceu contente com a presença da cunhada. Chamou David para o gabinete, enquanto Thomas acompanhava a mãe até os aposentos de Ann.

— Acho que chegou a hora de ser direto. Conte suas intenções a Sarah; se ela aceitar se casar com você, tem meu consentimento. Pretendo desobrigar Thomas desse acordo.

— Farei isso.

Sem pensar duas vezes, ele caminhou até a porta, mas, antes de abri-la, seu tio o chamou.

— Deve prometer que, se Sarah não aceitar seu pedido, não se sentirá mais responsável por essa situação.

Comprometer-se com o tio não significaria que não ajudaria a prima no que fosse preciso. Sem mencionar uma só palavra, David meneou a cabeça em concordância e saiu, ao encontro de Sarah, para o jardim. Ela olhava para o horizonte, enquanto seus dedos brincavam com as páginas de um livro.

David se sentia diante do futuro, retiraria a decisão das mãos de Thomas e a entregaria a Sarah

— Veio ver Ann?

— Vim ver você. — Quando a beijou, viu que ela lia um romance. — Não acredito que esteja lendo romances tolos. Não sabia que gostava.

— Trouxe os livros contábeis da livraria para eu dar uma olhada?

— Como iria esquecer? Não existe ninguém que os entenda melhor do que você.

— Thomas veio com você?

— Está com Ann e minha mãe.

— Ah! Claro! — Ele percebeu o desapontamento da prima. Se ela soubesse...

— Seu pai conversou comigo. Perguntou se eu tinha interesse em lhe fazer a corte.

— E o que disse?

— Que falaria com você. — Tomou as mãos de Sarah. — Gostaria de saber se acha mesmo que pode ter um casamento feliz ao lado de Thomas. Se acredita que não pode ser feliz ao lado dele, eu...

— Onde está querendo chegar, David? Assim como meu pai, também acha que seria um melhor marido do que seu irmão?

— Sarah...

— Não, David, não é certo!

— Não percebe que Thomas se encantou por Ann? — deixou escapar e se arrependeu no mesmo instante; não podia contar para Sarah, nem sequer poderia mencionar aquele assunto.

— E você se encantou por Marie. Ann nunca se casaria com Thomas. — Ela pareceu não se importar com o que ele havia dito.

— Você se contentaria em se casar com um homem que nunca lhe entregaria o coração?

— Você também não me entregaria, sei que existe algo entre você e Marie, e não parece algo passageiro ou tolo; posso ver o quanto ela fica desconcertada quando seu nome é pronunciado.

David sorriu abertamente, nunca imaginara que os sentimentos que surgiam por Marie pudessem ser correspondidos; ela sempre se mantinha distante. Conteve a felicidade e tentou levar os pensamentos para o lado racional.

— Eu abriria mão de Marie para fazer você feliz. — Sentiu uma pontada ao fazer tal afirmação, mas não permitiria a infelicidade da prima.

— Assim como eu não permitiria a sua. Se me casar com você, estarei afastando-o da mulher que ama. Se acha que eu poderia viver um casamento ao seu lado sem ser amada, por que não poderia viver um do mesmo modo com seu irmão?

— *Touché*. — Não havia mais nada a ser dito.

David precisava sair dali e colocar as ideias em ordem. Sarah não o aceitaria como marido, pelo que parecia todos percebiam seus sentimentos por Marie. Será que ela correspondia aos seus sentimentos?

— Aonde vai? — a voz de Sarah interrompeu seus pensamentos.

— Responder ao seu pai.

Caminhou contornando a casa, sem prestar atenção para onde ia. Aos poucos deixava que a agonia que vivera desde que havia conhecido Marie desse lugar ao alívio. Não precisaria mais se sentir culpado, entretanto algo o incomodava. Não a conhecia, sabia pouco sobre ela. Marie vivera em um bordel em Paris, fora iludida por um nobre inglês e carregava uma profunda tristeza no olhar.

David achava contraditório, para uma mulher que vivera dentro do maior antro de prazer da Europa, o fato de ela ser tão doce, tão inocente. Marie parecia não se dar conta do que lhe provocava. Na noite em que a conhecera em Londres, ela se oferecera de maneira tão natural e nunca mostrara nenhuma resistência aos avanços dele. A contradição vinha da falta de experiência em seu beijo, em seu toque. Ela lhe contara que nunca havia vendido o corpo, ele acreditava nela. Se de fato fosse uma cortesã, agiria de maneira libidínica, seduzindo-o e o envolvendo para lhe tirar qualquer xelim. Mas Marie não era assim, a cada toque, a cada abraço agia como se estivesse experimentando e descobrindo cada carícia.

Queria conhecê-la, não só seu corpo, e se controlava a cada vez que a via. Precisava desvendar sua alma, seus segredos, seus medos. Inquieto com seus pensamentos, e principalmente pela saudade que sentia, David resolveu não ficar para tomar chá com a família. Decidido e determinado a voltar mais tarde naquela noite para vê-la, deixou Anson's House.

Marie sentia-se entediada. Sarah quase não necessitara de seus serviços naquele dia. Enquanto o chá era servido para as visitas, a camareira aproveitou para visitar Ann em seus aposentos. Sentia falta da jovem lady e das longas conversas que tinham.

Ann olhou assustada para a porta quando Marie entrou.

— Desculpe, *mademoiselle*, não queria incomodá-la.

— Achei que fosse Joana. Ela passou quase toda a tarde em meu enalço. Precisei fingir uma indisposição para não descer para o chá.

— Eles estão tomando chá no salão azul. Lorde David já partiu. O duque foi incisivo ao afirmar que *mademoiselle* não receberia mais visitas por hoje. — A criada se aproximou e se surpreendeu quando Ann a abraçou.

— Senti tanto a sua falta. Tenho tanto a lhe contar. — Marie sorriu com o carinho inesperado e retribuiu o abraço com o mesmo afeto. — Eu me sinto tão sozinha, você é a única com que posso conversar.

Ann puxou Marie para que se sentasse na cama ao seu lado.

— Precisa de alguma coisa? O que posso fazer para servi-la?

— Ah, Marie, tem sido difícil, as náuseas melhoraram, mas ainda sinto dores no corpo, dificuldade para dormir. Dr. Anthony mandou para Paris um dos frascos do remédio, um amigo dele vai tentar analisar o que Joana misturava nele; quer que eu vá para a França, quer uma segunda opinião.

— Fico feliz que não esteja mais desconfiando dele, *mademoiselle*. Sr. Anthony parece muito competente e é muito atencioso com a senhorita. — Marie estava feliz em ver Ann animada e se comunicando.

— Tudo isso graças a você. — Os olhos de Ann marejaram. — Se não tivesse conversado com Lucy, se não tivesse dito a ela tudo que disse, eu ainda estaria nas garras de Joana e daquele médico.

— A senhorita vai ficar boa. Vai poder fazer tudo o que deseja.

Ann olhou para baixo, e Marie percebeu o rubor tomar a pele alva.

— Dr. Anthony... — ela levou a mão à boca com a face ainda mais rubra —, ele me beijou.

A princípio Marie não entendeu por que Ann parecia um tomate maduro. Ela própria beijara David, e um beijo era algo natural, não era? Assim pensava, mas, pela reação da amiga, constatou que aquilo não parecia adequado, e isso era mais um abismo entre cortesãs e damas da sociedade.

— A senhorita está bem? — perguntou mais curiosa do que preocupada, queria a confirmação de suas desconfianças. — Parece um pouco diferente.

— Estou com vergonha. — Elevou as mãos, cobrindo o rosto. — Como pode não demonstrar nenhuma reação? Ouviu o que eu disse, Dr. Anthony me beijou.

— Lorde David também me beijou — confessou com naturalidade e, mesmo sem saber o motivo, sentiu como se tivesse feito algo que não devia. — É errado beijar, lady Ann? Eu também já o abracei algumas vezes, mas não sabia que não podia.

— Marie, de onde você veio? — Ann gargalhou. — Não é que seja errado, mas é inapropriado, indecoroso. E, se alguém vir o beijo, é comprometedor. A reputação da dama fica comprometida, e não há outra solução senão o casamento.

— Ninguém pode me ver beijando David? — pensou alto e logo se corrigiu. — Perdoe, lorde David. Terei que me casar com ele? Mas sou uma criada, ninguém se casaria comigo. — Uma onda de pânico a tomou, e ela sentiu um nó se formar na garganta. — Ele é tão bom para mim, não seria justo que tivesse que se casar comigo e...

— Acalme-se, Marie, ou sofrerá um ataque de nervos. — Ann tocou a mão da amiga. — Você e David tem se encontrado?

Incapaz de se conter, Marie acabou confidenciando seus encontros com David. Ann era tão compreensiva que a criada acabou contando-lhe toda a sua história e seus segredos. Não era certo uma criada agir com tamanha intimidade, mas Ann era diferente. Ela não a julgou, somente a abraçou e a acolheu.

Quando acabou de dizer tudo, Ann prometeu pensar em uma maneira de ajudá-la. E demonstrou interesse em sua ligação com David.

— Quando Dr. Anthony me beijou, senti todo o corpo formigar. Foi assim que se sentiu?

— Quando a língua dele toca a minha é uma sensação maravilhosa — declarou sorrindo.

— Língua? — Ann perguntou curiosa. — David usou a língua para beijar? Ele colocou dentro da sua boca? Você abriu os lábios?

A camareira não entendeu a pergunta, *existiria beijo sem língua?* A julgar por seu espanto, Ann não usara a língua para beijar. Como teria sido o beijo?

— Lady Ann, até lady Sarah sabe disso. Foi umas das primeiras aulas.

— Aulas?

— Lady Sarah me pediu que a ensinasse como seduzir lorde Thomas, mas, por favor, não diga a ela que lhe contei. — Sentia-se arrependida por não ter conseguido segurar um segredo, mas lady Ann parecia ter o dom de lhe arrancar as maiores confissões. — Eu ensino a ela o que as meninas do bordel tinham que aprender.

— Deus nos ajude! — Ann sorria com os olhos arregalados. — Sarah sabe que você nunca fez nada disso?

— Não, *mademoiselle*. Ela acredita que fui uma cortesã.

— Então deixe-a pensar. — Ann enrubesceu mais uma vez. — Gostaria de aprender também, quero dizer uma coisa ou outra. — Olhou para baixo, ainda envergonhada. — Eu preciso de camisolas melhores, que não pareçam de doente.

— Posso providenciar para a senhorita. Posso reformar algumas e, se me conseguir tecidos, fazer algumas novas.

Ann abraçou Marie, agradecida. Existia cumplicidade naquela amizade, e isso fazia com que as duas se sentissem menos sozinhas. Quando Marie deixou os aposentos de Ann carregando as roupas que seriam reformadas, sentiu-se aliviada. Não imaginava o quanto pesava carregar seus segredos, e Ann tinha lhe feito um grande favor, somente a escutando. Teria uma dívida eterna com ela.

Mais tarde naquela noite, Marie recebeu uma nota de David. Ele a convidava para um passeio. Ela queria encontrá-lo, sentia saudades, mas já não estava certa se seus passeios noturnos eram

aceitáveis. Mesmo que uma reles criada não despertasse o interesse da sociedade, não seria certo envolvê-lo em um escândalo.

Naquela tarde, tivera vontade de questionar Ann sobre essas dúvidas, mas já a ocupara o suficiente com seus problemas, e a amiga precisava de tranquilidade para se recuperar. Colocou um xale sobre os ombros, decidida a encontrar-se com David; ele certamente saberia lhe dizer a maneira correta de agir.

Ele a aguardava no interior da carruagem, em uma rua discreta onde haviam combinado de se encontrarem, o que trouxe a Marie ainda mais questionamentos. Logo que ela entrou, David a olhou e sorriu, então levou as mãos marcadas pelo trabalho aos lábios.

— Senti sua falta.

Aquelas palavras a desarmaram, por um instante todas as dúvidas se dissiparam, e restava uma única certeza, ela queria estar ao lado dele.

— Também senti sua falta, mas estou tão confusa, tantas perguntas...

— Teremos tempo para isso. Vamos para a livraria e poderemos conversar com calma. — Ele a tranquilizou deslizando o polegar pela mão dela, sem deixar de olhá-la.

Marie sentia-se ansiosa, queria abraçá-lo, beijá-lo, conversar. Precisava entender tudo o que estava acontecendo. Nem mesmo o carinho que ela recebia era capaz de acalmar o vendaval que a acometia.

Quando chegaram, David a levou para a pequena casa no fundo da loja. Estava mobiliada, e na mesa havia pães, presunto e frutas. Ele a conduziu até um dos sofás, e ela se sentiu aliviada por poder colocar para fora todas as dúvidas.

— Estamos nos encontrando às escondidas — afirmou sem hesitar. — Sei que a Sra. Turner não ficaria feliz com nossos encontros, muito menos o duque, mas há algum outro motivo?

David sorriu, passara todo o dia pensando em algum stratagema para conhecê-la melhor, algo que a fizesse falar, e ela parecia ansiosa para compartilhar com ele suas aflições.

— Não é adequado uma dama encontrar-se com um cavalheiro a sós, muito menos tão tarde da noite.

— Mas não sou uma dama — ela parou por um instante —, isso vale para as criadas também?

— Aqui você não é uma criada, é minha convidada, e sempre a tratarei como uma dama. — Ele lhe tocou uma face com carinho. — Se fôssemos vistos, seria um escândalo de qualquer maneira, e não quero comprometê-la.

Marie entendeu, lembrou-se da conversa com Ann; ele não queria ser forçado a se casar. Compreendia a posição de David, afinal não poderia se casar com ele, mas, ainda que ciente da incoerência dos próprios pensamentos, decepcionou-se com essa última constatação.

— Eu não sei como agir, nunca sei se estou fazendo algo indecoroso ou inadequado; quando vejo simplesmente aconteceu. Eu o beijei, e *monsieur* poderia se casar com lady Sarah...

— Não vou me casar com Sarah.

— Eu sei, ela me disse. Mas por um momento senti que o que fizemos foi errado; se estivesse comprometido com minha senhora, eu a teria traído.

— Também me senti assim — ele confessou, levantou-se para servir um cálice de *brandy* e voltou para o sofá. — Por isso me afastei de você. Também não me dei conta do que poderia estar acontecendo. Quando estou com você, sinto que me falta um pouco de lucidez, é como se eu estivesse entorpecido.

— Eu me sinto assim também. — Ela baixou o olhar. — Vejo lady Sarah e lady Ann quase sempre constrangidas e envergonhadas com algumas coisas que digo e não consigo compreender por que não enrubesço ao dizer certas coisas. A verdade é que desconheço as diferenças entre meu mundo e o seu. — Fitou as mãos sobre o colo e continuou. — Não tive ninguém para me orientar em nada, aprendi tudo o que uma cortesã precisa saber, mas nunca tinha pensado que muitas dessas coisas não eram apropriadas.

— Gosto de você assim, você diz o que pensa. Age com naturalidade, não se intimida com quase nada. Eu poderia dizer até que é uma inocência encantadora.

— Não diga uma tolice dessas, não sou inocente, as coisas que digo e sei podem envergonhar até os gatos de Londres. Precisa ver

a cara de lady Sarah durante as aulas, os olhos dela parecem que vão saltar do rosto. — Levou a mão aos lábios arrependida. — Perdão, não devia ter dito isso, lady Ann me disse que não posso mencionar partes do corpo, é indelicado e grosseiro.

— Você dá aulas para Sarah?

Marie enrubescou, pela primeira vez na vida sentiu-se envergonhada. Que tola era! Acabara entregando novamente o segredo de sua senhora.

— Eu não devia ter falado nada. — Abaixou a cabeça, cobrindo o rosto com as mãos.

— Marie, por favor, confie em mim. Não direi nada. Só fiquei curioso.

Marie ergueu o olhar avaliando-o, ele trazia uma segurança que ela não conseguia compreender. David passou a mão pelos ombros dela, trazendo-a para o colo.

— Lady Sarah me pediu que lhe ensinasse o que as amantes fazem, e, quando sem querer contei isso à lady Ann, ela também quis saber.

David gargalhou, mas, quando viu a expressão preocupada de Marie, tentou se conter.

— Desculpe, mas não consegui me controlar.

— Consegue ver? Eu não sei o que falar, como agir. Tenho que ir embora de Londres o quanto antes...

— Não! Você não vai a lugar algum. — Ele a segurou com força. — Vou ajudá-la. Posso lhe explicar tudo o que quiser, mas não vá.

— *Monsieur* já me ajudou demais.

— Por favor, eu lhe rogo, não entende o bem que me faz.

— Eu não sei o que fazer, quero beijá-lo, quero abraçá-lo, mas agora sei que é errado. Nunca me senti assim antes e....

Ele não deixou que ela continuasse, beijou-a com paixão. Marie não relutou, gemeu surpresa e se entregou; era nos braços daquele homem que encontrava a tranquilidade de sua pacata existência. David a trouxe para mais perto, sem desgrudar a boca da sua, e aos poucos o beijo foi se acalmando. Uma conversa silenciosa, uma confissão de palavras não ditas.

— Não sei o que é pior, beijar ou gostar de ser beijada — ela confessou ofegante, logo que se afastaram. — Sinto-me como se estivesse presa à minha linhagem; mesmo que não tenha me deitado com nenhum homem por dinheiro, tenho alma de cortesã.

— Não diga isso. Não tem culpa de tudo que viveu. Você não teve ninguém para lhe dizer o que é certo ou errado e, mesmo assim, negou-se a se tornar uma cortesã, foi contra sua tia...

— Tenho consciência de que ela só permitiu que eu não entrasse nessa vida porque o valor do leilão crescia a cada noite. Eu era a mercadoria mais valiosa que ela tinha, não ia conseguir ludibriá-la por muito tempo.

— Você é inteligente, sagaz...

— Só aprendi as coisas erradas, sem saber que eram erradas.

— Eu vou lhe ensinar, deixe-me ajudá-la!

Ela ponderou por alguns instantes.

— Sobre beijos, abraços, visitas noturnas...

— As regras de decoro são rígidas, decerto nada disso é apropriado perante os olhos da sociedade, mas, quando estou com você, em nossos encontros furtivos no meio da noite, quando você me abraça, quando toco sua mão ou sinto seus lábios nos meus, algo dentro de mim grita, e tenho a certeza de que é a coisa mais certa que já fiz em toda a minha vida.

— Eu me sinto assim também, por isso é tão confuso.

— Você precisa saber o que é permitido ou não, assim saberá sobre o que pode falar ou conversar, mas não deixe de fazer o que tenha vontade; eu não pretendo deixar de beijá-la, só precisamos ser discretos.

— Agora entendo melhor o que lady Sarah quis dizer com aquela história de que existe uma vida na sociedade e outra fora dela.

Ela sorriu, e ele a beijou na face com carinho.

— Comigo, não quero que deixe de dizer o que pensa, ou que controle suas vontades, é isso que a torna encantadora. Faça como Sarah, como a Sra. Turner e tantas outras mulheres do Reino Unido e de toda Europa, viva suas duas vidas, o importante é fazer o que a faz sorrir.

Saborearam um silêncio reconfortante, enquanto Marie processava tudo que ouvira, lembrando-se das situações que vivera em Londres, nas quais sua espontaneidade havia lhe colocado em maus lençóis. Mas desde sempre aprendera a ser reservada, a ser subserviente e a só se expressar quando lhe era solicitado. Era somente com David e Ann que se abria sem reservas, mesmo que para ele não tivesse contado tudo.

— Estou curioso sobre as aulas que tem ministrado. Consigo imaginar as expressões de Ann e de Sarah, por isso achei graça, jamais riria de você.

Ela se confortou com aquela explicação, mesmo que não tivesse perguntado.

— *Mademoiselle* Ann achou curioso o fato de uma pessoa sem experiência saber tanto. Muitas coisas que sei nem consigo imaginar como possam ser na prática. É estranho saber tanto de um assunto sem o ter vivenciado. Tudo que sei veio das minhas leituras e das aulas que recebia.

— Como aprendeu a ler? Teve uma preceptora?

— Madame Bourdon, ela me ensinou a fazer contas, a ler e a falar corretamente. Quando era mais nova, ela acreditava que um dia eu ocuparia o seu lugar.

Ele se levantou, estendeu a mão para que ela também se levantasse e a abraçou. Com os lábios colados no ouvido dela, sussurrou:

— Obrigado por me contar! — Beijou o pescoço dela demoradamente. — Quero que me diga tudo, não precisa me esconder nada, eu sou o seu refúgio.

Ela deu um passo atrás e o avaliou, então baixou o olhar. Não poderia dizer-lhe tudo, sequer conseguiria formular palavras coerentes; o assunto sobre as aulas acendera a faísca da curiosidade dentro dela sobre algo mais. Sentiu-se envergonhada, suas faces esquentaram, e ela titubeou. Mas ele lhe pedira que fosse ela mesma, então Marie, levada por súbita coragem, resolveu pedir-lhe o que mais desejava:

— Em outra oportunidade, gostaria de experimentar o que ensino durante as aulas para minha senhora.

David sentiu todos os músculos se enrijecerem. Diabos, jamais poderia supor que Marie anunciaria o próprio desejo assim. Ela pedia que lhe mostrasse? Ele a queria e a desejava, via no brilho dos olhos dela que o desejo era recíproco. Puxando-a mais para perto e com os lábios junto aos dela, sussurrou:

— Amanhã — era um convite, uma promessa, o seu maior desejo.

Capítulo VII

No dia seguinte, Marie acordou ansiosa, entretanto as costuras de mademoiselle Ann a mantiveram ocupada até o fim da tarde. Ocupou-se o máximo que pode, tentando focar em cada tarefa para que a mente não vagasse pelos beijos que recebera. Naquela noite, fantasiara sobre como seria o corpo de David sobre o seu, ansiara desvendar, com as mãos, cada parte do corpo dele.

Sentia-se decerto culpada por se deixar distrair de seus problemas, tinha consciência de que toda a sua atenção deveria estar centrada em resgatar aquilo que perdera. Mas deixou-se distrair pelo seu anjo, justificando para si mesma que nada poderia fazer naquele momento.

Tudo que podia fazer era rogar a Deus. Quando a angústia a tomava, orava em silêncio. Aprendera a rezar ainda criança, ao encontrar, na porta do Palais des Plaisirs, um caderno de orações. Fora naquelas palavras que muitas vezes encontrara consolo, eram o seu tesouro. Já sabia de cor e salteado cada palavra que jazia naquele caderno. Agradecia a Deus a boa memória, pois ele havia sido roubado, junto com todas as suas roupas e o dinheiro que a viscondessa de Derby lhe dera.

Seriam certos seus encontros com David, enquanto deveria estar juntando dinheiro para pagar cada moeda que a viscondessa havia lhe jogado na noite em que chegara a Londres? Sentiu uma lágrima morna rolar por uma das faces, era inevitável ceder à dor toda vez que revivia em pensamentos a pior noite de sua vida. Nem mesmo quando sua tia a açoitava, ou a puxava pelos cabelos, doera tanto quanto naquela noite.

Mas as lembranças se iluminavam cada vez que ela se recordava de seu salvador. David! Desejava estar na companhia dele, não para fazer o que havia prometido, mas para encontrar algum consolo. Resolveu caminhar até a livraria, lady Sarah estava reclusa e havia dispensado seus serviços. Sua ideia era passar pelo atelier de uma modista que ficava no caminho; se tivesse sorte

ainda estaria aberto, e ela poderia oferecer alguns de seus desenhos.

Com algumas folhas enroladas por uma fita, caminhava observando o movimento de carruagens e pessoas pelas ruas de Mayfair. Vestia seu melhor traje, um vestido cor de lavanda que chegara da modista, do qual lady Sarah não havia gostado. Agradeceu a Deus a benevolência de sua senhora.

Quando finalmente chegou à porta do atelier, Marie sentiu as pernas fraquejarem. Pela enorme porta de vidro, viu a pessoa a quem mais temia. Sua tia estava lá dentro, trajada impecavelmente, como uma dama, e, quando madame Bourdon percebeu a sobrinha, encarou-a com curiosidade, caminhando até a porta.

Marie começou a correr, mas rapidamente se lembrou; *Não corra, não corra, jamais se deve correr.* Apressou o passo o máximo que pôde, tentando manter o mínimo de elegância, mas, mesmo assim, sua pressa não passou despercebida aos olhares curiosos. Olhou para trás antes de virar a esquina, verificando se estava sendo seguida. Foi quando esbarrou em alguém e quase caiu.

À sua frente estava monsieur John, que a olhou por alguns instantes, até que a reconheceu. Ele a segurava pelos ombros, Marie estava ofegante e corada.

— Você está bem? — ele perguntou a avaliando.

Marie olhou para trás mais uma vez e constatou que não havia sido seguida. John acompanhou o olhar da criada, curioso.

— Eu estava... — ela parou pensando no que ia dizer — indo até...

— Lorde Anson — uma voz grave a interrompeu.

Ela sentiu um frio na espinha e não soube explicar o porquê, até que se virou. Phillip, acompanhado de sua esposa, encarou-a deixando transparecer a surpresa e, talvez, um pouco de diversão. As pernas lhe faltaram, não estava nos planos dela encontrá-los, então desviou os olhos para o chão e, de relance, viu a mão de John cerrada em punho. Marie percebeu que ele parecia mais tenso do que ela.

— Phillip — John cumprimentou o casal, e Marie percebeu que ele não desgrudava os olhos da viscondessa. — Violette — o último

nome foi pronunciado demoradamente.

A viscondessa fez uma reverência. Observando atentamente cada movimento, sem deixar que seus olhos encontrassem os de Phillip, Marie percebeu certa tensão naquele encontro. John a segurou pelo braço e se adiantou, colocando um fim naquela tortura.

— Permitam-me partir, pois preciso acompanhar a senhorita.

Dito isso, ele guiou Marie sem demora pela rua, voltando pelo mesmo caminho de onde viera. Ela agradeceu o fato de não ter que passar novamente pela porta do atelier em que vira a tia. Estava abalada, encontrara Phillip e madame Bourdon no mesmo dia. Aos poucos, enquanto caminhava acompanhando o ritmo de John, voltou a sentir as pernas. Quando recobrou a consciência do próprio corpo, sentiu o braço dormente, John ainda a apertava.

— Eu não sei o que fiz de errado *monsieur*, lamento ter esbarrado no senhor — tentou desacelerar —, mas meu braço...

— Desculpe-me. — Ele largou-a rapidamente.

Ao reduzir seus passos e tomar certa distância, Marie percebeu que lorde John andava a passos duros, as mãos em punho. Ela parou e olhou para trás mais uma vez, para conferir se estava sendo seguida. John, quando percebeu que ela não estava ao seu lado, parou, com a mandíbula cerrada e um vinco bem marcado entre as sobrancelhas.

— Não voltarei para casa — a voz de monsieur John interrompeu-lhe a angústia. — Posso pedir uma carruagem de aluguel, se quiser.

— Não é necessário, *monsieur*. Eu estava indo... — parou de falar quando se viu em dúvidas se poderia revelar para onde iria.

John a avaliou, e isso potencializou o estado de perturbação de Marie. Ele parecia nervoso e respirava pesadamente.

— David? Estava indo se encontrar com David?

Ela assentiu trêmula, não mentiria para ele, mas sentiu-se ainda mais confusa e perdida. Sem dizer nenhuma palavra, John tocou-lhe o braço, dessa vez com mais delicadeza, e a conduziu pelas ruas laterais até a livraria. Quando estavam de frente para a vitrine repleta de exemplares raros, Marie paralisou; nunca havia entrado

pela porta da frente, mas John não lhe dera chance para recuar; como um bom cavalheiro, abrira a porta para que ela entrasse.

John tinha David como a um irmão, eram confidentes e segredavam seus piores feitos. Marie não era um segredo para John. Naquela mesma tarde, pouco antes de ser atropelado por Marie e ver Viollet ao lado de Phillip, ele ouvira o primo declarar seu encanto pela camareira de Sarah.

— Deixe-me trabalhar, John! — esbravejou David em tom de brincadeira, assim que o primo entrou em seu escritório. — Não faz nem um quarto de hora que partiu e já senti minha falta? — Parou de falar quando a viu logo atrás dele.

Ela estava linda, alguns cachos soltos, um vestido que lhe caía como luva. Parecia uma dama, uma verdadeira lady.

— Eu devia matá-lo! — John interrompeu o momento andando a passos largos pelo cômodo. — Não suporto vê-los juntos, é afrontoso. Ele não a faz feliz, meu informante me disse que ele a violenta! — Ele estava furioso.

— Ainda mantém um ou uma informante na casa do visconde de Derby? — David perguntou surpreso. — Você tinha me dito que...

— Acha mesmo que eu deixaria Viollet longe das minhas vistas? — John bateu com os punhos sobre a mesa de carvalho. — Ela não está feliz! Noto nos olhos dela cada vez que a vejo nas ruas. E hoje ele estava ao lado dela, com aquele ar de quem roubou o que é meu!

Marie sentiu a garganta arder. À medida que ouvia os altos brados de monsieur John, tomava consciência do que havia acontecido. Lorde John se apaixonara pela esposa de Phillip, o mesmo homem que a havia iludido.

— Não vai me impedir! Se ele fizer qualquer coisa contra qualquer pessoa, vou matá-lo! — e com essa promessa deixou a livraria.

Marie permanecia perto na porta, petrificada, sem saber como agir. David parecia aflito com o comportamento do primo, rabiscou uma nota, apressado, e saiu deixando-a sozinha. Ela percebeu que presenciara algo que não devia, mas já estava acostumada a ser invisível entre as pessoas; era assim que os criados eram, ignorados.

Quando pensou em partir, David voltou e fechou a porta garantindo certa privacidade.

— Lamento o comportamento de meu primo. A bebida e a vida que leva o deixam constantemente alterado. — Ele se aproximou devagar, com os olhos fixos nos dela. — Eu iria buscá-la mais tarde, não precisava vir até aqui. — Beijou-lhe a mão demoradamente.

— Encontrei-me com monsieur John quando estava vindo para cá e ... Não, eu esbarrei nele e... ele acabou me arrastando para cá.

David percebeu que algo a perturbava e a conduziu até uma cadeira.

— Conte-me, o que houve? — Ele fitou um rolo de papel amassado nas mãos dela.

— Eu estava procurando um atelier, uma modista para quem pudesse apresentar meus desenhos — e foi então que se deu conta do que ainda levava nas mãos. — Eu a vi, depois esbarrei em lord Anson, não o duque... — atropelava as palavras e parou de falar quando se deu conta do que iria revelar.

Não podia confessar a David que o homem que a iludira era Phillip. Não teria visto nenhum problema em dizer e contar tudo a ele, mas, diante da reação de John, não se atreveria. O menor dos motivos era o suficiente para causar uma tragédia e, se tinha uma coisa que Marie sabia, era que a vida não valia nada diante de um homem furioso. Odiava Phillip, mas não seria capaz de desejar-lhe a morte.

— Quem você viu? — David perguntou cauteloso.

— Nin-guém — gaguejou, não sabia mentir.

— Você disse que a viu, a quem estava se referindo, minha querida? Por que está tão nervosa?

— Madame Bourdon. — Era a segunda vez que ele a via chorando, mas o medo de ser levada de novo para o inferno a assombrava, Marie não conseguiu conter as lágrimas. — Ela está em Londres, ela me viu, saiu da loja em que estava...

— Por favor, acalme-se.

Ele a abraçou com ternura, sentiu-lhe o corpo tremular enquanto ela se debulhava em lágrimas. Queria protegê-la, cuidá-la. Sentia-se impotente diante da fragilidade dela.

— Ela não pode me encontrar, não voltarei para Paris, preciso encontrar uma maneira...

— Por favor, acalme-se. Não deixarei ninguém levar você — tentou tranquilizá-la.

Ela permaneceu aconchegada nos braços de David, ele tinha o dom de dissipar suas dores. Acreditava nele, confiava nele, sem sequer saber quando se deixara levar. Podia ser novamente enganada ou iludida, mas a verdade que via em seus olhos era real, assim como a certeza de que estar naqueles braços era como estar em casa.

Algum tempo depois, entre trocas de carícias e conversas tolas, ele percebeu que ela já havia se acalmado.

— Querida, disse-me que veio com John até a livraria. Pediu-me para orientá-la do que é certo ou errado perante os olhos da sociedade — sem soltar a mão dela continuou —; uma dama solteira não pode andar acompanhada de um cavalheiro, não pode lhe dar o braço a menos que se encontre em uma situação de risco ou que seja tarde da noite. Sempre acompanhada de uma dama de companhia.

— Que tolice, sou uma criada. Criadas não têm dama de companhia.

Ele sorriu, teve vontade de dizer-lhe que tinha a intenção de se casar, e que ela não seria uma criada por muito tempo, mas se conteve. Tinha responsabilidades, precisava aguardar o casamento do irmão, a definição da carreira política de Thomas, para então se envolver em um possível escândalo. Tinha planos para que Marie nunca fosse apresentada como plebeia, evitando assim as más línguas.

— Mas agradeço o esclarecimento. Há tantas coisas que não sei e...

— Tudo a seu tempo, minha querida. — Beijou-a nos lábios com carinho e, quando se afastou, conferiu o relógio de bolso. — Preciso fechar a livraria, pode ficar mais um pouco?

— Lady Sarah me deu a tarde de folga, está reclusa e não quer ser incomodada.

— Certo, então, por favor, espere. Mais tarde a levo até Anson's House. Sei de algo que pode animar minha prima.

Quando Marie se viu sozinha no escritório de David, seus olhos brilharam ao ver uma pilha de papéis impecavelmente brancos sobre a mesa. Ante uma coleção de penas e carvões, a curiosidade a dominou. Sentou-se na cadeira de David e, em um papel ornado com as iniciais "D" e "H", começou a desenhar.

Os traços iniciais eram sempre os mesmos, um ritual, uma silhueta bem-marcada, com ombros finos e elegantes.

— Se uma dama não toma o braço de um cavalheiro — deixou escapar os pensamentos —, pela lógica não devem dar as mãos. — Repousou o carvão sobre os lábios. — As mãos não podem se tocar, mas, e se o vestido roçar de leve no cavalheiro? Algo desprezioso, como isso...

Desenhou a manga num único tecido, terminando no pulso. Rendas sobrepostas quase cobrindo as mãos de forma que, com o leve balançar, poderia tocar, sem querer, a mão de um cavalheiro. Levantou a própria saia testando a sensação nas mãos enluvadas. Era sutil, suave, desafetado.

Aumentando duas ou três camadas, dobrando a própria barra, conseguiu o que queria e reproduziu suas ideias no papel.

Quando David voltou para o escritório, encontrou Marie debruçada sobre a mesa, várias folhas espalhadas, e paralisou ao ver o talento dela. Ela não se moveu, continuava desenhando, alheia, e ele percebeu o brilho nos olhos que tanto amava. Amava? Sorrindo como um menino tolo, teve uma ideia, uma maneira de fazer os olhos cor de jade reluzirem.

Naquela noite David acompanhou Marie até Anson's House e ficou para o jantar. Precisava conversar com o tio sobre a situação de John e aproveitaria para pedir um pequeno favor a Sarah. Sua intenção era sair de lá acompanhado de Marie. O pedido dela martelava a mente de David; "gostaria de experimentar com você o

que ensino para minha senhora durante as aulas". Sentiu um desconforto entre as pernas e se ajeitou na poltrona.

Já havia resolvido metade de seus compromissos naquela casa, John parecia mais domesticado, David já havia conversado com o tio, só lhe restava trocar meia dúzia de palavras com Sarah. Estava ansioso para partir.

Logo que os cavalheiros se juntaram, as damas na sala íntima, David se aproximou de Sarah, que brincava distraída com as peças de xadrez.

— Uma partida? — ela ofereceu assim que percebeu o primo aproximar-se.

— Lamento despontá-la, mas hoje não deixaria você ganhar, portanto fica para próxima oportunidade — brincou tentando arrancar um sorriso dela. — Soube que está reclusa, pouco falou durante o jantar.

— Estou decerto apreensiva, mas isso não é novidade, sei que sou o assunto desta casa nos últimos dias. Tenho pensado no que irá me acontecer se não me casar.

— Certamente irá frequentar bailes e *soirées* para ser cortejada pelos melhores partidos de Londres. — Ela olhou para o primo com desgosto. — Não me olhe assim, você dispensou minha proposta.

David ficou feliz por ter arrancado um sorriso da prima. Mas percebeu algo que nunca havia notado, o peso de uma paixão não correspondida. Colocou-se no lugar dela e sentiu um vazio que não conseguia compreender. De fato, o amor romântico era algo incompreensível, diferente das convenções impostas, ditadas por uma sociedade que sobrevivia de aparências, tudo pelo bem da coroa.

— Conversarei com Thomas, não é justo prolongar sua agonia — prometeu sabendo o que precisava ser feito. — Preciso de sua ajuda.

Isso fez com que Sarah ficasse alerta, David nunca pedia ajuda, sempre estava disponível para todos a qualquer hora, mas ela jamais o vira em um momento de fragilidade ou necessidade.

— Jamais negaria qualquer pedido seu. — Ela sorria, curiosa e feliz por encontrar alguma distração.

— Marie, quero que a preserve, que não apareça com ela como sua criada.

— Quer inseri-la na sociedade? — perguntou animada.

— Tudo a seu tempo, há muita coisa em jogo. Mas quero que a mantenha vestida de forma aceitável; se for preciso encomende tudo de que ela precisar e lhe dê, eu arco com os custos. Nunca a apresente a ninguém, sequer revele sua ocupação. O que estou pedindo é que, se for sair com Marie, que faça como se estivesse saindo com uma dama, e não com uma criada. Não diga nada a ela.

— Já pensou numa nova identidade? Posso fazer pesquisas...

— Sarah, minha querida, como eu disse há muito a ser resolvido, não aja como um potro indomado.

Certo de que seria uma tarefa quase impossível para Sarah manter alguma discrição sobre o assunto, ele resolveu não se preocupar; estava ansioso demais e não perderia tempo, queria ter Marie nos braços, sentir seu gosto doce.

Ela já o aguardava dentro da carruagem fechada. David notou o meio sorriso cúmplice do jovem cavaleiro e lhe deu uma moeda. Sentou-se ao lado de Marie e a envolveu nos braços; ela reclinou a cabeça e fechou os olhos. Durante todo o trajeto permaneceram em silêncio.

Cada vez que visitava a pequena casa nos fundos da livraria, Marie se deparava com algo novo, havia flores, que perfumavam toda a modesta sala, e a lareira parecia ter sido revitalizada.

— Obrigada por hoje, sempre que me conforta me sinto melhor — ela declarou, aproximando-se da lareira.

— Estarei sempre ao seu lado, *ma chéri* — David sussurrou as últimas palavras com a boca colada ao ouvido de Marie.

Ele a abraçava por trás, acariciando preguiçosamente os ombros delicados. Marie teve vontade de contestar, de implorar a ele que não lhe promettesse nada, promessas eram quebradas e sempre deixavam marcas. Mas se conteve. Aquelas carícias faziam com que ela se esquecesse de tudo. Já não pensava mais em Phillip, nem na tia e em todos os outros problemas. Concentrava-se nas sensações maravilhosas que desfrutava com um simples toque dele.

— Devo confessar que você deixou muito para minha imaginação quando disse que gostaria de experimentar algumas coisas que leciona.

Marie se virou, os olhos expectantes de uma criança que ouvia uma história de aventura. Com um sorriso travesso nos lábios deixou que a mão vagasse até o meio das pernas de David.

— Oh! — Ela recuou ao sentir o volume, mas voltou a tocar com curiosidade. — Eu sabia que..., mas não imaginava que fosse...

— Nunca havia tocado? — ele perguntou hipnotizado, deliciando-se com a carícia inexperiente.

— Só estive uma única vez com um homem e não tive a oportunidade... — Ela fechou os olhos tentando esquecer o momento desagradável. — Se formos... você vai me amarrar? — perguntou alarmada.

— Jamais faria qualquer mal a você. — Ele pegou a mão dela e beijou a palma com carinho. — Continue, pode saciar toda a sua curiosidade.

Ela voltou a tocar David, que fechou os olhos.

— O que sente? — ela perguntou enquanto testava os movimentos que aprendera ainda nova.

David engoliu em seco, tentando se recompor para que pudesse responder; ela não parou e parecia observar-lhe as reações testando o que mais agradava.

— Nenhuma palavra faria jus a essa sensação. — Ele tomou o pulso de Marie para que ela parasse. — Já fui tocado por outras mulheres, mas nada comparado ao que sinto agora. — Ele a beijou com paixão. — Por favor, temo não conseguir me controlar, eu a desejo como nunca desejei nada em minha vida.

Marie deu um passo para trás e começou a desabotoar o vestido.

— Tome-me, faz tanto por mim, que eu não seria capaz de negar-lhe o que deseja.

— Não! Não assim, quero que me deseje também. — Ele a beijou novamente, com delicadeza. — Quero que sinta o que estou sentindo. Deixe-me tentar?

Marie assentiu apreensiva, uma coisa era se despir e se oferecer a ele, outra coisa era se entregar para que ele lhe fizesse o que bem entendesse; já fizera aquilo uma vez. Não fora bom, fora doloroso e deixara marcas. Confiava em David, mas as lembranças a traíam.

David percebeu o pânico nos olhos de Marie, beijou atrás da orelha dela, desceu pelo pescoço, roçou os dentes no queixo e a ouviu soltar o ar. Aos poucos ela se entregava, e ele desabotoava o vestido. Entre beijos, ele retirou o espartilho deixando-a somente com as roupas de baixo. Sentou-se no sofá e a trouxe para o seu lado.

— Quero que me diga, caso não goste de alguma coisa. Basta pedir para parar.

David não podia negar que não sabia como fazer. Nunca estivera com uma virgem, não que fosse o caso de Marie, mas a experiência que ela tivera parecia ter sido dolorosa e desagradável. Queria que ela o desejasse, precisava ver nos olhos cor de jade a lascívia. Queria fazê-la dele.

Por cima do fino tecido, ele acariciava as pernas esguias. Os olhos expectantes de Marie acompanhavam cada movimento.

— Vou poder falar? — ela perguntou num fio de voz.

— Oh, *ma chéri!* O que fizeram com você? — Ele a colocou no colo com delicadeza. — Pode fazer o que quiser.

— Gosto quando me toca assim, é bem parecido com a sensação de quando me beija.

Apenas saber da mínima possibilidade de dar prazer a Marie fez David perder a razão. Ele a beijou com vontade enquanto suas mãos deslizavam pelo tecido. Subiu a camisola tocando-lhe a pele, ouviu um gemido abafado escapar dos lábios dela.

Sentir as mãos de David vagarem pelo seu corpo era uma sensação maravilhosa, pensou Marie. Nada comparado à noite em que se entregara a Phillip. Ela desconhecia cada sensação que experimentava. Era como se perdesse os sentidos, a sanidade, e cada toque era saboreado. Com muita delicadeza, arrastou-se até se sentar no sofá, precisava tocá-lo, desejava despi-lo. Senti-lo. Sentia-se diferente, já não mais se oferecia para que ele se servisse de seu corpo, apenas se entregava.

Ele cessou o beijo, sem ar, para avaliá-la. Marie estava corada, ofegante, com os olhos cerrados. David sabia que o certo era perguntar-lhe se desejava continuar, mas não podia, temia que ela desistisse.

— Tem camisa inglesa? — ela perguntou, fazendo com que ele se sentisse aliviado, ela o desejava.

Não era algo que David carregava nos bolsos, bem, não até aquele dia. Depois daquela noite, não deixaria faltar na lista de suprimentos que carregava consigo, mas não imaginava que chegariam tão longe.

— Não esperava... — parou de falar quando sentiu Marie montada em suas pernas, desabotoando sua camisa. — Você é surpreendente, tão inocente para a vida, tão inexperiente e tão luxuriosa.

— Foi o que aprendi, mesmo que não tenha experiência...

— Diga-me, o que sente?

— Quero despi-lo, quero senti-lo. É como se eu precisasse...

Ele não a deixou continuar, tomou-a no colo e a levou ao pequeno quarto. David a tomaria na cama, com cuidado, com carinho, da forma como ela merecia ser amada. E ele viu, em cada gemido, em cada suspiro, que ela também o desejava. Esperou que Marie se libertasse e se retirou, quando chegou próximo de sua libertação.

Ela era uma lareira em brasas; mesmo depois de todo o prazer que desfrutaram, ainda o desejava e, em sua inocência audaz, não escondia o desejo.

Capítulo VIII

Os encontros entre eles eram quase que diários. David se surpreendeu ao ver a curiosidade que Marie tinha para aprender tudo o que se relacionava a assuntos luxuriosos. Ele a desejava quase todo o tempo, mas continha-se e limitava-se aos encontros noturnos.

Depois que Thomas resolvera finalmente se casar, Marie ocupou-se, ajudando Sarah a organizar o debute. Aos poucos a futura marquesa se desfazia de suas roupas, ou comprava novas para presentear Marie.

David, conhecendo o tio, sabia que o melhor da festa viria depois do baile de debutantes de Sarah. Os famosos bailes da criadagem do duque de Sutherland eram mais famosos do que os da própria rainha.

Para aquela ocasião, David fez questão de presentear Marie com um vestido. Pegou o desenho que ela havia deixado no escritório dele e levou para a modista. A costureira se encantou, abandonando a negativa anterior devido ao curto prazo de tempo para confeccionar a peça. Ele percebeu o quanto a senhora se emocionou ao ver as linhas sinuosas e bem-marcadas do vestido. Ela implorou para conhecer a autora dos desenhos.

O vestido não era extravagante, tinha elegância e uma sensualidade velada, tudo perfeitamente dentro dos limites do decoro. David não entendia de frivolidades femininas, mas prestara atenção na descrição da modista e se orgulhara de Marie a cada lisonja.

A dia do debute de Sarah, havia chegado. Certo de que ela passaria o dia ocupada com sua senhora, David se esgueirou pela lateral da casa e entrou no pequeno aposento de Marie. O cômodo tinha o cheiro dela. Viu tecidos metodicamente organizados em um

canto, bordados de flores e uma renda fina primorosa que estava sobre a cama. Ele não teve dúvidas de que ela tinha um dom; com tamanha habilidade poderia perfeitamente vestir a rainha Vitória.

Marie tinha pressa. Mesmo que lady Sarah já estivesse pronta e tivesse descido para seu debute, ela poderia precisar de algum remendo ou costura de emergência, precisava estar a postos. Lucy ordenou que somente os lacaios transitassem entre os convidados, mas ressaltou que todos seriam convidados para o famoso baile da criadagem ao final.

Os criados estavam em polvorosa, ajeitavam os cabelos, vestiam as melhores roupas. Na cozinha, comida e bebida à vontade. Naquela noite, plebeus e nobres desfrutariam os mesmos prazeres. Marie vestiria qualquer vestido que ganhara de Sarah, tinha muito mais do que precisava, sua senhora se tornara generosa em demasia. Algum vestido ao qual nunca a vira usar e que, desconfiava, não lhe coubesse, ficaria comprido demais e um pouco folgado.

Quando abriu a porta do quarto, viu David com traje completo. Uma tentação para seus sentidos, o cheiro de colônia masculina estava impregnado por todo o ambiente. Ela correu e se jogou em seus braços.

— Perdeu o juízo! Se a Sra. Turner o pega aqui...

— Ela está ocupada demais — ele a beijou nos lábios —, não posso me demorar, vim lhe trazer isso. Quero que use hoje à noite e, por favor, guarde todas as suas danças para mim.

E, depois de um beijo demorado, ele a deixou. Sobre a cama Marie encontrou algumas caixas, um exagero, pensou, comparadas às compras de sua senhora. Na primeira caixa encontrou um vestido e, à medida que o esticava em cima da pequena cama, sentiu o peito arder, uma alegria infantil a tomou. Era um vestido que ela havia desenhado. Lembrou-se dos papéis que deixara espalhados no escritório de David. Ele a surpreendera, mandara confeccionar um de seus desenhos com os melhores tecidos que podiam existir. Tocou as mangas primorosamente trabalhadas com rendas francesas, e, como uma boa costureira, virou o vestido do avesso para conferir os pontos.

— Não é possível! — Contemplou admirada.

Conhecia aquele acabamento. Ou seria mera coincidência? Os arremates trabalhados com esmero, com uma fita de veludo, nunca vira nada parecido antes, enquanto trabalhara como camareira. Nem mesmo nos vestidos de Ann. Sentou-se para controlar a emoção, um único nome vagava por sua mente, Heloise Morrice, a modista. Quando fugira do Palais des Plaisirs, fora ela quem a acolhera. A mulher de poucas palavras que a ajudara a melhorar seu trabalho na costura e que se encantava com seus desenhos.

Quando Marie partira, prometeram que se encontrariam em Londres. Madame Morrice sonhava em abrir um atelier naquela cidade e revolucionar a moda inglesa.

Ao pegar o pequeno cartão no fundo da caixa, Marie deixou-se tomar pela emoção. Era ela, ela havia conseguido.

Flashes dos momentos que passara ao lado de sua benfeitora inundaram-lhe os olhos e a mente. Será que Heloise a procurara na casa de Phillip como prometera? Dúvidas rondavam sua mente, perguntas sem respostas e a vontade de reencontrá-la. Decidiu que no dia seguinte iria procurá-la.

Ainda emocionada com a grata surpresa, abriu os outros embrulhos, encontrando sapatos novos e roupas de baixo. Sorriu ao pensar em David as tirando. Tornara-se uma libertina, uma cortesã, uma amante. Experimentara dos prazeres da carne e apreciara. David a transformava cada vez que estavam juntos.

O último pacote a pegou de surpresa, um conjunto completo de desenho. Papéis, tinta, carvões e tudo o mais de que pudesse precisar. Nunca imaginara ter algo tão valioso como aquilo.

David era seu anjo, trazia-lhe alegria nos simples gestos, nos grandiosos, nos pequenos momentos que passavam juntos e até mesmo quando compartilhavam o leito. Todos os dias, desde a primeira noite que passaram juntos, ela esperava ansiosa por encontrá-lo, tocá-lo, beijá-lo e entregar seu corpo a ele.

Uma leve batida à porta a trouxe para o presente. Sra. Turner entrou cautelosa, parecia um pouco sem jeito, e fechou a porta atrás de si.

— Marie, poderia arrumar meus cabelos? — pediu sem graça, mas logo a expressão mudou ao ver os embrulhos espalhados pelo quarto.

Marie se assustou, o que a Sra. Turner pensaria? Jamais poderia pagar por tudo aquilo. Será que pensaria que roubara ou...

— Foi David? — Lucy perguntou com um meio sorriso.

— Sra. Turner, por favor, eu...

Lucy se aproximou devagar. Seu rosto era sereno, não demonstrava reprovação.

— Querida, eu sei que se encontra com David, nada passa despercebido nesta casa. É minha obrigação. Imagino que saiba que tenho motivos suficientes para não a julgar. — Sentou-se na pequena cama, retirando os embrulhos para que Marie se sentasse também. — Tenho uma dívida enorme com você, pelo que fez por minha Ann. Somente com sua ajuda, consegui tirar aquele médico desta casa, nunca poderei retribuir.

— Não diga isso, Sra. Turner. Só fiz o que era certo.

— Sim, eu sei — Lucy colocou a mão sobre a dela —, mas nem todos fazem o que é certo, e você o fez. — Ela alisou o vestido sobre a cama. — David tem muito bom gosto, nunca vi nada parecido. — Sorriu tímida. — Augustus também me deu um vestido, mas eu não tenho mais idade e nem mesmo elegância para usar essas coisas.

— A senhora é tão bonita. Daria uma duquesa encantadora. — Marie se levantou e arrastou o velho banco para o lado da cama. — Por favor, sente-se aqui. — Com habilidade, soltou as tranças da governanta e começou a pentear seus cabelos. — As inglesas não usam rouge, mademoiselle Sarah me explicou que há uma convenção em se parecer adoentada, pois mulheres coradas não são bem-vistas. — Continuava seu trabalho minucioso trançando a lateral dos cabelos. — Mas um pouco de unguento nos lábios é aceitável. O que acha de experimentar?

— Não vai ficar demais? É só um baile para os criados e ...

— Senhora Turner, desculpe a franqueza, mas é a senhora desta casa. É como uma mãe para lady Sarah, ela mesma não esconde a vontade de vê-la duquesa. A senhora merece, e tenho certeza de que o duque ficará maravilhado.

Lucy segurou o sorriso, e Marie se concentrou em transformar a governanta em uma verdadeira aristocrata inglesa. Em retribuição, Lucy ajudou Marie a se trocar e, quando estavam prontas, viram-se de mãos dadas, ansiosas para o baile.

Na cozinha os criados comiam e bebiam, ansiosos, enquanto esperavam os últimos convidados partirem. Já era tarde da noite, mas a Sra. Turner avisara que não precisariam estar a postos logo cedo.

Marie sentia-se maravilhada por vestir algo que ela mesma havia criado, bem diferente do vestido que tivera que usar no bordel em que crescera. Sentia-se uma dama, mesmo que soubesse que isso não passava de uma ilusão boba.

O duque fora pessoalmente buscar seus funcionários e deu como oficialmente aberto o baile da criadagem. Não passou despercebido aos olhares curiosos o quanto ele parecia ansioso e a forma carinhosa com que tratava Lucy.

No canto do grande salão, observando uma dança animada que acabara de começar, Marie sentia-se deslocada. Tudo aquilo parecia muito diferente do que conhecia. Ela já tinha observado dois bailes da criadagem em Lilleshall, mas em Londres tudo parecia diferente. Talvez porque David lhe prometera uma dança; ela não sabia dançar, mas queria a companhia dele. Mesmo estando entre os plebeus, percebeu como as pessoas se portavam. Até que uma voz doce e familiar chamou sua atenção.

— Marie! Que vestido lindo, você está encantadora, minha amiga. — Ann a abraçou sem se importar com as pessoas, que na verdade estavam entretidas demais para reparar naquela demonstração de afeto.

A criada contou que havia sido um presente e da surpresa que David havia lhe preparado. Ann estava radiante e trocava olhares com Dr. Anthony, que conversava com John e David no canto do salão. Balançava o leque e o fechava, o que chamou a atenção de Marie.

— Está sentindo calores? Quer se deitar? — a criada perguntou, preocupada.

Ann levou a mão aos lábios para esconder o sorriso e tossiu discretamente.

— Isso é um código, para que Anthony me leve para um passeio. — Deu uma piscadela com absoluta discrição.

— Mas não pode ir até ele e falar? Como ele sabe o que está dizendo?

— Pela forma como fechei o leque — explicou repetindo o movimento. — Não posso convidá-lo, muito menos poderia sair com ele pelos jardins. Por isso precisamos de códigos, para sermos discretos.

Marie parou pensativa, tentando compreender.

— Vocês, ingleses, são estranhos, comunicam-se através da roupa, do cabelo, das flores e até do leque. Não seria mais fácil dizer?

— Talvez — Ann guardou o leque no bolso —, mas é indecoroso falar o que pensa e, além do mais, os códigos são mais instigantes.

Indecoroso e instigante! Quanta contradição entre ações e pensamentos, meditou. No bordel também havia códigos, mas não eram tão antagônicos. *A dama quer, mas não pode dizer*, refletia sem se dar conta de que Dr. Anthony havia tirado Ann para dançar, *mas, mesmo assim, diz através de um leque*.

— Concede-me a honra de uma dança, *mademoiselle*? — David reverenciou, trazendo-a de volta para o presente.

— Eu não sei dançar — falou tão baixo que ele quase não a ouviu. — Só sei dançar o cançã, mas os ingleses não mostram os tornozelos, é indecoroso — falou seriamente.

David gargalhou.

— Vou lhe ensinar. — Tomou-a pela mão e deu-lhe um beijo casto. — Está linda, uma verdadeira dama.

— Obrigada, você não deveria. Eu fiquei tão... deve ter custado uma fortuna, e o conjunto de desenho...

— Não precisa dizer nada, se continuar atropelando as palavras assim, não conseguirei controlar o impulso de beijá-la. — Ele chegou bem perto do ouvido de Marie e sussurrou. — Quando fala dessa maneira, eu me lembro das nossas travessuras, de quando você implora que eu não pare.

Naquele momento, Marie experimentou a vergonha e o medo de que fossem ouvidos. Entendeu o que era constrangedor e o quanto não gostaria que alguém ouvisse sobre suas peripécias com David.

Um pouco desajeitada mas atenta a cada movimento, deixou que ele a conduzisse e descobriu o quanto era divertido apreciar uma boa dança; só parou quando sentiu os pés dormentes.

— Vamos tomar alguma coisa — ele convidou, estendendo o braço para que ela segurasse.

— Posso? Não estou em uma situação de perigo.

— Estamos em um baile, meu dever é acompanhá-la; fique tranquila, *mademoiselle*, é perfeitamente apropriado.

Ao longo do baile, David ensinava cada detalhe sobre danças e comportamentos. Ela não vira mais Ann, muito menos Sarah, e o duque estava ocupado demais para se dar conta do sumiço das filhas.

Joana, a marquesa de Bristol, nunca fora conhecida por sua benevolência. Era o oposto do filho mais novo, que na opinião dela era um tolo. Já Thomas herdara parte de seu egoísmo, mas nenhum de seus filhos carregavam a maldade dos pais. Embora fosse uma mulher reservada, ela era bem-informada e mantinha olhos pelos lugares que lhe interessavam. E aquela criada havia despertado sua atenção.

Joana pagava uma pequena fortuna e noites de prazer a lacaios infiltrados na casa do duque de Sutherland. Uma libertina, chegara a se deitar com dois ao mesmo tempo para conseguir as informações de que precisava. Tinha um plano para conseguir o que queria, Augustus Anson, o duque de Sutherland, seu cunhado.

Já havia matado a própria irmã, Juliet, e tinha planos para acabar com a amante miserável que frequentava a cama dele, mas agora precisava concentrar os esforços em acabar com a criada que resolvera tirar Ann de suas garras. Se a filha bastarda resolvesse abrir a boca e dizer o que sabia, tudo estaria arruinado.

Contratara um militar em troca de uma pequena fortuna para descobrir quem era Marie, mas, impaciente com a demora, resolvera segui-la e descobrir de onde viera a mulher que arruinara seus planos. Não a mandaria de volta, acabaria com ela com as próprias mãos.

Descobrira que a alcoviteira não só a atrapalhara, como também era a amante de David, e isso a enfurecia ainda mais. Mesmo que ele fosse insignificante.

Marie caminhava com a sensação de estar sendo observada. Sentiu um arrepio na espinha somente em cogitar a hipótese de madame Bourdon está por perto. Se pudesse escolher, não a veria nunca mais. Apertou o passo, contendo-se para não olhar para trás.

Não conseguira pregar o olho naquela noite depois do baile, ansiosa para reencontrar Heloise Morrice, a mulher que a acolhera e que a ajudara no momento em que mais precisara.

Como já estava acostumada, caminhou até a porta dos fundos. Estava trêmula, o atelier era o mesmo em que havia visto a tia, e temia vê-la novamente. Uma senhora a atendeu e, depois de alguns momentos, fora orientada a usar a porta da frente. Trêmula e com a sensação constante de que alguém a olhava a distância, entrou dentro do atelier requintado.

Agradeceu ter colocado seu melhor vestido de passeio, pois uns aglomerados de mulheres nobres agitavam-se dentro do atelier, todas pareciam disputar um horário com Heloise Morrice.

Discretamente, Marie aproximou-se de uma das atendentes, que a olhou minunciosamente, como se buscasse reconhecê-la.

— Por favor, gostaria de falar com Heloise Morrice. — Sentiu todos os olhares sobre si.

— Lamento, madame...? — A atendente a olhou curiosa, esperando que Marie se apresentasse e, como ela não o fez, continuou. — Madame Morrice está muito ocu...

— Não responda por mim — a voz rouca pelo tabaco rompeu o burburinho. — Madames. — Fez uma revência para as senhoras

presentes. — Elizabeth irá agendar o melhor horário para atendê-las. Venha, querida, eu a estava aguardando — madame Morrice chamou a recém-chegada com um olhar carinhoso.

Marie não ficou para observar a reação das clientes que aguardavam atendimento, seguiu a velha amiga até o fundo da loja.

— Estava preocupada com você. — Marie se surpreendeu com o abraço que recebeu.

Heloise nunca a havia abraçado, nem mesmo no dia em que Marie partira para Londres.

— Não sabia que estava aqui, quando vi no vestido a fita de veludo...

— Ah! Sabia que funcionaria. — A elegante senhora acendeu um charuto e se sentou, oferecendo uma cadeira para Marie. — Seu marido esteve aqui com um de seus desenhos; eu reconheci seu traço, é inconfundível, e coloquei a fita, pois sabia que reconheceria. Não as uso mais, é um material muito caro e ninguém parece se importar em Londres. Aqui não se faz moda como em Paris, *ma chéri*.

— Ele não é meu marido, ele é...

— Estive na casa do visconde de Derby, quando cheguei a Londres. Vi que foi iludida, tentei encontrá-la, mas era como procurar uma agulha no palheiro. — Ela prendeu a fumaça na boca com demasiada elegância. — Quando aquele cavalheiro me trouxe seu desenho, de alguma forma eu soube que era seu. Aquela manga, as rendas, como conseguiu pensar naquilo?

Marie explicou-lhe tudo o que lhe havia acontecido e contou que desenhava porque era a forma que encontrava de compreender o comportamento inglês. Ao ouvi-la, Heloise se sentiu culpada por não a ter instruído e orientado; passara tanto tempo sozinha, imersa em costuras e bordados, que não percebera que aquela menina precisava de muito mais do que lhe dera. Depois de uma longa conversa e da promessa de ajudá-la, a modista pediu:

— Traga-me seus desenhos, compro todos de você. Assim pode juntar mais dinheiro. Não tenho muito para ajudar agora, mas com seus desenhos vamos transformar essas inglesas sem vida.

— O atelier estava lotado, pareciam pessoas importantes. — Marie olhou para baixo. — Há alguns dias quando passei por aqui, vi madame Bourdon aqui dentro.

— Impossível *ma chéri*, ela jamais entraria aqui. Conheço cada pessoa que atendo. Os ingleses gostam de se sentirem especiais.

— Mas eu a vi, tenho certeza.

— Sua mente pode tê-la traído, acredite em mim. — Ela pegou um maço de papel branco e entregou a Marie. — Tenho poucas clientes da aristocracia, a maioria das que estão na loja são mulheres de comerciantes endinheirados, mas precisamos entrar na alta sociedade londrina, Marie, vestir os bailes mais importantes, e, só com os seus desenhos, vamos conseguir. Vamos ganhar muito dinheiro, *ma chéri*, e em breve você vai poder pagar o que lhe roubaram e recuperar o que lhe pertence.

Aquele encontro foi o sopro de esperança de que Marie precisava. Ela tinha uma aliada e confiava nela. Por mais que soubesse seus segredos, Ann não tinha muito o que fazer. Marie não podia contar a David sobre Phillip, e isso a deixava com as mãos amarradas. Respirou aliviada ao sair do atelier de Heloise. Talvez a amiga tivesse razão, era possível que não tivesse visto sua tia, que fosse somente sua mente a traí-la. E, com essa sensação de alívio, caminhou até a livraria, já não sentia que estava sendo observada.

Sentado de frente para David, o duque de Sutherland tamborilava os dedos distraidamente no tampo da escrivaninha do sobrinho.

— ... em suma, levarei John para Lillehall por um tempo, até o casamento de Sarah. Temo que ele se enfie em alguma confusão e acabe cometendo alguma sandice. Vou tentar convencê-lo a passar um tempo em Paris com Ann e conto com sua ajuda.

— Conversarei com John quando ele voltar — garantiu David ao tio e tocou no assunto que o incomodava. — Vossa graça me permite um assunto particular?

— Sem formalidades, meu filho.

— Thomas parece irreduzível em relação à camareira de Sarah, temo pelo emprego de Marie.

— Não se preocupe com isso, Marie pode ir com Ann para Paris, elas parecem se dar muito bem, e minha filha realmente precisa de...

— Paris, não! — David falou incisivo, sabendo que Marie não se sentiria à vontade em ficar perto de suas raízes. — Eu cuidarei dela, posso trazê-la para morar aqui por enquanto.

O duque coçou a cabeça com um ar pensativo e ponderou:

— Seja cauteloso, David, não a envolva em nenhum escândalo se tem a intenção de ficar com ela.

Antes que David pudesse dizer alguma coisa, a porta se abriu, revelando Marie, com aquele brilho nos olhos que o fazia sentir-se o homem mais sortudo do mundo. Quando ela percebeu a presença do duque, abaixou-se exageradamente em uma reverência.

— Perdoe-me, vossa graça.

Augustus se levantou e a ajudou a se erguer. Tocando-lhe o ombro polidamente, falou:

— Não precisa se desculpar, já estava de saída. — Fez um pequeno aceno para o sobrinho e virou-se para a criada novamente. — Tire o resto do dia de folga, Sarah está extasiada demais para sentir sua falta, e Lucy pode ajudá-la.

Assim que o duque deixou o escritório de David, Marie se adiantou:

— Perdoe-me, sei que não posso entrar assim, mas fiquei entusiasmada e...

— Você pode entrar do jeito que quiser — ele já estava bem próximo dela e, sem conseguir se conter, envolveu-a entre os braços. — Adoro ser surpreendido pelas suas visitas, mas deve tomar cuidado para não ser vista, *ma chéri*.

As carícias de David despertavam toda a luxúria que Marie acreditava correr por suas veias, essa fora a única explicação plausível que encontrara para ter pensamentos tão libidinosos a cada vez que ele a tocava e, se fosse sincera consigo mesma, admitiria que somente em pensar nele sentia as entranhas formigarem.

— Conte-me — ele sussurrou com os lábios colados à orelha dela. — O que a deixou entusiasmada?

— Heloise... — Ela se afastou tentando recobrar o pouco de juízo que lhe restava. — A modista que confeccionou o vestido que me deu, foi ela que me abrigou quando saí do Palais des Plaisirs.

Marie contou a David sobre o convite da velha amiga, e ele viu novamente aquele brilho nos olhos dela. O mesmo que vira no dia em que ela propusera reabrir o atelier, o mesmo que via a cada noite em que comungavam corpo e alma.

— Acredito que meu irmão não permitirá que continue como criada de Sarah. Quero você morando comigo, podemos ficar aqui na livraria por um tempo, mas logo conseguirei uma casa para nós.

— Não quero ser uma amante! — Ela deu um passo atrás determinada. — Sei que não sou digna de muito mais do que isso e, pelo que suponho, mesmo que não queira já estou agindo como tal, mas não posso aceitar, não vou...

— Shhhh. — Ele a calou com um beijo terno. — Não a quero como amante, quero...

— Não! Por favor, não diga nada — implorou, e ele percebeu o pavor em seu rosto.

Por um instante, David se lembrou, ela fora iludida. Um patife inescrupuloso a havia pedido em casamento e a enganado. Ele percebeu que não poderia abordar nada daquela maneira, deveria ser cauteloso e deixar que as coisas acontecessem naturalmente.

— *Mon amour*, Ann irá para Paris para concluir o tratamento, e você precisará de um lugar para ficar, um lugar onde possa se dedicar aos seus desenhos. Se não quiser minha companhia, eu não venho morar com você, mas quero que fique aqui e que me permita vê-la, pois não consigo passar nem um dia sequer sem a sua agradável companhia.

Ela o avaliou como se buscasse respostas para perguntas que não existiam. Ela o queria, desejava-o, e os sentimentos que ele despertava ela jamais teria coragem de descrever. Tentou não racionalizar a proposta que recebera. Seria uma amante se aceitasse aquele convite? Certamente seria, mas não queria pensar naquilo, não lhe restavam muitas alternativas. Heloise havia deixado claro

que ainda não conseguiria hospedá-la, mas talvez, com a venda de seus desenhos, Marie conseguisse juntar ainda mais dinheiro. O fato era que precisava daquela ajuda, e a possibilidade de estar mais próxima de David era tudo que mais desejava.

Capítulo IX

A cabeça de David fervilhava, ele repassava mentalmente as providências que precisavam ser tomadas para a chegada de Marie. Ao mesmo tempo que praguejava por Sarah ter marcado o casamento tão rápido, agradecia à prima, pois em breve poderia ver Marie também durante o dia. Já havia agendado para entrevistar uma criada que ajudasse nos afazeres domésticos; mesmo que aquela não fosse uma tarefa masculina, jamais poderia pedir ajuda à mãe. Queria preparar um pequeno cômodo para que Marie pudesse trabalhar e fazer seus desenhos, ele precisava pensar em alguma maneira de inseri-la na sociedade. Mas seu maior desafio seria convencê-la a se casar com ele.

Sabia que precisaria ser cauteloso e que o futuro político de seu irmão era delicado. Não poderia envolver a família em um escândalo, prometera isso ao avô. Mas encontraria uma maneira de transformar Marie em uma dama, sua dama perfeita.

Ocupou-se durante todo o mês com as reformas necessárias e em comprar tudo de que ela pudesse precisar. As visitas noturnas se limitavam aos passeios nos modestos jardins de Anson's House, já que os melhoramentos na casa, no fundo da loja, deixavam-na inabitável.

Ele ajudava os operários, fechou a livraria por dois dias e colocou os funcionários empenhados em deixar a pequena casa digna de uma dama. Agiu como um egoísta, esqueceu os problemas de todos que o cercavam, concentrou-se apenas em Marie, em agradá-la, em mimá-la.

No dia anterior ao do casamento de Thomas e Sarah, acompanhado de John e do irmão, David foi ao White's. Sentaram-se em uma mesa, e John pediu uma garrafa de puro malte.

Thomas parecia indiferente a todos, inclusive ao fato de que se casaria em breve. Já David ansiava pelo fim do encontro, para que pudesse reunir-se com Marie. Estava tudo pronto para recebê-la, e ele não via a hora de tê-la nos braços novamente. Não resistiria nem

mais um dia somente entre beijos e carícias polidas; ele a desejava, e ela parecia corresponder àquele sentimento.

Não demorou muito para que David se visse sozinho com John, Thomas partira alegando precisar ler alguns manuscritos que Sarah lhe emprestara.

— Não devia beber tanto — alertou ele quando viu que o primo já passava da quarta dose. — O que adiantou esse tempo em Lillehall se, na primeira oportunidade, volta a beber como um gambá.

— Não sabe o que é perder a mulher que ama — contestou John. — Você tem a francesinha para satisfazer suas necessidades.

— Ignorarei suas atrocidades porque sei que não está sóbrio o suficiente para formar frases com coerência. Vamos embora.

E, antes que John caçoasse do primo, uma cadeira foi ocupada entre eles. Phillip Smith, o visconde de Derby, estava impecavelmente vestido, o mesmo sorriso malicioso nos lábios. John fechou as mãos em punho, e David se colocou em alerta.

— Boa noite, senhores. — O visconde fez uma reverência irônica. — Como andam os preparativos para o casamento mais esperado da temporada?

David já estava farto das provocações de Phillip e, mesmo tendo consciência de que John não era um santo, sabia que, cada vez que o visconde se aproximava, era para provocá-lo.

— Acredito que essa pergunta deva ser feita à noiva, uma vez que nós, cavalheiros, não nos envolvemos com tamanha frivolidade — John respondeu com a voz trôpega e virou o resto do conteúdo de seu copo. — Esse não é um assunto com o qual David e eu estamos familiarizados, como sabe ainda não nos rendemos ao leilão do mercado de casamentos.

— Não por vontade, não é mesmo, John? — Phillip se recostou à poltrona confortavelmente, sem tirar o sorriso dos lábios.

— Seu maldito. — Antes que o primo pudesse avançar no visconde, David o segurou.

— Não aceite provocações — David falou para que somente John ouvisse.

— Só queria alertá-lo. — Phillip encheu o copo vazio e bebeu. — Mantenha as mãos longe do que é meu, isso vale para os dois.

John, incapaz de se conter, deu um soco no visconde, que acabou caindo junto com a poltrona. Com a ajuda de um velho amigo, David retirou John do White's e o levou para casa, antes que ele perdesse ainda mais a razão.

Apesar de estar feliz por sua senhora, Marie sentia-se melancólica. Gostava de trabalhar naquela casa. Ann já havia prometido que jamais se afastariam, mas Sarah parecia não saber que em breve trocaria de criada, e Marie achou melhor não ser a portadora daquela notícia.

Enquanto juntava suas coisas, deu-se conta do quanto havia ganhado no período em que trabalhara para Sarah. A maioria dos vestidos que havia ganhado eram novos e sequer caberiam em sua senhora, o que fazia com que ela desconfiasse de que a generosidade da futura marquesa desconhecia limites.

Recolheu os desenhos que havia feito, cada modelo refletia o pouco que sabia e pesquisava sobre as regras sociais inglesas; para cada aprendizado, um traço. Fora folheando seus rabiscos que percebera por quanto tempo havia se dedicado nos últimos dias.

Não negaria que estava ansiosa para morar no fundo da livraria, sentia falta de estar com David intimamente, os encontros noturnos, os beijos roubados na última semana, serviram de brasa para o desejo que ela sentia.

Já não se importava em parecer uma amante, muito menos de ter a luxúria de uma cortesã — ele já estava gravado no corpo e na alma dela — e, mesmo que um dia precisasse partir, Marie o levaria com ela.

Tinha esperanças de poder se dedicar com afinco aos desenhos, confiava no talento de Heloise e sabia que não demoraria muito para que ganhassem uma grande quantia de dinheiro. Em breve poderia reaver o que Phillip lhe roubara e, se tivesse sorte, embora não tivesse muitas esperanças, poderia viver com David para sempre.

Foi interrompida quando uma criada bateu à porta e informou que a Sra. Turner desejava vê-la. Para seu espanto, foi recebida na sala íntima pela governanta.

— Por favor, sente-se — Lucy ofereceu um lugar ao seu lado.

Marie sentou-se bem na beirada do sofá, sem ocupar todo o assento. Sabia que era o certo a fazer e permaneceu com as mãos no colo. Involuntariamente, lembrou-se do vestido que desenhara, em que o corte daria maior conforto às senhoras ao sentarem-se e quando a renda da anágua se revelasse discretamente dando elegância e sensualidade.

— Augustus, digo, vossa graça, pediu que a recebesse aqui. — Lucy sorria carinhosamente. — Gostaria que soubesse que sempre será bem-vinda nesta casa. Nunca poderemos retribuir o que fez por nossas meninas, seremos eternamente gratos.

— Por favor, vossa graça...

— Acho que já me acostumei com você me chamando assim, mesmo que eu não seja uma duquesa. — Lucy tocou as mãos de Marie. — Você tem o dom de fazer as pessoas se sentirem importantes, Marie. Ajudou Ann a desabrochar e me fez usar unguento nos lábios. — Deu uma risadinha sem graça. — Você estava certa, o duque aprovou. Gostaria que soubesse que uma dama não é aquela mulher que tem posses ou títulos. Uma dama de verdade é aquela que tem o coração nobre como o seu. Não se esqueça de nós, pois nunca nos esqueceremos de você.

Marie não conteve o impulso e abraçou Lucy, pegando-a de surpresa. Não demorou muito para que a governanta retribuísse o carinho. Só se separaram quando o duque entrou, afobado, na sala.

— John se meteu em outra encrenca — ele disse para Lucy com a aparência cansada. — Acho melhor você conversar com ele.

Lucy saiu apressada, deixando Marie para trás, e o duque ofereceu um sorriso acolhedor à criada.

— David está aí — e, antes que ela pudesse dizer alguma coisa, saiu.

Marie caminhou até o vestíbulo e encontrou David, que estava descomposto pelo esforço de conter John. Aproximou-se cautelosa e tocou a face dele com preocupação.

— Você está bem. — Ela o avaliou minuciosamente, à procura de algum ferimento.

— Agora estou. — David a abraçou como se dependesse dela para viver.

Marie se afastou sem jeito, temia que pudessem ser vistos. Ela era uma criada, supunha que tamanha demonstração de intimidade não era apropriado.

— Melhor irmos para o jardim — ela sugeriu saindo pela porta da frente; nunca havia feito aquilo, mas não queria correr o risco de ser vista em um momento de intimidade com David.

— Passe a noite comigo? — Ele parou de repente no meio das escadarias.

— Não posso *mon amour* — as palavras escorregaram de seus lábios, fazendo David perder o ar.

Mon amour. Ele a pegou no colo e desceu as escadas apressado, levando-a até o jardim lateral.

— Nunca esperei tanto por um casamento quanto espero pelo de meu irmão. Quero tirá-la daqui, quero você comigo, todos os dias, todas as noites. E nem pense em me negar isso. Não sou capaz de respirar quando não está do meu lado. — Ele a colocou no chão delicadamente. — Não consigo mais viver sem você.

— Sinto falta de você — ela confessou, enquanto deslizava a mão pelo meio das pernas dele.

— Não faça isso — David implorou quase sem voz. — Se eu tomar você aqui, ficará ainda mais desejosa. E a quero adormecida em meus braços, saciar todos os seus desejos.

Sem conseguir se conter, ele a beijou. Uma mistura de paixão, luxúria e algo que experimentava a cada dia, a cada beijo, a cada toque. Uma necessidade vital.

— Preciso entrar, lady Sarah está agitada e amanhã logo cedo já estará de pé. Ansiosa pelo casamento.

— E eu, ansioso para recebê-la em nossa casa. É provisória, logo irei comprar uma casa para nós...

— Por favor, não me prometa nada — ela o interrompeu, pousando o dedo gentilmente nos lábios dele.

David resolveu se calar, ele sentia que aos poucos Marie se entregava. Teria paciência, esperaria o tempo que fosse necessário até que ela resolvesse se tornar sua esposa.

Capítulo X

O grande dia havia chegado, Marie não parou um só minuto naquela manhã. Não assistira ao casamento, nem fazia ideia de como era uma igreja. Contemplou pela última vez o quarto em que vivera pelo tempo em que esteve em Londres. Sentiria saudades.

Permitiu-se emocionar, já havia se segurado ao despedir-se de Ann, com a promessa de que se veriam com frequência.

Seus pertences já haviam sido levados pelo cocheiro de David e agora só lhe restava aguardar o fim do desjejum nupcial para partir para a nova vida. Sabia que não poderia ser vista e, de certa forma, aquilo a incomodou. Recriminou-se pelo desejo tolo de sair de mãos dadas com David, bater na casa de Phillip e tomar o que ele lhe roubara. Só assim poderia viver completa, seria muito mais do que poderia pedir a Deus.

Mas não poderia ser ingrata, apreciava, e muito, a oportunidade de conhecer um cavalheiro como David e experimentar sentimentos tão intensos. De onde viera, aprendera a valorizar cada pequena conquista, agradecer cada pequena dádiva. Paris, a cidade onde nascera e para onde não desejava voltar nunca mais.

Quando a porta se abriu revelando David impecavelmente vestido, o coração de Marie parou. Se pudesse voltar no tempo, era essa cena que desejaria ver a cada noite em que esperara que Phillip a resgatasse das garras de madame Bourdon. Mas ali estava seu anjo. Ele não a estava resgatando, ela não precisava mais ser libertada, pois David lhe apresentara a liberdade. Sem poder se conter, jogou-se nos braços dele, entregando-se de corpo e alma.

Apesar de impaciente, David saboreou o carinho como sempre fazia, tudo em Marie era entorpecente, ela era a chave do paraíso. Beijando-a ternamente ele a tomou pela mão e a levou até a casa que, ainda que provisoriamente, chamariam de lar.

Durante o caminho, dentro da carruagem fechada, David adiantou o que mais o afligia.

— *Ma chéri*, precisamos ser cautelosos. Você não pode ser vista entrando e saindo pela porta dos fundos da livraria displicentemente. Sei que não quer tocar no assunto, mas um escândalo seria a ruína dos planos políticos de meu irmão...

— Não vou envolvê-lo, nem à sua família em nada comprometedor; serei cuidadosa, entendo que os ingleses são um tanto quanto exagerados ao zelar pelas aparências.

— É uma situação provisória, meu amor. — Ele levou a mão dela aos lábios.

Assim que David abriu a porta dos fundos da livraria, Marie percebeu que algumas plantas haviam sido colocadas no pequeno pátio. A casa que um dia parecera arruinada, era uma reprodução em menor escala dos luxos que ela conhecera na casa do duque. Nos móveis, cada detalhe reproduzia a imponência da aristocracia inglesa e, por um instante, Marie sentiu-se oprimida.

Vivera no maior e mais famoso bordel de Paris, conhecia o luxo, mas sempre estivera na condição de criada.

— Está do seu agrado? — David perguntou ansioso.

— Não precisava de tanto — os olhos da Marie contemplavam cada detalhe —, não sei se vou conseguir pagar por uma casa como esta, eu...

— Não vai pagar por nada, *ma chéri*. Nem quero que pense que está pagando com seu corpo. — Acariciou-lhe o rosto com delicadeza, fazendo com que ela o olhasse. — Você merece muito mais do que isso, mas infelizmente é o que podemos ter agora. A única coisa que desejo é a sua companhia.

Marie estava com saudades, não negaria. Somente uma menção do sorriso de David era o suficiente para que o vulcão que ela vivia dentro dela entrasse em ebulição. Ela o avaliou com cautela, ele parecia apreensivo, como se esperasse sua aprovação e deslumbramento. Mas a opulência não era algo que a fascinava, o que a cativava era a simplicidade daquele meio sorriso que escondia um rosto aflito, era a certeza de que cada canto daquela casa seria marcado pela paixão que a consumia.

Ela deu um passo atrás e sorriu de forma sedutora.

— Uma pena, milorde, pois eu tinha a intenção de compartilhar nesta tarde muito mais que minha companhia. — Aproximando somente os lábios, continuou. — Talvez eu tenha entendido errado quando você disse que sentia minha falta, eu me referia a algo muito mais íntimo...

— Não me provoque — implorou, tomando-a nos braços. — Diga-me, preciso saber se gostou de seu novo lar.

— Não me importa onde eu esteja, o que me importa é que você esteja comigo — ela confessou, enquanto David mordiscava-lhe o pescoço.

— Isso significa que poderei vir com frequência? Quem sabe dormir uma noite ou outra. — As mãos dele já desabotoavam o vestido impacientemente.

— Talvez um pouco mais... — Ela começou a despi-lo lentamente.

David parou no mesmo momento para avaliá-la, queria entender esse “pouco mais” a que ela se referia, mas o pesado vestido já estava no chão, e Marie não usava espartilho. Somente uma fina camisola, que não deixava muito para imaginação. Ele engoliu em seco, e ela continuou a retirar a roupa de David, não parecia ter pressa.

Quando Marie se ajoelhou, ele soltou todo o ar que estava nos pulmões. Ela se livrou das calças, das ceroulas e começou a beijá-lo de forma doce. Era uma tortura para David, em tão pouco tempo ela se tornara habilidosa no que fazia. Talvez o sangue de cortesã estivesse ali, mas ele sabia que era muito mais, pois, enquanto Marie o acariciava com a língua, fitava-o de maneira tão intensa que ele se via refletido naqueles olhos.

— Por favor — ele implorou, puxando-a para cima.

Marie era a visão do pecado e da redenção. Ele a queria e a desejava; incapaz de esperar mais, pegou-a entre os braços e levou-a para o quarto. No momento em que a deitou na cama, teve a certeza de que nunca mais existiria outra mulher para ele. Era ela, era muito mais que luxúria. Era cintilação verde-intensa, os olhos de Marie revelavam mais do que qualquer palavra que ela pudesse dizer.

David terminou de se despir, sem deixar de olhá-la. Marie fez menção de retirar os sapatos e as meias que ainda calçava.

— Não! Deixe-me fazer isso.

Ele se ajoelhou sobre a cama e se dedicou a beijar cada parte que despia. Os pés, os tornozelos, as coxas. Subiu pela barriga, deixando beijos molhados e soprando levemente, deixando-a ofegante e arrepiada. Quando ela suplicou pela terceira vez, ele a penetrou, ainda com a boca nos seios fartos. Marie gemeu e movimentou os quadris, implorando por mais.

Apesar do ritmo lento, as investidas eram intensas, arrancando gemidos de Marie a cada vez que os corpos se encontravam.

— Fique comigo para sempre — ele pediu, envolvido pela onda de paixão e prazer.

— Não me imagino longe de você — confessou sentindo que a libertação estava próxima.

David segurou-se um pouco mais esperando por ela e, juntos, desabaram. Permaneceram abraçados até que se recuperaram. Ele rolou para o lado, e Marie se aninhou nos braços dele.

— Sobre você vir morar aqui comigo, acho que seria uma boa ideia — ela confessou sorrindo, passando a perna por cima da dele.

— Acho que eu sentiria medo se ficasse aqui sozinha.

— Gostaria que os motivos fossem outros, mas não posso negar que tinha em mente alguns estratagemas para convencê-la disso. — Ele acariciou os cabelos ruivos ainda presos. — Confesso que foi mais fácil do que eu imaginava.

Marie apoiou a cabeça sobre o cotovelo para olhá-lo.

— Nas poucas vezes que ando na rua, tenho a sensação de estar sendo observada — revelou apreensiva. — Às vezes, acho que madame Bourdon está por perto.

— Shhhh... — Ele a trouxe para mais perto. — Não se preocupe com isso, arrumarei uma maneira de investigar o paradeiro de sua tia. Se tem tanto medo, vamos mantê-la sobre as nossas vistas. — Beijou-lhe a testa e a abraçou protetoramente. — Protegerei você, meu amor, comigo estará sempre segura.

Naquela noite, eles mataram toda a saudade que os consumia. Marie não pensou mais na tia, permitiu-se aproveitar cada carícia. Já

era tarde da noite quando David adormeceu, exausto. Ela custou a pegar no sono, seu corpo ainda pedia mais.

A carruagem da marquesa de Bristol parou em frente à casa de lorde Phillip Smith. Com a ajuda de um cocheiro, Joana desembarcou e se abanou com o leque impacientemente. Estava prestes a selar um acordo, usaria todas as cartas na manga para blefar e envolver o visconde de Derby em seus planos.

Foi atendida por uma senhora franzina. A marquesa fez uma careta de desgosto ao constatar novamente a ausência de um mordomo, não era a primeira vez que colocava seus calcanhares nobres naquela casa.

A criada fez uma reverência e deu passagem para que a convidada entrasse. Joana dispensava apresentações, não era uma mulher que oferecia seu cartão de apresentação para nobres com títulos mais baixos do que o dela. Era famosa por sua intolerância a rodeios.

A governanta sentiu os joelhos tremerem diante da presença daquela mulher.

— Avisarei a viscondessa de sua presença, permita-me acompanhá-la até o salão dourado.

— Chame Phillip, não tenho nada a dizer à viscondessa. Mostre-me o caminho de seu gabinete. Eu o aguardarei, informe-o de que tenho pressa.

O desjejum farto era servido por uma única criada. Marie se sentia culpada por não ter ajudado Emily com as tarefas da casa nos últimos dias; fazia questão, ainda que a criada não permitisse. Em uma semana morando com David, pôde dedicar todo o seu tempo aos desenhos.

— Irei ao atelier de Heloise à tarde — informou enquanto ele comia uma generosa fatia de presunto.

— Leve Emily com você. Precisamos contratar uma dama de companhia.

— Isso é um exagero, David. Embora a veja sobrecarregada, eu devia tê-la ajudado...

David a fitou, não entraria novamente no assunto de que Marie não precisava se preocupar com os afazeres domésticos. Ela sequer precisava trabalhar, ele era um homem abastado e jamais deixaria algo lhe faltar. Mas Marie se negava a compactuar com aquela ideia, e ele conhecia suas habilidades; seria um desperdício privar as damas inglesas de tamanho talento.

— Quando chegar, mande me chamar. Trarei alguns livros de poesias novos que chegaram. Podemos fazer como ontem, tomamos um bom vinho enquanto você me seduz com seu sotaque francês.

— Você tem negligenciado seu trabalho — ela o recriminou com ironia.

— *Mademoiselle* é uma distração e tanto. Não posso trabalhar em paz quando sei que está a poucos metros de distância.

David se levantou e puxou a cadeira para ajudá-la. Marie se posicionou a sua frente e refez o laço da gravata. David fechou os olhos saboreando o toque delicado no pescoço. Era algo trivial, um simples nó de gravata, normalmente feito pelo valete, mas que na última semana era sempre ajustado por Marie, algo tão íntimo que fazia com que ele se sentisse amado.

— Bom trabalho, *mon amour*. — Ela beijou os lábios dele com delicadeza. — Preciso terminar alguns desenhos, e você precisa cuidar de seus negócios. Antes de sair, caso não esteja ocupado, passarei em seu escritório para me despedir.

— Nunca estarei ocupado para você — e, como já havia se acostumado, compartilhou suas preocupações. — O duque mandou uma carta, está preocupado com John e solicitou minha ajuda.

— Lorde John é tão irreverente, cheio de vida, mas, às vezes, parece tão sombrio.

— É o amor, minha querida. Ele pode ser o antídoto, mas também o veneno. Se um dia você me deixar, certamente ficarei

como ele.

Marie tomou a mão de David e a colocou sobre o coração.

— Jamais o deixarei. Você sempre estará aqui, para sempre.

Depois de se despedirem, Marie foi para o pequeno quarto que foi reformado para ser seu atelier. Cada detalhe fora feito para agradá-la. O mesmo tom de rosa do quarto de Ann fora usado no cômodo. David lembrara-se de cada detalhe que ela havia mencionado em alguma de suas conversas. *Ah! Como seria maravilhoso viver para sempre ao lado de David, fosse como amante ou como esposa*, já não mais importava. Contanto que estivessem juntos.

Os dias ao lado de Marie eram incrivelmente prazerosos. Se essa era a rotina de um homem casado, David estava cada vez mais convencido de que nascera para tal vida. Havia dez dias dormiam juntos toda a noite, desfrutavam o desjejum em perfeita harmonia e, no fim do dia, ansiava por voltar para casa. As conversas eram despreziosas, falavam sobre o dia, Marie era incrivelmente curiosa a respeito da cultura inglesa, e ele via como ela tinha o dom de traduzi-la nos desenhos que fazia. Na noite anterior, David sentou-se ao lado dela para vê-la transformar vestidos em verdadeiras obras de arte.

Voltou para a realidade quando viu o irmão entrando no escritório. Thomas estava abatido e, conhecendo-o, David tinha certeza de que não pregara o olho na noite anterior. Trocaram cumprimentos, e Thomas se sentou de frente para o irmão.

— A que devo a honra de sua visita? Vou me sentir importante, primeiro sua mulher, agora você.

— Sarah esteve aqui?

— Ela está lá dentro com Marie. — David ofereceu um cálice de *brandy* para o irmão.

— Neste caso acho melhor eu ir. — Fez menção de se levantar

— O que está acontecendo?

Thomas passou as mãos pelos cabelos exasperado.

— Você tinha razão. Sarah é incrivelmente habilidosa nos negócios, tem o dom de encantar as pessoas por onde passa. Suas ideias são ponderadas, mas, ao mesmo tempo, inovadoras. Ela é incrivelmente formosa e... — Ele parou de falar abruptamente, e David esperou que o irmão continuasse. — Sinto-me à beira do abismo. Ela é envolvente demais para que alguém lhe resista, mas não posso me permitir tamanho despautério. Não consigo parar de pensar no casamento do marquês e da marquesa.

— Nossos pais não são referência, Thomas. Foi um casamento arranjado, nosso pai é vinte anos mais velho que nossa mãe...

— Tenho medo de ser como ele. Sarah não merece.

— Você não é como ele, jamais levantaria a mão para sua mulher. — David se ajeitou na cadeira. — Sei que não aprova minha relação com Marie e compreendo suas reservas, mas queria que soubesse que tenho experimentado algo que nunca imaginei que fosse possível. O matrimônio pode ser algo maravilhoso, a intimidade, a paz, a calma. Permita-se, meu irmão.

Thomas se levantou abruptamente.

— Percebe como falou, como um tolo apaixonado? Era assim que ele era com ela, eu me lembro. Até o dia em que a pegou com o cocheiro. Ele achava que depois de... — Fechou os olhos com força, tentando dissipar da mente tudo que o pai praguejava a cada vez que o açoitava. — Depois daquele dia a maldição se instalou naquela casa. Essa cortesã fará a mesma coisa com você.

— Não creio nisso, e esse assunto não lhe diz respeito, mas, se essa é a desculpa que tem encontrado para fugir do encantamento que sente por sua esposa, procure outro, pois Sarah jamais faria o que Joana faz.

Dito isso, David deixou o irmão sozinho e, com o sangue pulsando nas veias, entrou em casa à procura de Marie. Ela estava no quarto, sentada na cama, pensativa.

Desde o momento em que Sarah partira, Marie refletia condenando-se. Estivera a um passo de contar tudo à amiga, aconselhar-se sobre a melhor maneira de agir. Abrira o coração em relação a David. Confessara em voz alta que a ideia de se casar com

ele já não era tão absurda quanto pintava, mas não poderia expor as pessoas que amava ao seu passado.

Perdida em pensamentos, foi surpreendida por David em cima dela, pressionando-a contra o colchão e reivindicando sua boca com fome. Não era luxúria, era algo que se parecia com posse, amor.

— Prometa-me, *mon amour*, que jamais me trocará por homem algum — David pediu, e ela viu desespero nos olhos dele.

— Meu coração é só seu, meu amor, jamais entregarei a outro o que pertence a você.

David suspirou pesadamente e se colocou de lado, puxando-a para perto. Ficou alguns minutos somente sentindo a presença dela, naquela cama, em sua vida, até que Marie rompeu o silêncio:

— Lady Sarah me fez uma pergunta cuja resposta eu gostaria de saber. — Ele se virou para olhá-la. — Queria saber o que se deve fazer para que o homem espere a mulher no ato de intimidade.

David gargalhou, mas parou no instante em que ela sorriu também e, então, acariciou-lhe uma face com ternura.

— Não é uma das tarefas mais fáceis, principalmente quando a deusa da luxúria se apodera de seu corpo, mas eu me esforço.

— Eu sei, mas sempre fico com a sensação de querer mais.

Ele gargalhou ainda mais.

— A questão em voga não é esperá-la, *ma chéri*, e sim saciar esse demônio que habita esse corpo feito para o pecado.

Ela já não se sentia suja ou humilhada com aquelas palavras. Era uma constatação que não podia negar, ele a transformava numa devassa, numa cortesã. Não era o seu sangue, era ele.

Capítulo XI

Heloise analisava os desenhos maravilhada. Marie contou o dinheiro que recebera e o colocou novamente no saco de veludo.

— Seus desenhos são um sucesso, minha querida — a modista comentou ao ver o espanto dela. — Lady Baldwin, a condessa de Harewood, está encantada com nosso trabalho, encomendou vários vestidos. Prometeu trazer outras damas ainda esta semana. Eu sabia que daria certo.

— Guarde com você. — Marie entregou-lhe a bolsa de dinheiro. — Ainda preciso de mais para pagar o que a mulher de Phillip me deu, a bolsa era muito pesada, eu nem cheguei a abrir. Sei que com você estará seguro.

A modista pegou o saco e o colocou sobre a mesa. Constrangida com a pergunta que fazia, Heloise quase sussurrou:

— Tem se prevenido, minha querida?

— Sim, camisas inglesas e esponjas. Minhas regras estão em dia.

— Fico satisfeita em saber! Você tem um futuro brilhante pela frente, e há algo importante a resgatar.

— Eu sei, penso nisso todos os dias.

Desviando a atenção para os tecidos a sua frente, Heloise continuou a inquirição sem encarar Marie.

— Seus sentimentos por esse lorde, tem certeza de que ele é uma boa pessoa?

Marie estranhou a pergunta. A amiga sempre fora muito discreta e não era de seu feitio fazer indagações pessoais. No tempo em que viveram juntas em Paris, a modista só perguntara de Phillip uma ou duas vezes. Talvez, pensou Marie levando uma mão aos lábios, essa curiosidade se devesse àquele sorriso bobo que exibia ultimamente.

— Confio em David como confio na senhora. Ainda não contei a ele tudo, pois seu primo tem uma questão particular com Phillip, e não quero ser o pivô de uma tragédia. Vou encontrar um jeito. No

momento certo eu lhe direi tudo e tenho certeza de que ele irá me ajudar.

Acenando em concordância, Heloise pegou o saco de dinheiro e o colocou dentro de um baú. Marie não demorou a se despedir, naquela noite David jantaria na casa do irmão, e ela havia feito um novo lenço para que ele usasse no lugar da gravata.

Marie estava concentrada em seus desenhos. Trabalhava sobreposição de tecidos, testando nos retalhos que pegara no atelier de Heloise. O silêncio era inspirador, David havia saído para jantar na casa do irmão, mas ela sabia que ele não se demoraria. Ouvia um barulho, como se alguém forçasse o portão lateral, e imaginou que David havia chegado, mas ainda era cedo.

O barulho cessou e logo em seguida ela escutou um ruído na janela do atelier. David havia colocado travas de madeira, alegando a insegurança nas ruas de Londres. Na ocasião Marie achara um exagero, mas naquele momento agradeceu o excesso de zelo.

Trêmula e com o coração aos pulos, seguiu até o quarto de vestir, onde se escondeu. Ficou ali por mais de um quarto de hora, até perceber que o barulho havia cessado. Condenou-se, poderia ser somente sua imaginação ou o medo pungente de reencontrar a tia. Trocou-se e deitou-se na cama, orando pela proteção de Deus. Quando finalmente caiu no sono, escutou algo sobre o telhado. Cobriu a cabeça e recomeçou a oração.

No dia seguinte quando acordou, Marie contou o ocorrido para David. Ele informou que alguns vândalos às vezes forçavam as portas para saquear o comércio. Sobre os passos no telhado, tranquilizou-a supondo que fosse um gato ou até mesmo um gambá.

David insistiu que comprassem o quanto antes uma casa, e dessa vez ela não se mostrou resistente. Isso trouxe certo alívio a ele, embora soubesse que deveria aguardar que o irmão se entendesse de vez com Sarah e se posicionasse sobre suas ambições políticas.

A fim de distrair Marie, ele a levou a Groove House, para visitar Sarah.

No fim do dia, ela parecia mais relaxada, ele não via mais o terror em seus olhos. Dormiram abraçados, depois de se amarem.

O dia passou como um borrão, Marie sabia que David acompanharia Sarah em um baile aquela noite, mas fora tomada pelo trabalho. Passara quase toda a tarde no atelier de Heloise, ajudando-a nas encomendas.

David havia deixado uma carruagem a sua disposição. Como Emily morava em um local distante, Marie a dispensou achando um exagero levar companhia a cada vez que saía. Já não tinha a sensação de estar sendo observada e, mesmo com o episódio de duas noites atrás, preferiu acreditar em David, que ali estava segura.

Enquanto tentava abrir o portão, sentiu uma mão no ombro. Um frio lhe atravessou a espinha, e seu coração parou quando ela viu Phillip a sua frente.

— Não tenha medo, minha querida. Eu só vim lhe dar um aviso.
— Ele segurou o queixo dela sem muita delicadeza. — Você já foi muito valiosa, mas hoje em dia sua vida não está valendo muito. Vai chegar o momento em que voltarei para buscá-la, e pode ter certeza de que me agradecerá isso. — Apertando o rosto de Marie com violência, continuou. — Não tente nenhum stratagem, tenho gente de olho em vocês. Com um único pedido, eu acabo com você, com o filho do marquês e com a modista.

O cocheiro, que a aguardava a certa distância, aproximou-se. Phillip a soltou rapidamente e a deixou ali, apavorada, sem chão e sem mais tanta certeza de um futuro feliz.

Naquela noite ela não conseguiu pregar os olhos e nem mesmo conseguiu se concentrar em nada no dia seguinte. Por mais que a ameaça fosse clara, Marie precisava agir, fazer alguma coisa. As palavras de Phillip martelavam em sua mente. No desjejum, ela alegou estar indisposta para justificar suas poucas palavras.

— Farei uma visita a lady Sarah — informou a David.

— Eu a levarei — declarou, deixando Marie num misto de alívio e pânico. — Um velho amigo está se desfazendo da biblioteca dele, aproveitarei a viagem para arrematar alguns exemplares.

Logo depois da refeição, Marie fingiu estar ocupada com seus desenhos, manteve-se distante. David parecia estar atribulado demais para perceber, e ela agradeceu a Deus a desatenção dele. Olhou-se no espelho e encarou a imagem refletida. Suas roupas eram finas, elegantes, poderia facilmente se passar por uma dama. Suas faces pouco revelavam do que de fato ela sentia, embora os olhos parecessem opacos e mais escuros que o normal.

Marie temia, e não mais por ela, mas por Heloise e, principalmente, por David. Caiu de joelhos em oração, rogando a Deus que protegesse aqueles que ela mais amava.

Joana ensaiava sua entrada triunfal no novo lar de seu filho. Seu alvo estava lá. Era só jogar a isca. Foi recepcionada por um mordomo insolente, que pareceu treinado para seguir o protocolo à risca, mas não se intimidaria por um criado. Exigiu ser encaminhada até onde a nora estava.

Ao bater o olho em seu alvo, demorou certo tempo analisando-a, olhos verdes, cabelos ruivos, lembrava alguém, mas Joana não poderia dizer com certeza quem. Não havia visto Marie de tão perto. Sem tempo para procurar familiaridades na camareira intrometida que mexera onde não devia, vestiu sua melhor máscara social para cumprimentar a nora.

— Quem é essa dama encantadora?

— A Srta. Delage é filha de um velho amigo de meu pai. Seu irmão é um arquiteto muito importante na França, é o responsável pela reforma de Groove House.

Por um instante Joana quase acreditou que Phillip havia mentido sobre a origem daquela mulher, cogitou a possibilidade de seu informante ser um patife incompetente, mas, ao ver a ruiva engasgar com os olhos esbugalhados, percebeu que Sarah jogava. Observou enquanto a nora ajudava a camareira, que sussurrou:

— Desculpe, senhora.

— Não precisa se desculpar, querida. — Sarah interveio mais uma vez a favor da criada. — A Srta. Delage está se recuperando de

um forte resfriado. Foi muito atencioso da parte dela vir pessoalmente trazer rendas primorosas para as almofadas do quarto. A avó dela tece rendas como ninguém.

Mesmo que não tivesse tempo para frivolidades, a estranha familiaridade da farsante a sua frente era algo que instigava Joana, mas, apesar disso, ela tentou se concentrar na conversa.

— Quanta delicadeza, Srta. Delage. Receio já termos sido apresentadas, mas não me recordo de onde.

— É minha primeira vez em Londres. Era um desejo antigo passar uma temporada no Reino Unido e, como meu irmão veio atender a um pedido de lady Hervey, resolvi acompanhá-lo.

— Adoraria conhecer um arquiteto tão importante — instigou-a esperando que ela se enrolasse. — Creio que ele faria maravilhas em Hervey House.

— Infelizmente, será impossível — mais uma vez sua nora irritante respondeu pela criada. — Tive que insistir muito para que ele me atendesse, está de mudança para a Itália.

— A senhorita pretende acompanhá-lo? — Joana questionou interessada.

— Estou tentando convencê-la a passar um tempo em Londres. — Joana desejou que alguém calasse Sarah.

— É bem tímida para uma francesa — Joana resolveu trocar a estratégia da conversa. — Chamará a atenção dos cavalheiros ingleses. Desculpe a observação, mas as francesas são tão vulgares, e você parece uma dama de respeito.

— Obrigada, lady Hervey. Não acredito que possamos ser julgados pelo lugar de onde viemos. Cada pessoa é única, diferente.

Joana tentou controlar o impulso de responder e resolveu utilizar outras armas.

— Ah! Que encantadora. Precisa conhecer meu filho mais novo, ele também aprecia divagações existenciais — resolveu encerrar o assunto, antes que perdesse a paciência com a serviçal, e virou-se para a nora tentando parecer cordial. — Onde está Thomas?

Depois de descobrir que o filho viajara a negócios, Joana não se demorou. Sua visita estava paga, convidara a serviçal para o “abate”

e, se tudo corresse bem, se livraria de dois diabos com um mesmo frasco.

Já Marie, ficou um pouco mais em Groove House, aguardando que David a buscase. Quando chegou a casa, depois de se encontrar com a mãe de David, foi direto para o atelier, a fim de encontrar um pouco de paz. Condenou-se por ter ido a Groove House, onde estava com a cabeça ao cogitar a hipótese de se abrir com Sarah? Ela já tinha os próprios problemas, e a aparição de Joana fora algo controverso. Marie não negaria que a simpatia da mãe de David a deixara surpresa; será que já sabia se portar como uma dama?

Tinha lido os livros de etiqueta que Sarah enviara depois de sua visita, utilizara os ensinamentos em seus desenhos, mas não imaginava que seu comportamento havia mudado a ponto de impressionar uma marquesa. Além do mais, a cada vez que olhava para Joana, sentia embrulhar o estômago; por trás daquela pele de ovelha havia um lobo pronto para dar o bote. Fora ela que mantivera a pobre Ann dopada durante anos.

Treze dias haviam se passado desde que Phillip a ameaçara e nem mais um sinal, nada. O silêncio dele a preocupava. Joana a havia convidado para jantar em Hervey House, mas Marie nem cogitava a possibilidade de ir.

Naquela tarde enviou uma nota a Heloise pedindo que a amiga lhe fizesse companhia à noite. Não explicara muito, mas conhecia a modista o suficiente para saber que ela iria ao seu encontro e que não faria uma só pergunta.

Quando David chegou à sala, viu Marie concentrada em um bordado. Ele já não a via como antes, algo havia mudado, e isso o incomodava.

— Está certa de que não deseja ir? — perguntou com cautela, ajoelhando-se entre as saias do vestido de Marie.

— Não me sentiria confortável, prefiro ficar aqui. — Sentiu que os olhos se enchiam de lágrimas e tentou conter as emoções.

— Meu amor, desde que encontrou minha mãe está assim. Ela lhe fez alguma coisa?

— Não! A marquesa foi educada, não me destratou. — Como de costume, ajeitou o lenço dele carinhosamente. — Só não me sinto preparada.

— Eu entendo você. Gostaria de declinar o convite, mas, conhecendo Thomas como conheço, sou capaz de jurar que ele aproveitará esse jantar para travar uma guerra. Prometo não me demorar. Já mandei que alguém buscasse Heloise, ficará bem?

— Sempre pensando em todos a sua volta. — Ela lhe acariciou os cabelos. — Isso é o que mais amo em você, está sempre disponível para ajudar, amparar. É um exemplo para mim, desde o dia em que me acolheu.

— Eu a amo, minha bela. Cuida de mim nos pequenos gestos. Sou capaz de qualquer coisa para vê-la sorrir; por favor, diga-me o que posso fazer para ter seus olhos brilhando de volta.

Marie parou, pensativa, por alguns instantes.

— Não deixe que ninguém lhe faça nenhum mal. Se eu tiver certeza de que está bem, estarei também.

David a tomou em um beijo apaixonado, parou somente quando Heloise chegou. Marie se levantou para se despedir, abraçou David apertado e, com os lábios colados ao ouvido dele, suplicou:

— Não tome nenhum remédio.

Ele partiu, intrigado com aquele pedido. Quando chegou à casa dos pais, o clima familiar, pesado, fez com que ele se esquecesse de tudo. Sempre que estava ali dentro, mantinha-se em estado de alerta. David não foi recebido calorosamente, o marquês e sua esposa sequer pareciam se dar conta de que o filho caçula tinha saído daquela casa havia um mês.

Quando Sarah e Thomas chegaram, David se viu ainda mais tenso. Seria tolice acreditar em intuição, mas ele sabia que aquele dia seria marcado pela discórdia. Assim que seu irmão pediu a palavra, David olhou para o pai e percebeu que ele não parecia bem.

Enquanto Thomas anunciava os próprios anseios políticos, David se posicionou de forma que tivesse a situação sob controle. Entrou em alerta quando o pai tentou atacar o herdeiro do marquesado,

mas George caiu no sofá quase sem forças. A marquesa levou a mão ao bolso e tirou algo, que David não conseguiu identificar. Ela virou-se de costas, e ele a viu destampar uma das garrafas no aparador. Do ângulo em que estava, pôde notar o sorriso maligno que ocupava a face da marquesa, e isso o fez gelar. Thomas tentou se aproximar do pai, que o empurrou bradando com toda força que tinha.

— Saia daqui! — o marquês expulsou o filho depois de declarar que o deserdaria.

Thomas permaneceu estático, com Sarah ao seu lado, tocando seu braço. Percebendo que algo estava errado, David se aproximou do pai, cauteloso.

— Vá, eu cuido dele — pediu num tom firme, enquanto ajudava o marquês a se ajeitar no sofá.

— Vou mandar chamar Dr. Lewis. — Joana saiu apressada.

Assim que a viu sair, David chamou o mordomo e pediu a ele que mandasse buscar lorde Granville. Mesmo respirando com dificuldade, o marquês parecia um pouco mais calmo.

— Eu devia ter apostado em você — lamentou o pai falando com dificuldade. — Confiei naquele bastardo e na meretriz da sua mãe. — Respirou como dificuldade. — Criei Thomas como um filho.

— Por favor, acalme-se. O médico já está a caminho.

— Traga meu material de escrita — ordenou com arrogância, mesmo quase sem forças.

— Não está em condições de...

— Não ouse me afrontar você também — a voz dele era quase um sussurro. — Vou deserdar seu irmão, escreverei o nome de cada testemunha de que Joana já estava grávida de um criado quando se casou, e ninguém vai me impedir. Nem que isso seja a última coisa que eu faça na minha vida.

E assim o fez, com dificuldade e a frieza familiar, George redigiu, de próprio punho, o documento que deserdaria Thomas e revelaria para toda a sociedade que ele era um bastardo. Assim que terminou, fez com que David secasse a tinta e, com os olhos turvos, pediu ao filho:

— Não negue este último pedido de seu pai, David. Estou lhe dando a única chance de fazer algo certo na vida e honrar o sangue

Hervey que leva. Será o marquês de Bristol e tem a obrigação de honrar o nome que carrega.

Não contrariaria o pai, não diante de seu estado. David guardou o documento no bolso, agradecendo que ninguém tivesse presenciado aquela cena. Não demorou muito para que Joana entrasse na sala com Dr. Lewis, o que causou certo estranhamento, uma vez que o médico morava a certa distância.

Nada foi dito, nem uma explicação, Joana sequer o olhou. No bolso de David, o peso de um pedido do pai. A sua frente, uma cena que desejaria esquecer.

Quando o médico retirou um frasco do bolso e pediu que o marquês tomasse, as palavras de Marie vieram à mente de David. *Não tome nenhum remédio.* E, antes que pudesse alcançar o pai para impedi-lo de tomar, Joana virou o frasco de uma só vez na boca do marido.

Enquanto via o marquês agonizar a sua frente e as tentativas fingidas do médico em salvá-lo, David permaneceu sem reação, assim como sua mãe, que expectava com muito mais curiosidade do que desespero.

Quando lorde Granville chegou, George já havia falecido. Joana se jogou ao chão, num pranto fingido, para impressionar o pai. Dr. Lewis se adiantou tentando explicar as possíveis causas da morte do marquês. Alegou um ataque apoplético fulminante e sugeriu que Thomas poderia ser o responsável.

Diante daquela cena, David viu a mãe implorar ao Dr. Lewis que ocultasse a participação do filho mais velho, temendo causar um escândalo na família do duque de Sutherland, uma vez que sua nora era filha dele.

Não tome nenhum remédio. As palavras de Marie martelavam incessantemente na cabeça de David. Ann, a troca de médico, o casamento. Sem pensar duas vezes, David voou sobre o ancião, pegando-o de surpresa.

— Confesse que o matou, diga o que lhe deu. Ele parecia melhor e, logo depois do medicamento, morreu — esbravejou, apertando a glote do médico.

— Solte-o! — lorde Granville ordenou, e David afrouxou a mão.

— Foi ela... — o médico confessou quase sem voz. — Lady Hervey me chantageou, eu não...

Lorde Granville se aproximou e, com um olhar fulminante, ordenou que David se afastasse.

— Foi isso o que fizeram com minha Juliet? — perguntou entre dentes.

— Ann... — o médico tentou falar, mas lorde Granville o acertou.

— David, mande uma nota para seu irmão, peça a ele que providencie o funeral. Eu resolvo tudo por aqui.

— Mas ...

— Não me contradiga! Vá, eu o vejo mais tarde.

Sem forças para contestar, David partiu. Quando entrou na carruagem, sentiu-se estranhamente aliviado e se condenou.

Capítulo XII

Marie, que estivera toda a noite apreensiva com os próprios problemas, esqueceu-se completamente de tudo o que a afligia no momento em que David chegou a casa e desabou, contando tudo o que havia acontecido.

— O remédio, por que pediu que eu não tomasse remédio?

— Ann... sua mãe a mantinha entorpecida, e aquele médico...

— Por que não me contou?

— Eu não poderia, Ann me confidenciou isso e fez um pedido, ela temia que o pior acontecesse.

— Como nunca ninguém desconfiou de Dr. Lewis? Foram tantos anos...

— Acredito que a Sra. Turner desconfiava, mas também tinha medo ou era ameaçada.

— Obrigado por salvar Ann. — David a abraçou ainda mais.

— Precisa descansar, meu amor, trarei algo para comer.

— Vou me casar com você, nem que tenha que a arrastar até uma igreja. Quero você para sempre, do meu lado, cuidando de mim.

— Serei sempre sua, meu amor. — Ela o beijou com ternura. — Venha, vou ajudá-lo a se trocar e preparar algo para que possa comer.

Quando Marie tentou retirar seu paletó, ele se lembrou do documento que carregava. Retirou a folha de dentro do bolso e a jogou na lareira em brasas. Jamais atenderia àquele pedido do pai. Thomas era um bastardo e sabia, ouvia cada vez que apanhava. Não era um segredo naquela casa. Mas, apesar de tudo, ele fora treinado para herdar o título, fora isolado, castigado e não seria justo que o marquês lhe tirasse aquilo.

— O que era aquilo? — Marie se aproximou, e David a abraçou.

— Às vezes algumas verdades precisam ser escondidas para proteger quem amamos.

Marie o abraçou, compreendendo perfeitamente o significado delas. Foi inevitável associar tamanha sabedoria aos segredos que ela mesma escondia. Recostou-se aos ombros de David, a fim de dissipar os pensamentos. Ele precisava dela, precisava dos seus cuidados. Dedicou-se a mimá-lo e a cuidá-lo, deixou que ele adormecesse em seu colo, no sofá da sala.

Já estava claro quando lorde Granville chegou à casa dos fundos da livraria, Emily já preparava o desjejum. E Marie sentia câimbra nas pernas por passar quase toda a madrugada na mesma posição, velando o sono de David.

Acariciou os cabelos dele com carinho para acordá-lo e receber o avô dele. David se levantou sonolento e foi surpreendido por um abraço caloroso de lorde Granville.

— Como você está, meu filho? — David não soube responder, não era comum ouvir perguntas sobre como se sentia. — Não vai me apresentar a bela dama?

David sorriu e apresentou Marie para o avô. Sem graça, ela pediu licença, mas lorde Granville pediu:

— Fique, se é da família do meu neto é da minha também. — Sorriu brevemente. — Mas esta não é uma visita de cortesia, e espero que David a instale numa casa melhor, mais confortável, para que possamos desfrutar boas refeições. — Parou e voltou-se para o neto. — Enviarei sua mãe para Edimburgo, logo depois do funeral; confesso que minha vontade é entregá-la ao magistrado, mas isso arruinaria sua vida e a de Thomas, então mantereí Joana distante e bem observada.

— E quanto ao médico? — Marie deixou escapar.

— Não será acusado da morte do marquês, seria dar chance a muita conversa. Mandei chamar o duque de Sutherland; ele tem contatos para manter Dr. Lewis na torre do Londres ou até mesmo para fazer a cabeça dele rolar.

Marie desviou o olhar nauseada, e Willian continuou:

— Não é segredo que nunca tive apreço pelo meu genro, mas o que aquele médico fez com minha Juliet e com minha Ann não tem perdão. Joana terá seu próprio martírio.

— Quero contar tudo a Thomas — pediu David.

— Depois do funeral. Aconselho que não leve sua bela dama, precisamos que seja uma cerimônia rápida para que Joana possa partir logo em seguida. — O ancião revirou o bolso e ergueu um envelope com uma tarja preta ao neto. — Sarah lhe enviou uma nota, ela cuidou das exéquias.

Sendo cordial tanto quanto possível, o conde de Snowdon esperou, na companhia de Marie, que o neto se trocasse. Antes de partir, prometeu que voltaria para uma visita e, ainda que com um ar melancólico, instigou David novamente a comprar uma casa à altura da bela dama.

Cinco dias haviam se passado desde a morte do marquês. Marie dedicou todo o seu tempo a David. O silêncio de Phillip lhe dava esperanças de que ele tivesse desistido de cumprir sua promessa.

David ouvia Marie ler poesias em francês, enquanto saboreava um *brandy*; ela tinha o poder de fazer com que o mundo lá fora não existisse, com que os momentos de névoa fossem tomados pelo sol.

Foram surpreendidos pela presença imponente de Thomas, que cumprimentou Marie com uma reverência e um beijo na mão.

— Peço perdão por vir assim, mas trouxe algo para você. — Entregou para Marie os documentos que trazia. — Sarah me disse recentemente que a senhorita foi carinhosamente batizada, por ela, como Srta. Delage. Agora é oficialmente Marie Delage e, com as ideias mirabolantes de minha esposa, poderá se casar com meu irmão.

David abraçou o irmão agradecido, e Marie se emocionou com o gesto.

— Você me disse que temos a chance de fazer diferente — Thomas declarou emocionado —, e iremos fazer, temos mulheres maravilhosas ao nosso lado, que nos darão uma família de verdade.

Para Marie tudo estaria perfeito, só faltava uma única coisa. Os últimos acontecimentos a fizeram esquecer quase por completo a ameaça de Phillip, e ele tinha o que ela mais desejava. Naquela tarde, Thomas lhe dera um sobrenome, uma identidade, mas nada

parecia ter importância sem o pedaço que lhe faltava, pulsava dentro de seu coração todos os dias.

Em um papel em branco, começou a rabiscar, não um vestido como sempre fazia, mas um bilhete, uma declaração de amor, algo que tentasse traduzir em palavras todo o amor que ela sentia, sua descoberta sobre o amor romântico.

Marie contava seu dinheiro pensando em uma maneira de devolver o que a viscondessa de Derby lhe entregara. Precisaria de um bom plano, mas não fazia ideia de como agir sem pedir ajuda. Rezou a Deus pedindo proteção aos que amava.

Na tarde anterior tinha ido à casa de Sarah, a convite de Thomas. Fora recebida como convidada para o anúncio da gravidez de sua amiga.

Por um instante deixou a mente vagar pela possibilidade de se casar com David; sorriu pensando no quanto sua vida havia mudado desde que deixara Paris.

David havia saído para o baile de posse do primeiro-ministro. Estava lindo como sempre, seu anjo. Ela deixou o atelier e foi até a sala. Pensou em ler alguma coisa, mas sentiu as pernas fraquejarem e uma onda de pavor ao ver Phillip parado junto à porta.

Quando David chegou a casa, sentiu o alívio de estar no aconchego do lar. Tudo ali tinha o jeito dela, o cheiro dela. Devido ao silêncio, supondo que Marie já tivesse adormecido, foi direto para o quarto.

Durante o baile de posse do primeiro-ministro, imaginara-se dançando com ela, apresentando-a a todos como sua esposa.

Retirou o paletó apressado, ele a acordaria com beijos e carícias. Mas ela não estava no quarto, nem na sala de banho, nem no quarto de vestir.

Procurando-a pela pequena casa, na esperança de encontrá-la trabalhando, seguiu até o atelier.

— *Mon amour* — chamou e não obteve resposta.

Atravessando o pátio, foi até a livraria, seu escritório. David a chamou, mas ela parecia não estar em lugar algum. Ele voltou para o atelier e, sobre a mesa, em cima dos desenhos, viu alguns escritos.

Meu amado David,

O amor que sinto é tão grande, que eu seria capaz de tudo para vê-lo feliz.

Um sorriso bobo brotou em sua face, ela tinha o poder de encantá-lo com simples palavras. Ele procurou a continuação, encontrando somente desenhos.

Estava certo de que Marie não estava em casa. Lembrou-se de que ela havia comentado que Heloise estaria atarefada com encomendas e, certo de que Marie não deixaria a amiga na mão, resolveu ir ao seu encontro.

Sentiu a cabeça latejar antes mesmo de abrir os olhos. Seus movimentos estavam lentos, ela remexeu-se na cama à procura do corpo de David, como sempre fazia ao acordar, mas não o encontrou. Abriu os olhos e a claridade era tamanha que parecia ferir suas retinas. Marie as fechou novamente e logo tentou abri-las aos poucos. Sua visão estava embaçada, mas era possível sentir um vulto ao pé da cama. Ela sentou-se com dificuldade, seu corpo doía. Mirou o borrão esperando que a imagem se fizesse nítida.

Uma mulher. A viscondessa a observava. Em suas feições, dor, e Marie poderia jurar que via piedade naqueles olhos negros.

— Está segura, ele saiu — Viollet falou baixo, e Marie olhou em torno do cômodo assustada. — Deve voltar somente ao entardecer.

— Onde estou? David...

— Phillip a trouxe para cá. — A viscondessa se levantou. —
Acredito que queira ver alguém.

O coração de Marie parou. A sensação era de que toda a dor acumulada nos últimos anos estivesse presa em sua garganta. Lágrimas grossas banharam seu rosto, não pelo pavor de ter sido raptada, mas pela emoção. Dois anos, dois meses e um dia, esse fora o tempo durante o qual orara desesperadamente, esperando aquele reencontro.

Tempo que parecera uma eternidade, tempo que não fora capaz de apagar a dor que Marie carregava dentro de si, ainda que ela sorrisse.

Quando a porta se abriu, Marie sentiu o peito transbordar, queria levantar-se, mas seu corpo não respondia. Passinhos descompassados e hesitantes romperam o batente da porta, aproximando-se cautelosos, revelando cabelos acobreados como os dela e os olhos mais verdes que ela já vira.

— *Mon petit* — era difícil controlar a emoção.

Uma gargalhada gostosa, infantil, invadiu o quarto, Marie poderia jurar que ele a reconheceria. Tentou levantar-se mais uma vez, mas sentiu-se tonta. Viollet pegou o pequeno Paul nos braços e o levou para o colo da mãe. A viscondessa acariciou os cabelos do garoto, deu um beijo carinhoso na face rechonchuda.

— Essa é sua mãe. — Visivelmente emocionada, Viollet colocou a criança no colo de Marie e se afastou. — Flora, minha irmã, cuida muito bem dele...

— Obrigada! — Marie agradeceu enquanto acariciava a face do filho.

Paul olhava para a mãe, curioso, e repetiu o movimento dela tocando-lhe a face curiosamente. Incapaz de se controlar, Marie abraçou o filho entre lágrimas. *Merci, mon Dieu.*

Marie passou o dia mimando o filho, tentando recuperar o tempo perdido. Aos poucos, a tonteira melhorava, e ela já arriscava carregá-lo. Viollet lhes dera privacidade, e Marie se esquecera por completo de que ali era uma prisioneira, talvez nem se dera conta

daquilo. A felicidade de ter o filho nos braços era tamanha que ela sequer pensara em outra coisa.

No fim do dia, Marie foi surpreendida pela presença de uma bela jovem e sentiu-se enciumada pelo carinho que o pequeno Paul demonstrou com ela.

— Oi, sou Flora, irmã de Violett. — Marie sorriu fracamente, enquanto via Paul se aninhar nos braços dela. — Preciso levá-lo. O visconde chegou, bêbado o suficiente para precisar ser carregado. Você terá uma noite de descanso, vou pedir que tragam algo para comer.

Foi quando seu filho deixou o quarto que a realidade assombrou Marie. Estava presa, perto do filho, mas longe de David. Orou em silêncio, em uma súplica para que ele estivesse bem.

“Bem” não descreveria David enquanto ele vasculhava cada canto de Londres. Ele já havia ido à polícia, a hospitais, e a todo local a que o aconselhavam procurar. Marie não estivera no atelier de Heloise na noite anterior. A modista não sabia do paradeiro da amiga, e isso o fizera cair em desespero. Passadas quase vinte horas depois que ele se dera conta do desaparecimento, David foi até a casa do irmão, precisava de ajuda e não tinha mais a quem recorrer.

Ao recebê-lo, o mordomo viu o quanto David estava maltrapilho e lhe ofereceu uma dose de puro malte, enquanto chamava o marquês.

— O que houve? — Sarah desceu as escadas apressada, com Thomas em seu encalço.

— Marie desapareceu; ontem à noite quando cheguei do baile, ela não estava mais em casa. Não encontrei nem uma pista, nada.

Thomas se colocou ao lado do irmão.

— Está procurando por Marie há quase um dia e não me pediu ajuda?

— Eu não sei o que fazer, ela estava com medo. Afirmou ter visto a tia nas ruas, mas eu não dei importância, eu...

— Calma — Sarah interveio —, vamos nos sentar, precisa nos dizer tudo que sabe.

David relatou a história de Marie, contou sobre o nobre inglês que a iludira e o pouco mais que sabia. Sarah prestava atenção em

cada detalhe.

— Pois bem, tenho uma lista de todos os aristocratas do Reino Unido, podemos trabalhar por eliminação. A começar pelos casados, com idade aceitável, para reduzirmos a lista. — Um pouco apreensiva, voltou-se para o marido. — Vamos precisar da ajuda dos Baldwin; Edward, como primeiro-ministro, conseguirá informações sobre as pessoas que fizeram a travessia para a França nas últimas horas, a tia pode tê-la raptado. E Cécile terá a informação de todos os aristocratas da lista com o perfil que procuramos. — Ela esperou que o marido anuísse e virou-se para David. — Fique tranquilo, meu querido, não está sozinho. Iremos encontrá-la.

Capítulo XIII

Ela já não tinha noção do tempo. A alegria de compartilhar os dias com o filho era tomada pelo pavor da noite. Duas semanas era o tempo que ela supunha ter passado, mas tudo era intenso demais para ter certeza. O silêncio da casa era o prelúdio do desespero e, quando a porta se abriu em um rompante, com Phillip trazendo Viollet pelos cabelos, Marie teve certeza de que a prece que fizera para que ele chegasse bêbado a ponto de cair, naquele dia não havia dado certo.

— Tirem as roupas — ele ordenou com a voz trôpega e com um chicote em punho.

Elas não ofereceriam resistência, Viollet já havia aconselhado Marie dizendo que, quanto antes cedessem, mais cedo acabaria a tortura. Ambas se olharam num desespero cúmplice. Uma dor cortante atingiu a coxa direita de Marie, deixando as marcas do chicote logo que ela se despiu.

Phillip as colocou na cama, de bruços, apoiadas sobre os joelhos para facilitar seu trabalho. Elas não gritariam, não emitiriam um som sequer, não queriam ser ouvidas nem por Paul, nem por Flora, que, apesar da pouca idade, demonstrava saber o que acontecia naquele quarto.

Ele chicoteou o traseiro de Viollet, que virou o rosto para Marie, tentando segurar a lágrima dura que insistia em cair. Enquanto ele investia sem piedade o sexo contra o de Marie, golpeava o corpo de Viollet, deixando marcas escarlates. Até que se cansava e trocava o alvo. E era assim quase toda a noite.

Numa conversa silenciosa de dor e desespero, elas se olhavam, e foi assim que surgira uma cumplicidade, em cada lágrima não derramada, em cada grito engolido. Quando a tortura finalmente terminou, Phillip ordenou que elas juntassem seus pertences, pois ele as levaria de Londres, para um lugar onde ninguém pudesse vê-las.

Enquanto o silêncio dizia muito mais do que qualquer pedido de socorro, David, farto de uma procura que não havia levado a nada, estava quase chegando a Paris. Depois de convencer o irmão e a cunhada a aceitarem a ajuda de John, que estava lá, havia quase um mês, com Ann e Dr. Anthony.

Queria revirar cada canto do Palais des Plaisirs, queria sua mulher de volta e não ficaria de braços cruzados. Precisava de uma luz, de uma pista ao menos, e tudo que tinha de concreto naquele momento era o bordel onde Marie crescera. Por insistência do irmão, ele não iria sozinho.

Assim que chegou ao endereço indicado, foi recebido por John, Anthony e Ann. A surpresa foi grande e, quando David informou o que havia acontecido, a jovem desabou no sofá.

— Thomas mandou uma carta, mas eu não poderia esperar mais... — David tentou explicar sua chegada intempestiva.

— O visconde de Derby — Ann anunciou. — Phillip, foi ele que iludiu Marie propondo-lhe casamento.

— Eu vou matar aquele desgraçado! — John esbravejou, dando um soco na parede.

— Acalme-se, John. — Dr. Anthony o recriminou. — Devemos agir com prudência, controle seus nervos.

— Eu não tenho nervos! — John bradou. — Vamos voltar para Londres.

— Não vou perder minha viagem, preciso ter certeza de que ela não está em Paris. — David tentava não se abalar com a fúria de John, mas era quase impossível; não deixaria que o primo matasse Phillip, ele mesmo o faria.

Dr. Anthony se aproximou de Ann cauteloso, mantendo uma distância aceitável.

— Irei acompanhá-los. Se precisar de alguma coisa, peça aos criados.

Ann, sem se importar com o irmão e com o primo, deu um beijo casto no rosto do médico.

— Tenha cuidado e traga Marie de volta.

David estava ansioso demais para prestar atenção nos avanços da prima; e John, tomado pelo ódio que sentia de Phillip, tinha um

único objetivo em mente, matar o homem que lhe roubara Viollet e que certamente estaria com Marie. Anthony, o mais sensato de todos, acompanhava-os como uma espécie de mediador, embora estivesse convicto de que nem o mais forte pugilista deteria os primos naquele momento.

Quando entraram no famoso bordel, David, sem rodeios, declarou o desejo de conversar com madame Bourdon, para espanto de John, que ansiava descontar toda a sua raiva em qualquer um que se metesse em seu caminho.

Por um instante, Anthony sentiu-se orgulhoso da sensatez e civilidade de David, mas, ao perceber os olhares da dama da casa, teve a impressão de que não era boa ideia.

Um homem que beirava dois metros de altura levou-os até o bar e pediu a eles que aguardassem ser chamados. John não titubeou em pedir uma garrafa de conhaque. O médico pensou em intervir, uma vez que o futuro duque estava em processo de recuperação, entretanto achou melhor não o reprimir; o álcool poderia ser um aliado para domar a fera que habitava o corpo de John, ou não.

Os olhos de David escrutinavam cada detalhe daquele salão. Ele tentou encontrá-la, procurou, nos vestidos das cortesãs, algum traço que pudesse remeter aos desenhos que já conhecia de cor, mas nada do que aquelas mulheres vestiam comparava-se sequer a um único modelo feito por Marie.

John virou um, dois, três, quatro generosas taças de conhaque, enquanto David tomou uma. O nível da garrafa descia, Anthony sabia que teria trabalho com John e tentou detê-lo, mas David interveio a favor do primo, alegando que era melhor que ele bebesse até cair exausto.

Uma garrafa e meia depois, os cavalheiros foram encaminhados até o escritório da cafetina mais famosa de Paris. Não passou despercebido o fato de que ela usava uma máscara, que lhe cobria quase todo o rosto, deixando somente os olhos verdes à mostra.

Os cabelos ruivos, ornados por plumas verdes, combinavam com a máscara alva, cravejada de contas vermelhas. Marie tinha os olhos da tia, David constatou, saudoso, enquanto sentia o peito arder de saudades.

— Madame — Anthony a cumprimentou sem jeito. Fez uma reverência hesitante, definitivamente não sabia como agir.

John se jogou em uma poltrona tentando focar-se na mulher a sua frente, mas via apenas um vulto branco, com manchas vermelhas, emoldurado por uma plumagem verde e vermelha. Que animal seria aquele? Um pavão?

— Cavalheiros — a voz de madame Bourdon era imponente, altiva, e ela não parecia se intimidar com a presença dos nobres ingleses. — Imagino que estejam interessados em uma distração especial.

— Quanto quer por Marie? — David a interrompeu, apoiando-se sobre a mesa. — Diga-me, dou-lhe o que quiser. Coloque o preço, e eu a libertarei.

Uma gargalhada estridente e divertida rompeu a tensão do ambiente. A alcoviteira levou a mão ao peito para tentar se recompor, não escondia o divertimento.

— Lamento informar, cavalheiro, mas este leilão terminou há mais de três anos. A “peça” foi arrematada por uma bela soma.

— Sei que está com ela — David falou em tom de ameaça.

John tentou se pôr de pé para ajudar o primo, mas cambaleou, caindo no sofá.

— Minha casa está de portas abertas para que possam procurá-la. — Ela jamais se intimidaria por homem nenhum. — Minha sobrinha fugiu, desdenhando de suas origens, e não sou uma mulher de segundas chances; nem se ela batesse a minha porta implorando para voltar, eu a receberia.

— Ela não precisaria — David falou entre dentes, e Anthony tocou nos ombros dele para que recuasse.

— Como a senhora pode perceber, os cavalheiros estão alterados — o médico interveio. — A senhora nos concederia uma autorização para procurarmos pelo estabelecimento?

Madame Bourdon assentiu. Não se alterava diante de homens, estivessem eles bêbados, furiosos ou dominados pela luxúria. Permitiu que procurassem em cada canto do bordel. John permaneceu sentado na poltrona, adormeceu após um quarto de hora.

— Ela não está aqui — constatou Anthony, logo que ele e David ficaram sozinhos.

— Não posso correr o risco. — David avaliava o local pensando em onde mais poderia procurar.

— Vamos embora, precisamos carregar lord Anson, e a busca será em vão.

Impossibilitado de apresentar argumentos para convencer o médico, David anuiu. Estava exausto, não só devido à longa viagem até Paris, mas também pela procura, pelas noites de saudade e porque, de alguma forma, os olhos da cafetina o remeteram, com ainda mais intensidade, à lembrança de sua amada.

No dia seguinte logo cedo, Anthony, John, David e Ann partiram de volta para Londres. O médico deixou um amigo encarregado de vigiar cada movimento no *Palais des Plaisirs*, garantindo a David que seria informado de qualquer sinal de Marie.

A caminho do País de Gales, a velha carruagem sacolejava pelas estradas esburacadas. Marie apertou a mão de Viollet depois de acomodar Paul no colo. Phillip ordenou que o cocheiro parasse no meio do nada para aliviar-se e, no breve momento em que as duas ficaram a sós, Viollet recriminou Marie.

— Era melhor ter deixado Paul com Flora.

— Não vou mais ficar longe do meu filho. — Ela trouxe a criança ainda mais para perto de si. — Sabe para onde estamos indo?

— Não faço a menor ideia.

Calaram-se logo que seu algoz retornou ordenando que a viagem fosse retomada.

Dois meses haviam se passado desde que Marie vira David pela última vez. Como desejava que ele aparecesse para salvá-la, para retirá-la dali. Mas ela já não era mais a mesma, as marcas em seu corpo jamais a deixariam esquecer aqueles momentos de horror que

vivera com Phillip. O olhar duro de Viollet era o que lhe dava forças. A viscondessa parecia uma rocha, não demonstrava qualquer fraqueza. Estava sempre pronta para ser castigada e, se não fosse pela dor que fulgurava em seus olhos, Marie, ainda que testemunhasse cada açoite ou surra de vara nos dias em que estavam juntas, poderia jurar que ela era imune. Viollet era uma mulher guerreira, não fraquejava.

Da janela da velha cabana, Marie observava Phillip conversar com um homem alto e robusto, com cara de poucos amigos. Uma caixa bem-polida era entregue ao visconde, que conferia o conteúdo com atenção. Viollet não conseguia ver o que era.

— Como soube das esponjas? — a voz de Marie chamou a atenção de Viollet.

Na primeira noite em que foram violentadas, pouco antes, Viollet lhe entregara as esponjas embebidas em uma solução espermicida. Criada em um bordel, Marie sabia que existiam métodos para evitar uma gestação. Fora tola ao acreditar que se casaria com Phillip, e a ansiedade da primeira noite fizera com que aquele detalhe passasse despercebido. Mas o que mais a espantava era o fato de Viollet, uma autêntica dama da sociedade inglesa, ter conhecimento de métodos contraceptivos, uma vez que não eram bem-vistos.

— A viscondessa viúva. A mãe de Phillip me aconselhou a não ter filhos. — Viollet engoliu em seco e continuou. — Ela contou que o pai de Phillip fazia com o filho o mesmo que ele faz conosco.

Ao ouvi-la, Marie olhou instintivamente para o filho adormecido, e o medo a tomou.

— Paul... — Marie não completou as palavras, sua voz quase não saiu.

— Não se preocupe, eu não deixaria, embora não consiga proteger a mim mesma. O pequeno Paul foi um anjo naquela casa. Phillip chorou por dias depois que ele chegou. Ficou um bom tempo sem tocar em mim, até que a marquesa de Bristol o procurou.

— Joana?

— Ela começou a procurá-lo com frequência no começo do ano. Eles tinham conversas longas, e acredito que se tornaram amantes.

— Marie percebeu o sofrimento nos olhos de Violet e se sentou ao seu lado. — Certa vez ele me obrigou a observá-los em um momento de intimidade. Ele a açoitava e ela pedia mais. — Pela primeira vez Marie viu Violet fraquejar. — Nunca imaginei que existissem mulheres que gostassem...

— O que aconteceu com a viscondessa viúva? — Marie tentou desviar o assunto.

— Foi internada num manicômio, pouco antes da chegada de Paul. — Parou pensativa. — Se não fosse por Flora, eu teria adorado ser internada; qualquer coisa para me libertar dele — confessou.

— Não diga isso, vamos conseguir fugir — Marie tentou parecer confiante.

— Não vamos, ele nos mataria. Eu tenho que cuidar de Flora, e você, de Paul.

— Acha que lady Flora vai nos ajudar, dizer a alguém onde estamos?

— Ela não saberia, nem mesmo nós sabemos onde estamos. Phillip foi mais esperto do que eu suponha.

O herdeiro do duque de Sutherland observava David secar a garrafa de gim. O fundo do poço que John conhecia bem. Nem todo tempo passado em Lilleshall ou em Paris fora tão eficaz em sua recuperação como os últimos meses, em que vira o primo definhando. David não era mais o mesmo. Será que era assim que as pessoas o viam? Fora nisso que se transformara desde que Violet se casara.

Cinco meses, tempo suficiente para destruir um homem. Para levá-lo à ruína, John constatou. Talvez devesse se olhar no espelho; se o primo estava naquele estado em meses, qual seria a situação dele mesmo em anos?

Desde que voltara de Paris, algo mudara. Depois do porre que tomara no bordel, não bebera um só gole de álcool, não que não pudesse. Era decerto aconselhável um trago ou outro, mas ele não queria perder o pouco de lucidez que lhe restara.

Ao que tudo indicava e pelo que sua informante lhe dissera, Phillip partira na calada da noite com Marie e Viollet. Sua Viollet, a doce dama que arrebatara seu coração antes mesmo de sair dos cueiros.

Procuravam em cada buraco da Inglaterra, buscas sem fim, que duravam dias e noites, todas sem sucesso, sem pistas, nada. Como um homem poderia esconder-se tão bem?

David continuava procurando respostas no fundo de uma garrafa de quinta. John espantou-se ao saber que o White's tinha uma bebida daquelas. Mas quem teria coragem de negar algo a um nobre inglês? Um clube como aquele deveria estar preparado para atender gostos peculiares.

Uma cadeira foi puxada, fazendo com que David desviasse a atenção por um breve momento. Edward Baldwin, o primeiro-ministro e importante aliado em uma busca fracassada. O parlamentar cumprimentou John em silêncio e avaliou o outro nobre com cautela, até que este balbuciou, tropeçando nas palavras.

— Bem-vindo ao clube dos abandonados — David falou entre soluços.

— Ela não o abandonou, certamente precisa de você enquanto está aí, bêbado — John falou impaciente.

— Quanta ironia, não é mesmo, querido primo? — Riu forçadamente. — Edward também se apaixonou pela mulher errada.

— Por favor, vocês dois! — Esbravejou com certa discrição. — Já é a terceira noite que o encontro nesse estado.

— Bela constatação, mas agora, em vez de ajudar a resgatar John, resolvi dar o troco ao meu estimado primo.

Ignorando as palavras arrastadas de David, Edward continuou:

— Acabo de vir da casa de Thomas. Nenhum sinal de Marie em Paris. Mas há uma possibilidade.

David levantou os olhos cético, já estava farto de pistas falsas, correria quase toda a Inglaterra sem nenhum sucesso. O mais próximo que chegara do paradeiro de Marie fora a irmã de Viollet, Flora, que não ajudara muita coisa. Nem Heloise Morrice, que lhe contara toda a história de Marie, fazia ideia de onde a amiga poderia estar. Era certo que Phillip a havia levado, mas o cretino não deixara

rastros. David sabia que deveria estar procurando dia e noite por ela, mas já não tinha forças.

— Vamos, John, ajude-me a levar David. — Edward já erguia o tronco do amigo bêbado. — Ele precisa de um banho e de comida, para podermos partir para o País de Gales.

Edward os levou para Groove House. Sarah havia montado um esquema de busca e procura. Apesar da gravidez, dos negócios e dos conselhos políticos que dava, ela se desdobrava procurando pistas de Marie. Lady Flora era uma grande aliada na procura; embora não tivesse muitas pistas, tudo o que sabiam fora a irmã de Viollet quem dissera.

Em encontros clandestinos na catedral de St. Paul, as duas se comunicavam através de bilhetes. Thomas, o duque e lorde Granville usavam de suas interferências políticas para encontrar o visconde de Derby. Joana continuava em Edimburgo, sob vigília constante, conforme seu pai garantira.

Mas nem mesmo toda interferência política era capaz de ajudar a solucionar aquele caso e, enquanto isso, a cada dia, David definhava. Thomas via a esperança de seu irmão se esvair em cada porre que ele tomava, a cada vez que o olhava. Já não o reconhecia.

Naquela noite lorde Granville havia indicado uma pista, uma antiga propriedade abandonada, que pertencera à família de Phillip; fora vendida para um camponês, que falecera logo em seguida. Era uma possibilidade, mais um possível vestígio, pensou Thomas.

Ver David daquela maneira tornara-o ainda mais consciente de suas falhas. Ele nunca fora um bom irmão, passara tempo demais mergulhado nos próprios problemas, sequer tivera tempo de olhar para o lado. Como fora egoísta, pensou o marquês. Mas agora olhava por David. Sabia que deveria agarrar cada sinal do paradeiro de Marie e, embora não quisesse dar falsas esperanças ao irmão, estava certo de que precisava vasculhar cada canto.

— Estamos fazendo tudo o que está ao nosso alcance, querido. — Sarah abraçou o marido por trás, aproveitando o breve momento a sós.

— Você deveria descansar. — Thomas se virou para ela. — Tem que pensar em nosso filho. Tem trabalhado tanto.

— Ele está bem — tentou tranquilizá-lo. — Estive pensando no quanto mudamos em tão pouco tempo. Não sei dizer se devido a minha gestação, ou se pelo sumiço de Marie. Mas percebo que tenho me preocupado mais com os outros.

— Você parece ler meus pensamentos, meu amor. Estava há pouco refletindo sobre meu egoísmo, sobre quanto negligenciei David.

— Não pense nisso, acredito que somos o que fomos criados para ser. Pense no quanto tudo o que aconteceu nos fez pessoas melhores.

— Julguei tanto meu irmão por ser alguém que não se importava com nada, quando na verdade ele sempre esteve olhando por nós. Lamento discordar de você, querida esposa, mas não somos somente o que fomos criados para ser; a forma como reagimos ao que nos acontece é que nos constrói. David sempre esteve aí para todos, mesmo que ninguém estivesse por ele.

Sarah refletiu sobre as palavras do marido e sobre o quanto ele havia mudado depois da morte do pai. Começou a pensar em cada um que amava.

— Tenho visto isso em John, que tem acompanhado David como um cão de guarda. Quantas vezes vi o contrário não saberia dizer. Meu irmão está sofrendo, possivelmente Viollet está com Marie e Phillip, mas ele parece ter colocado a própria dor no bolso para amparar David.

— Assim como David fez com cada um de nós. — Ele abraçou a esposa. — Sei que tem primado pela discricção nas investigações, mas receio que, caso essa pista não leve a lugar algum, devemos tornar as coisas mais claras.

— Vamos pensar nisso com calma, meu querido. Estou confiante de que vamos encontrá-la. — Ela beijou o marido ternamente. — Vou pedir que providenciem um banho para David e algo para que ele possa comer quando chegar.

Thomas segurou a esposa impedindo que ela saísse.

— Ficar bem se eu acompanhar meu irmão nessa diligência? Se não estiver bem...

— Thomas, não há outro lugar em que deva estar a não ser ao lado de seu irmão.

O marquês se afastou pensativo, analisou Sarah com um misto de admiração e confusão; sua mente girava enquanto as palavras de sua esposa elucidavam sua percepção.

— Sempre tive consciência de que jamais seria um homem inteiro, sempre fui feito de fragmentos, de cacos juntados, mas eu estava errado. Você chegou e parece que os pedaços se colaram; hoje é como se tudo estivesse no devido lugar, graças a você. — Sarah sorriu para o marido com a declaração, tentou se aproximar, mas Thomas começou a caminhar até a janela. — Já David, sempre se manteve inteiro, sensato, o guardião de tudo e de todos, estava a postos para servir, jamais demonstrou qualquer fraqueza. Entretanto, quando ele conheceu Marie, de alguma forma esse encontro trouxe à tona a fragilidade do meu irmão. Quando David falava sobre ela, de alguma forma eu percebia que ele sentia o que sinto por você. — Passou as mãos pelos cabelos e sentou-se levando a mão ao queixo. — Marie precisou ir embora para mostrar a David que ele nunca esteve inteiro, hoje posso ver com clareza. Ela rompeu uma casca fina, frágil... — Fitou Sarah intensamente. — Sem ela, ele não consegue mais demonstrar o que nunca foi. Sarah se aproximou, sentando-se no colo do marido.

— Vamos encontrá-la — a marquesa garantiu determinada.

— Farei o que for preciso para ver meu irmão sorrindo novamente, assim como no dia em que entreguei os documentos de Marie.

Quando David chegou carregado por Edward e John, Thomas o levou até um dos aposentos. Ele o ajudou a se despir e a banhar-se, dispensando o valete.

Apesar da pouca diferença de idade entre eles, Thomas nunca havia agido como irmão mais velho, sempre fora o contrário. David, com todo o seu altruísmo, abria mão de um título que era dele por

direito, sequer questionara o fato de Thomas ter sido educado para ser o marquês, nunca se rebelara ou se revoltara por ser ignorado.

Estava sempre disposto a ajudar quem quer que fosse, sempre com sensatez, até que Marie sumira.

— Vamos trazê-la de volta — Thomas prometeu, faria o que fosse preciso.

Sem forças sequer para responder, David acabou adormecendo, um sono pesado, sem sonhos, uma existência vazia.

John, que não pregara o olho naquela noite, sequer esperou os primeiros raios de sol para se preparar para a viagem; dormira em Groove House. Seu pai fora vê-lo e lhe arrancara a promessa de não agir por impulso. E John comprometera-se, mesmo temendo não poder cumprir. Lembrou-se de Anthony, de seus exercícios de respiração. No início achara toda aquela baboseira desnecessária, mas nos últimos dias vinha exercitando e descobria que poderiam funcionar.

Ele inspirou profundamente tentando dissipar da mente a imagem de Phillip Smith.

Caminhou até o quarto de David, seu espelho. O amigo sempre prestativo, principalmente naquele momento, que mesmo inconsciente lhe trazia a cura. Através dele John via o que fizera com a própria vida

— Acorde, pedaço de homem. — Sacolejou David para acordá-lo. — Vamos buscar nossas mulheres.

Capítulo XIV

Um tanto quanto incomodada com a situação em que vivia nos últimos meses, Viollet caminhava inquieta pela cabana, enquanto Marie se dedicava aos afazeres domésticos. Pressupunha que o marido saía logo depois do desjejum, todos os dias, para jogar e beber. Observou pela janela calculando a distância do povoado mais próximo.

Preocupava-se com a irmã, sozinha em Londres, sob os cuidados da governanta. Flora deveria estar frequentando a temporada. Viollet precisava casá-la rapidamente, talvez assim pudesse simular um ataque de histeria para ser internada em um manicômio. Até quando aguentaria ser açoitada e ceder o corpo ao marido de maneira tão violenta?

Na estante, no canto da sala, procurou pela caixa que Phillip escondera. Vira aquele homem a entregando ao visconde, que a trouxera para dentro de casa e a colocara atrás dos poucos livros empoeirados que jaziam no velho móvel. Deslizando a mão pela superfície bem-polida da caixa de madeira, encontrou a trava para abri-la. Sentiu um frio na espinha com o que via, entretanto não poderia dizer que estava surpresa. Não havia nada que seu marido fosse incapaz de fazer.

— Estamos ficando sem mantimentos. Phillip não trouxe nada — Marie chamou-lhe a atenção, fazendo com que ela devolvesse a caixa à estante.

— Certamente deve ter perdido no jogo o pouco dinheiro que tínhamos. — Sentou-se, levando as mãos ao rosto.

— Acha que ele nos manterá aqui por muito tempo? — Marie perguntou enquanto alimentava o filho com um pouco de mingau.

— Espanta-me que ele não tenha se metido em uma briga por causa de dívidas, espero que não demore. Assim teremos que partir às pressas.

— Há quanto tempo estamos aqui? — Marie perguntou confusa, tentando situar-se no tempo.

— Acredito que há vinte semanas — Violet divagou enquanto tentava confirmar mentalmente as contas que fizera.

Quais seriam os planos de Phillip? Por que haviam fugido e se exilado em uma cabana abandonada por tanto tempo? Seria pelas dívidas de jogo? Estaria Flora em risco em Londres? Tentou dissipar a preocupação com a irmã, acreditando que a Sra. Godfrey cuidaria de Flora. A governanta dos Smith era uma criada leal à viscondessa viúva. Apesar de reservada, nunca dera margem à desconfiança; Violet precisava crer em algo.

Marie a observava, preocupada. Nunca a vira daquela maneira, inquieta, com a angústia aparente no rosto sempre tão impassível. Deveria se afligir? Algo estava fora do controle? A falta de mantimentos a perturbava, não por ela, mas pelo pequeno Paul.

Vinte semanas. Durante o tempo em que estava sob o domínio de Phillip, não poderia precisar quantas vezes tivera que oferecer o corpo em sacrifício. Deus era misericordioso, fazendo com que seu filho adormecesse antes que ele chegasse. A bondade divina era tamanha que o pequeno Paul não era sujeitado àquelas cenas humilhantes, e, mesmo que toda essa sujeira estivesse além da compreensão de seu filho, Marie agradecia todos os dias que ele estivesse sendo poupado.

A cada vez que sentia os golpes duros contra o corpo, imaginava David, com todo seu cuidado e proteção. Mesmo que não estivesse presente, ele lhe dava forças. Talvez nunca mais o visse, mas seu anjo deixara em seu coração a certeza de que o mundo não era de todo cruel. Existia esperança, fé, mesmo que o paraíso naquele momento se fizesse tão distante.

Olhou para Violet mais uma vez, sua inquietação a preocupava. Paul dava os primeiros sinais de sono, um prelúdio da chegada de Phillip. Se Deus fosse misericordioso, mais uma vez ele chegaria tropeçando nas próprias pernas e cairia bêbado, acordando somente no dia seguinte.

Mas o dia seguinte estava longe, assim como o sono do pequeno Paul. Naquela tarde, as coisas pareciam ter saído do controle de Deus. Phillip chegou ferido, as roupas cobertas de sangue, o nariz levemente fora do lugar. Uma briga, Marie logo

constatou, sem tirar os olhos do filho, que brincava com algumas pedras, sentado no chão.

Viollet fitou o piso gasto de madeira, aguardando que o marido ordenasse algo, mas o silêncio era dilacerante. Nenhum movimento, Phillip permanecia parado no meio da sala, observando o filho. Marie pegou um pano e o embebeu em água; seus movimentos eram lentos, orquestrados conforme a tensão instalada.

Hesitante, ela se aproximou do visconde, mas ele não se mexeu. Da maneira mais delicada que encontrou, Marie repousou o tecido no lábio ferido dele, que uivou furioso. Dor e ódio faiscavam nos olhos turvos. Um tapa com as costas da mão fez com que Marie caísse no chão. Phillip não olhou para trás, enquanto ela tentava se recuperar do golpe; o rosto dela ardia. Levou a mão à face para tentar amenizar a dor, abriu os olhos e viu Phillip se aproximar do filho.

Marie sentiu o coração acelerado.

Já não sentia dor, nem fome, sequer cansaço, ou o desânimo que já a acompanhava havia dias. Estava a postos, uma mãe leoa, pronta para defender o filho nem que fosse com a própria vida.

— Não! — Viollet gritou quando viu o marido se aproximar do menino.

Ainda com a mão erguida no ar, os olhos chamuscados de raiva, ele virou-se para a viscondessa. Marie acompanhava a cena, estática. Viollet abaixou a cabeça em submissão. Cada movimento a deixava ainda mais tensa.

Então o menino se levantou, alheio ao que acontecia a sua volta.

Phillip avançou em sua direção. Antes que o visconde o pegasse, Marie apanhou o primeiro objeto que viu à frente, um atiçador de lareira, e golpeou-lhe a nuca.

Phillip caiu vociferando impropérios. Parecia sem forças para se levantar.

Marie estava determinada a retirar o filho do alcance do próprio pai, mas ele estava próximo demais da criança. Se o alcançasse, certamente seria pega e, Deus os ajudasse, o que seria dela e de Paul? Num movimento rápido, ainda no chão, Phillip segurou com

força a perna do filho. Ela sentiu o impulso de voar sobre ele, mas se conteve; olhou para Viollet como se pedisse ajuda e sentiu as pernas fraquejarem, ao ver a viscondessa, segurando uma arma de duelo, trêmula e com a face banhada em lágrimas.

Ante a situação que se desenrolava a sua frente, Viollet havia pegado uma das armas na caixa de madeira que Phillip havia escondido, mas não teria coragem de atirar, mesmo com tudo que sofrera, mesmo com todo o ódio que sentia. Seus sentidos eram incapazes de responder a sua vontade.

Marie notou a hesitação nos gestos da outra mulher e entrou em desespero. Antes que Phillip se levantasse e pegasse o filho, ela se colocou atrás de Viollet.

Respirou fundo e, num ato de desespero, ergueu os braços da viscondessa, mirando a arma nas costas dele. Fechou os olhos e forçou o dedo de Viollet para que apertasse o gatilho.

Ele caiu, a arma caiu.

O pequeno Paul se levantou depressa, chorando, para se juntar a elas. Ele estava bem, e o alívio invadiu Marie. Ela pegou o filho no colo. Viollet permaneceu parada.

Um longo minuto de silêncio se instalou, cada uma com seu próprio pensamento. Marie escondia a cabeça do filho para evitar que ele visse o homem jogado no chão. Com a mente em um grande vazio, mirava o corpo de Phillip, enquanto processava tudo o que havia acontecido.

— Precisamos fugir — anunciou desesperada, ainda anestesiada.

— Vá — Viollet ordenou, desabando na poltrona, trêmula e sem forças.

— Não posso partir sem você. — Marie apertava o filho contra o peito, buscando forças para se manter de pé.

— Vá, Marie, leve o pequeno Paul, está livre agora.

Criminosa! Era uma criminosa, tirara a vida de um homem. Como poderia conviver com aquela culpa? Caminhava com o filho no

colo, os braços dormentes. Uma manta os envolvia. Precisava sair dali, merecia arder no fogo do Inferno, mas seu filho precisava de um lar. Tinha que caminhar, mesmo que as pernas parecessem não responder. *Um pé depois o outro, não pare!*

Por mais que se policiasse para não alimentar esperanças, David estava aflito dentro da carruagem. Edward comandava a diligência com atenção. Com as anotações de Sarah no colo, acompanhava o caminho percorrido, conferindo todas as coordenadas. John estava visivelmente tenso e parecia esforçar-se para manter o controle.

David não permitiu que o irmão fosse. Conhecia na pele o que era estar longe da mulher que amava. Sarah estava grávida e já abusava demais de sua fragilidade, desdobrando-se nas buscas. Não permitiria que Thomas a deixasse.

Refletiu sobre o quanto sua própria vida havia mudado depois da morte do pai, como tudo poderia ser perfeito se Marie estivesse com ele. Nos últimos meses, durante as tentativas de encontrá-la, David se vira amparado pelos familiares de maneira que jamais pensara ser possível. Tinha consciência de que agia de modo inconsequente, principalmente nos últimos tempos, em que o conforto ilusório estava no fundo de cada garrafa que ele encontrava. Temia pelo pior, sentia o peito arder ao cogitar que jamais a veria.

Sua cabeça doía, resultado de uma sucessão de noites de bebedeira, da longa viagem e da tensão. John respirava sonoramente, David imaginava que era uma tentativa inútil de manter o controle sobre seus nervos.

— Ali! — Edward apontou para uma velha cabana, que parecia abandonada.

Os primeiros raios da manhã revelavam a construção decadente, ladeada por carvalhos. John fez menção de saltar com a carruagem ainda em movimento, e David não hesitaria em acompanhar o primo, mas Edward os deteve colocando o braço na porta.

— Temos um acordo — falou com a voz firme. — Eu desço primeiro.

Sentada no canto da sala, Viollet se encolhia sobre as próprias pernas, encostada à parede. O corpo de seu marido jazia a poucos metros, mas, àquela altura dos acontecimentos, nem a visão a sua frente a chocava. Abaixou a cabeça, mais uma vez incomodada pela umidade das saias. Seriam suas lágrimas? Por quanto tempo estava naquela posição? O que fizera?

As consequências de seus atos seriam o paraíso perto do inferno que ela vivia. Mas não era consigo que se preocupava, era com a irmã, que seria arruinada para sempre. Viollet levantou a cabeça, tentando conter o tremor de seu corpo. Já não estava sozinha. Lorde Edward Baldwin estava ali. O primeiro-ministro viera pessoalmente prendê-la.

Ergueu a cabeça enquanto se preparava para ser levada à Torre de Londres, seria decapitada em praça pública.

— Flora... — somente seus lábios se moveram, nenhum som saía de sua boca.

Encolheu-se novamente ao ver as duas armas jogadas no chão.

O homem que acompanhava Edward revirou o corpo de Phillip. Viollet baixou novamente a cabeça. Sabia que em breve os oficiais entrariam para prendê-la. Quando sentiu uma mão hesitante no cabelo, ergueu mais uma vez os olhos.

— Lady Smith, está bem? — o primeiro-ministro quis se certificar.

— Let! — a voz de John ecoou pelo ambiente. — Viollet, meu amor. Você está bem?

E pela primeira vez em anos, ela deu-se ao luxo de ter esperanças. Iria para a Torre de Londres nos braços de John. Ele cuidaria de Flora, ela sabia que sim. E essa elucidação foi o suficiente para que Viollet entregasse o corpo ao delíquio o qual segurara por toda noite.

Fragmentos, os últimos acontecimentos de sua vida eram cacos espalhados. Desde que reencontrara o filho, vivera em uma treva infinita, iluminada somente pelo sorriso do pequeno Paul. As palavras de madame Bourdon, ao descobrir que ela carregava um filho, ecoavam em sua mente; *Nem todas as mulheres merecem ter filhos.*

E era nisso que Marie acreditava; sua mãe a abandonara e, como se esse castigo não fosse suficiente, parecia que as palavras da tia tinham sido proféticas, pois Marie jamais seria uma mãe decente. Em cima da cama da modesta hospedaria, ela observava o filho adormecido.

Não se lembrava de como chegara ali, nem mesmo tinha ideia de onde estava. Dera seu nome de batismo para conseguir um quarto e um prato de comida. Ali não era Marie Delage, a futura mulher de David, ali era Marie Bourdon, a menina abandonada, explorada pela tia, enganada por um nobre inglês, e que o matara.

Assassina, era isso o que era. Uma mulher que, para defender o filho, fora capaz de tirar a vida de um homem. Que monstro era, escondera de David seu segredo com a intenção de poupar a vida de Phillip e fora ela mesma quem o matara.

Ao lado de Paul, a bolsa que Viollet lhe entregara, o dote de Flora, como a própria viscondessa dissera. Marie tinha a impressão de que era a mesma que recebera no dia em que deixara o filho na casa do pai, mas não teve tempo de perguntar. Precisara sair da cabana o mais rápido possível.

Marie devolveria as joias que pertenciam a Viollet, precisara usar um broche para garantir a hospedagem, mas encontraria uma maneira de reaver a peça. Precisava deixar o filho em segurança e jamais poderia dar um futuro a Paul; definitivamente era uma fugitiva, uma assassina.

Incapaz de esperar, foi até a pequena mesa e começou a redigir uma carta para Heloise. Foi sucinta nas explicações, temendo que a correspondência fosse extraviada. Pediu à amiga que lhe trouxesse dinheiro, confiaria o filho a ela e se entregaria para pagar pelo crime que cometera.

Capítulo XV

Dr. Anthony fora chamado a Lilleshall para cuidar de lady Violet. Pela distância, decidiram que permaneceriam alguns dias em Shropshire, até seguirem viagem para Londres. A viscondessa se encontrava em estado de choque, não dissera uma só palavra, exceto que Marie havia fugido.

Edward cuidara dos detalhes do funeral e se encarregara das questões oficiais, postergando o máximo que pôde os interrogatórios. David percorreu as redondezas à procura de Marie e do filho, até que o cansaço o dominou.

De certa forma, sentia-se aliviado por saber que ela já não estava sob o jugo de Phillip Smith, mas isso não diminuía sua preocupação, muito menos a saudade que sentia. E mais uma vez voltara à estaca zero. Sem pistas, sem um sinal.

John permanecia em vigília ao lado de Violet, que dormira quase todo o tempo. Sua cabeça rodava tentando encontrar explicações para o que tinha acontecido naquela cabana. As marcas no corpo da viscondessa se faziam visíveis através do fino tecido da camisola. Dr. Anthony garantira que ela se encontrava bem, que precisava descansar e se alimentar, e os aconselhou a esperar que ela se reestabelecesse, para seguir viagem até Londres.

David sentia-se perdido, caminhava pelos jardins, lembrando cada momento que vivera ao lado de Marie. Os encontros noturnos, os abraços reconfortantes, o sorriso tímido. Jogou-se no chão de joelhos, como sempre fazia. Rogou a Deus que protegesse sua mulher e a criança. Suplicou para que os mantivesse em segurança.

Já não sabia o que fazer, não tinha forças para rodar de hospedaria em hospedaria. Fizera isso tantas vezes nos últimos meses. Mas Edward havia enviado homens para que continuassem as buscas.

— David. — Edward se aproximou e, nos olhos do outro, pôde ver uma aflição semelhante à sua própria. — Não perca as

esperanças, vamos encontrá-la. Se ao menos soubéssemos o que aconteceu, lady Viollet não diz uma palavra.

— Eu tentei falar com ela, a única informação que obtive foi de que Marie fugiu, mas Viollet não disse quando, nem para onde. Não sei se posso suportar mais.

— Não está sozinho.

E por mais que soubesse que havia pessoas ao seu lado, era a companhia dela que desejava. Era a certeza de que Marie e seu filho estivessem bem.

Depois da noite em que apertara o gatilho, sua vida nunca mais seria a mesma. Ela revivia a cena inúmeras vezes, e o que a mantinha de pé era a responsabilidade de cuidar do filho. Cada vez que olhava para Paul, invejava sua inocência; ele parecia não ter se dado conta de tudo o que acontecera.

Os últimos meses serviram para que ficassem próximos, ele já a chamava de mãe, e isso fazia seu peito inflar de orgulho e desespero, pois em breve teria que se afastar dele mais uma vez. Estava convencida de que fora amaldiçoada, talvez por ter abandonado sua origem; se tivesse se tornado uma cortesã, certamente sua vida seria mais fácil.

Nem todos os anos que vivera no Palais des Plaisirs se comparavam ao remorso que agora sentia e tampouco ao que o futuro lhe reservava.

Com o prato a sua frente, observava sem apetite a comida que supunha não merecer. Não se julgava digna de nada, sequer da própria vida. Paul brincava em cima da cama, com tocos de madeira que uma criada da hospedaria lhe havia dado.

A demora de Heloise a consumia pelas entranhas, Marie tinha esperança de que a amiga a ajudasse a encontrar um caminho.

Uma batida firme à porta a fez saltar da cadeira, seriam os oficiais? Certamente fora descoberta e precisaria se entregar. Olhou para o filho temendo que essa fosse a última vez. Respirou fundo e destravou a porta, sem a certeza do que a esperava.

Sentiu o coração se encher de esperanças, ao ver a amiga num elegante traje de viagem. Mari reconheceu aquela roupa, um de seus próprios desenhos. Foi surpreendida por um abraço caloroso, algo que jamais esperaria de Heloise Morrice.

No corredor, diante da modista, sentiu as pernas fraquejarem com o que via. Madame Bourdon, sem máscara, e vestida como uma dama.

Demorou poucos segundos para que caísse em si. A pessoa em que mais confiara a traíra. Estava arruinada, Heloise a entregara para a dona do bordel, e Marie soube que não estivera enganada; madame Bourdon conhecia seu paradeiro o tempo todo.

David estava ansioso para chegar a Londres. Havia quase uma semana, cada canto do País de Gales fora revirado, e nenhum sinal dela. Ele estava a caminho de Groove House por insistência do irmão, que, segundo o tio, achava que ficaria melhor instalado ali.

Augustus Anson, o duque de Sutherland, fora seu amparo nos últimos dias, desde que David chegara a Lilleshall. Agora voltavam para Londres, na mesma carruagem.

— Precisa descansar, David — o duque falou num tom paternal.

— Estou farto! Como uma pessoa pode desaparecer dessa maneira? Edward parecia tão tranquilo nos últimos dias. — Ele encarou o tio demonstrando sua dor. — Já são cinco meses, temo que as buscas estejam caindo no esquecimento. Marie não é ninguém, se fosse uma dama da sociedade, certamente já teria sido encontrada.

— Não diga uma sandice dessas — Augustus falou determinado. — Acha que vou desistir de encontrá-la? Acha que gosto de vê-lo desse jeito? Eu o tenho como a um filho, meu sentimento por você é o mesmo que tenho por John. Às vezes, penso se ter mostrado a vocês o amor não foi o meu maior erro.

— Não diga isso, você é um exemplo para nós.

— Não foi fácil para mim também, David. A vida não é para os fracos, e ser um nobre não nos faz imortais, nem nos torna algo

além do bem o do mal. Somente carregamos mais responsabilidades do que imagina.

O silêncio se instalou novamente, David continuava sem saber o que acontecera. Viollet parecia melhor, mas continuava sem dizer uma palavra sequer. Acompanhada de John e do Dr. Anthony, seguia na carruagem, adiante. Edward não voltara para Londres, de Lilleshall seguira direto para uma das propriedades de sua família. David lhe seria eternamente grato, mas não negaria que a sensação que tinha era a de que as buscas tinham sido encerradas. De que nenhum esforço seria feito para encontrá-la. Não o julgava, o primeiro-ministro havia se empenhado nas buscas para além do adequado, dada a sua posição.

Quase no fim da tarde, chegaram a Groove House. Sarah estava agitada, e Thomas tentava conter a esposa, que andava de um lado para o outro.

— Onde está Viollet? — foi a primeira pergunta que ela fez logo que entraram.

— John e Anthony a levaram para casa — o duque se adiantou.

— Peça a alguém que a traga para cá, lady Flora está lá em cima. Já está acomodada.

— O que está acontecendo? — David perguntou exasperado.

— Marie esteve aqui — declarou aflita. — Hoje, no começo da tarde, entrou aqui desesperada. Pediu que eu cuidasse de Viollet e de Flora; elas perderão a casa em breve, já que Phillip não deixou herdeiros.

— Como ela estava? Onde ela está? — David colocou as mãos nos ombros da prima, respirando com dificuldade.

— Ela precisou partir. — Sarah desviou os olhos, tentando conter as lágrimas. — Apesar de abatida, parecia bem. Pediu que o tranquilizasse e que lhe entregasse isso. — Ergueu a mão, entregando-lhe uma carta.

David pegou o envelope e o levou ao peito. Rompeu pela porta, querendo ficar sozinho. Sua vontade era sacudir a prima, condená-la por ter deixado Marie partir. Mas ela estava bem, pelo menos no julgamento de Sarah.

Oh, mon amour, diante de todo desespero você sempre pensando nos outros. O que está acontecendo com você, ma chéri?

Com os dedos trêmulos e o coração descompassado, abriu o envelope e não conteve a emoção ao ver a letra dela:

Meu anjo querido,

Quanto me dói não ter lhe contado minha história, ter omitido a parte mais importante de mim. Fui covarde, tive medo por mim, por você. Quando cheguei a Londres, carregava um filho nos braços. Um filho que me foi tirado pouco antes de termos nos encontrado, naquela noite em que conheci o sol.

Trabalhei duro, juntei cada xelim para tentar pegar meu pequeno Paul de volta, para pagar à viscondessa o dinheiro que ela me dera e que me roubaram. Não fugi de você, a cada dia que passava ao seu lado, eu me convencida de que jamais seria capaz de ficar longe. Fui levada, violentada de formas que jamais poderia descrever, mas cometi um erro grave.

Sei que, se quiser, pode me entregar com essa carta de confissão, mas confio em você mais do que em mim mesma. Matei um homem; num ato de profundo desespero, cometi um crime para proteger meu filho e devo pagar por isso.

Se pudesse ter outra chance, não sei se faria diferente. Omiti a existência de meu filho pelo amor que sinto por você. Uma vez me disse que certas verdades precisavam ser omitidas para proteger quem amamos. E eu quis proteger você.

Jamais me perdoaria se algo lhe acontecesse. Ensinou-me a amar e toda a profundidade de um sentimento o qual, com palavras, é impossível descrever. Carregarei você sempre comigo, dentro do meu coração.

Meu futuro é incerto, talvez Deus seja benevolente demais com uma assassina como eu. Não sou mais a mesma, meu corpo carrega marcas, e minha alma foi marcada pela desgraça da morte.

Se fosse ouvir meu coração, eu lhe imploraria que me esperasse e, com o devido tempo, faria de tudo para voltar para você. Mas não poderia, amo-o demais para condená-lo a uma vida de amargura.

Imploro-lhe, meu amado, encontre alguém que esteja a sua altura. Alguém que não precise esconder e que o faça feliz. Eu me contentarei com as doces lembranças de quando fui feliz ao seu lado. Fecharei os olhos a cada noite, e será você quem imaginarei antes de dormir e ao acordar. Orarei todas as noites para que encontre a felicidade e alguém que cuide de você como merece ser cuidado.

Com todo meu amor.

Marie

David releu a carta repetidas vezes, a cada palavra tinha a sensação de ouvi-la. Fechou os olhos imaginando como seria se pudesse tê-la em seus braços, nem que fosse uma única vez e, pela primeira vez desde que ela sumira, sorriu. Alegrava-se em saber do amor que ela sentia, da consideração de escrevê-lo mesmo em tais circunstâncias.

— Você não está sozinha, *mon amour* — sussurrou, levando a carta ao peito.

Ela era a luz que o fazia prosseguir, faltava um único sinal para que suas forças renascessem. Já não havia cansaço, nem desânimo. As palavras de Marie ajudaram-no a encontrar a determinação que ele havia perdido.

Voltou para dentro da casa do irmão. Não ficaria de braços cruzados, agiria com cautela e sabedoria. Seguiu até o escritório de Thomas, fora informado de que ele estava lá, enquanto Sarah se preparava para receber Viollet.

— David! — Thomas se levantou logo que o irmão entrou.

— Ela me ama — declarou com a voz embargada.

— Não duvidava disso. — O marquês se aproximou, puxando o irmão para um abraço.

Thomas estava curioso para saber o que Marie havia escrito, mas se conteve esperando que o irmão revelasse o que achasse conveniente. David caminhou até o aparador e serviu um cálice de vinho. Thomas o acompanhava apreensivo, entretanto notou que o irmão parecia diferente.

David sentou-se pedindo em silêncio que o irmão o acompanhasse.

— Certa vez, disse-me que eu poderia me instalar em Hervey House. Gostaria de reformar a casa e torná-la minha moradia — David declarou determinado.

— A casa é sua por direito, é o único filho legítimo...

— Você é um Hervey assim como eu, é o marquês, a propósito. Apresento meu interesse, uma vez que não tem a intenção de ocupá-la.

— Está certo de que será feliz naquela casa?

David encarou o irmão, acenando em concordância, com uma determinação surpreendente.

— Temos a chance de fazer diferente e faremos.

Thomas ficou sem palavras, não saberia o que responder ao irmão. Pensou em várias maneiras de confortá-lo.

— Como ela estava? — David perguntou, agora demonstrando sua fragilidade.

— Parecia apressada. — Thomas se levantou e serviu um cálice para si. — Estava visivelmente preocupada com lady Violet e lady Flora. — Virou-se para o irmão. — Ela perguntou por você.

— Por que não a impediu de partir?

— Marie suplicou que não fizesse, garantiu que estaria bem e que não podia ficar.

— Deixou alguma pista?

Thomas uniu as mãos, levando-as à boca, e acenou em concordância.

— O amor suporta tudo — bateu no ombro do irmão —, foi a última coisa que ela disse antes de partir.

David se levantou tomado pela esperança.

— Ela voltará — pressentiu confiante.

No dia seguinte David acordou cedo e partiu para Hervey House. Num dos melhores pontos de Londres, a casa que carregara a desgraça de sua família por tantos anos estava prestes a se tornar

um lar. Logo que entrou, aproveitou para descontar toda a sua fúria adormecida nos objetos que testemunharam tanta infelicidade e discórdia.

Quadros foram arremessados, todos os papéis de parede, arrancados. Ele nunca fora um homem violento, mas seu corpo gritava. Estivera tanto tempo sem reação, enquanto sua mulher sofria abusos os quais jamais conheceria.

Em cada cômodo fez o estrago que julgou necessário, ali exorcizava o ódio que sentia, não só por Phillip Smith, mas também por seu pai e sua mãe.

Marie sentia-se uma assassina, indigna de qualquer perdão. Ele lera seu arrependimento em cada palavra, não duvidava que ela matara em defesa própria, por tudo que precisara suportar nos meses em que estivera desaparecida. Já Joana, a mãe dele, matara sem o menor remorso, dopara e envenenara quem se colocara em seu caminho. David descontou toda a fúria nos pertences da marquesa viúva.

Quando se sentiu suficientemente aliviado e certo de que ali já não restava nada que pudesse carregar a maldição dos Hervey, deixou a casa, determinado a contratar pessoas para a esvaziarem e a reformarem transformando-a em um lar de verdade.

Os dias se passavam, e David encontrava forças nas palavras deixadas por Marie. Tinha planos e era neles que se mantinha focado. Aguardava paciente o retorno de Edward Baldwin a Londres e, enquanto isso, dedicava-se à reforma de Hervey House e da livraria, que nos últimos meses estivera negligenciada. Se não fosse Sarah a cuidar da contabilidade, ele jamais daria conta de tanto serviço.

Instalou-se na casa do irmão. Não fora capaz de dormir um só dia na casa em que vivera com Marie, desde que ela se fora. Sobrevivia aos dias e às noites sem muito ânimo, dentro dele habitava somente determinação e esperança.

Certa noite, quando vagava pelo jardim, sem sono, sentou-se em um banco, com a carta na mão. Já sabia as palavras de cor, repetia mentalmente aquelas que lhe davam forças. *“Se fosse ouvir meu coração, lhe imploraria que me esperasse e, com o devido tempo, faria de tudo para voltar para você.”*

— Volte, meu amor — suplicou baixinho.

Um vulto o deixou em estado de alerta. Uma mulher, caminhando no breu da noite, aproximava-se. Era inevitável encher-se de esperanças, era inevitável vê-la caminhando em sua direção. A mulher se aproximou e, quando se sentou ao lado dele, David despertou de seu transe, reconhecendo Viollet.

Desde que fora encontrada, a viscondessa viúva não falara meia dúzia de palavras. Permanecia alheia, com os olhos fixos no horizonte. David se levantou num gesto automático e a ajudou a sentar-se.

— Sente-se bem? — perguntou preocupado, e ela acenou em concordância. — Presumo que perdeu o sono. — Viollet voltou a menear a cabeça positivamente.

David permaneceu alguns minutos em silêncio. Tinha tantas perguntas, mas respeitava a condição da viscondessa. Apertou a carta contra o peito, recostando-se ao assento.

— A marquesa me disse que ela lhe escreveu — a voz rouca, marcada pelo longo período de silêncio, fez com que David ficasse surpreso. — Ela está bem?

— Não sei lhe dizer, ela sente-se culpada...

— Não foi culpa dela. — Ela parou por um instante, como se buscasse forças. — Ele era violento, não é fácil suportar ser açoitada e abusada. — Levou uma mão ao rosto, e David presumiu que chorava. — Marie resistiu bravamente, até que ele apresentou ameaças ao pequeno Paul. — Sua voz se tornava cada vez mais fraca. — Eu tinha visto um homem entregar uma caixa a ele e, naquela tarde, vi que se tratava de um conjunto de duelo. Temi que ele nos matasse, ou que matasse Marie e Paul. — David repousou uma mão sobre a dela, dando-lhe forças para continuar. — Marie o acertou com um atizador de lareiras, ele caiu, mas avançou em direção ao menino. Então eu peguei a arma — as palavras se

misturaram ao pranto guardado. — Ela apertou o gatilho em minha mão e depois...

David a abraçou, para lhe dar conforto. Viollet não se encontrava em condições de continuar, naquela noite dissera muito mais do que em todos os dias, desde que fora resgatada. Ele a envolvia de maneira protetora, amparando-a, tentando tranquilizá-la.

— Não desista dela — Viollet implorou. — Toda vez que Marie dizia seu nome, seu rosto se iluminava. Eu nunca vi um amor tão grande.

— Eu não desistirei. — Ele a trouxe para mais perto. — E você, fique tranquila, vamos cuidar de você, nada vai lhe acontecer.

Um mês havia se passado, desde que David vira Edward pela última vez. Na porta do gabinete do primeiro-ministro, abriu a porta, ansioso com o pedido que faria. O parlamentar estava de pé, parecia ansioso e esfregava as mãos umas nas outras, levando-as ao rosto sucessivas vezes. Sua apreensão era palpável.

— Espero não ter chegado em um mau momento — David falou cauteloso, depois de cumprimentar o amigo.

— Eu o estava aguardando — falou endireitando-se na cadeira. — Recebi suas cartas, lamento não ter podido atendê-lo antes, precisei resolver alguns assuntos. Como tem passado?

— Sobrevivendo aos dias, mas não me permito fraquejar — falou sem muita convicção. — Marie e Viollet foram as responsáveis pela morte de Phillip — anunciou e esperou a reação do amigo, que não demonstrou surpresa. — Sei que o que vou pedir é um tanto quanto aquém das regras de conduta, mas também sei que, com sua influência, consegue que o caso seja arquivado e as duas não passem por constrangimentos desnecessários.

— David, isso não é algo simples a se fazer. Requer contatos e ...

— Sei disso, mas é tudo que peço. Se fizer isso, terei uma dívida eterna com você.

— Não me deverá nada, somos muito mais que amigos, David. Somos uma família.

Apesar de grato, David estranhou a disposição de Edward. Ele não negara seu pedido, apesar de mostrar certa resistência.

— Isso pode demorar algum tempo, mas não pouparei esforços. Se fossem julgadas nos métodos tradicionais, certamente seriam absolvidas.

— Elas não podem aparecer, seria a ruína de Viollet e de Flora. Marie está acuada, sozinha, Deus sabe onde.

— Não se preocupe, meu amigo, vamos encontrar uma solução. O visconde de Derby era conhecido por colecionar inimigos, e não será necessário muito esforço para encontrar algum criminoso a quem responsabilizar pelo crime, alguém que, ainda que se regenerasse, não pudesse recuperar a liberdade nessa vida.

David sabia que não era certo, entretanto a perspectiva de tirar de circulação um bandido não era de todo ruim. Resolveu não pensar muito no assunto, pois sua consciência não aprovaria tal manobra. Entretanto faria qualquer coisa para ver Marie livre da culpa.

— Há algo mais que eu possa fazer por você? — Edward perguntou, inclinando-se para a frente.

— Depois que tudo acabar — ele olhou para baixo, tentando conter a emoção —, rogo-lhe que revire comigo toda a Europa para encontrá-la. Assim que tudo estiver resolvido, quero-a comigo.

— Tem minha palavra. — Edward se levantou emocionado e surpreendeu David com um abraço.

A reforma seguia a todo vapor. David contratara ainda mais homens para agilizar a obra e, apesar do resguardo e de se manter na cama, Sarah dava pitacos nas mudanças que poderiam ser feitas.

A chegada do sobrinho fora uma distração bem-vinda para David. Groove House vivia repleta de visitas e, mesmo que fossem socialmente inaceitáveis as visitas logo depois do parto, a família Anson não parecia se importar.

A animação era tamanha que até mesmo Viollet, ainda que se mantivesse reservada, sorria timidamente algumas vezes. Faltava ela, David constatava a cada hora do dia. Marie teria bordado inúmeras mantas para o herdeiro do marquês, cobriria o recém-nascido com seu carinho e sua vitalidade inocente. Ela estava ali, dentro dele, a cada passo que ele dava, a cada suspiro.

Às vezes, a esperança parecia perder forças, mas ele encontrava, na família, o acalanto de que precisava para prosseguir. Perguntava-se algumas vezes o que faria se jamais voltasse a vê-la. Mas lembrava-se de que, pelo menos, sua existência não teria sido em vão, já que tinha experimentado o amor verdadeiro, o amor da cura, o amor dos livros.

Quando finalmente as visitas à marquesa se tornaram apropriadas, Groove House passou a estar repleta de senhoras, que faziam visitas de cortesia com intuito de estreitar laços com a marquesa de Bristol. Sarah era esperta o suficiente para saber que todas tinham o mesmo intuito. A grande maioria defendia os interesses dos próprios maridos, que aguardavam o pronto reestabelecimento dela para conseguir conselhos políticos.

David agradecia à Providência Divina o fato de Hervey House já estar pronta para ser ocupada. No íntimo, esperava que a situação estivesse resolvida e que a primeira noite em sua casa fosse com sua mulher, mas esperara por tanto tempo que aprendera o real significado da palavra paciência.

Do escritório do irmão, observava o movimento de carruagens do lado de fora. Thomas estava a um passo de levar Sarah ao quarto para repousar, quando Edward foi anunciado. David sentiu o corpo arder em expectativa, ansiava por uma resposta, uma definição. Dispensou as formalidades e logo o questionou sobre o andamento do caso.

— Está quase tudo encaminhado. Precisamos de mais um pouco de paciência.

— Nunca poderemos retribuir tudo que tem feito — Thomas declarou com gratidão.

— Não há o que agradecer, o que a marquesa fez pelos Baldwin, sem pedir nada em troca, foi a prova de que somos uma única família. — Ele se remexeu inquieto. — O motivo da minha visita, além de parabenizá-los pelo herdeiro, é um convite. Minha mãe está organizando um baile de máscaras, em homenagem a uma prima distante que está voltando ao convívio social depois de um longo período de luto. Uma dama distinta, que ficou viúva enquanto ainda estava grávida. — Ele avaliou David por alguns instantes e se virou para Thomas. — Sei que ainda é cedo para a marquesa retomar os eventos sociais, entretanto fazemos questão da presença de todos vocês.

— Sarah jamais recusaria um convite de sua mãe, principalmente depois de tudo o que têm feito por nós. Não é mesmo David?

David anuiu, por mera educação e gratidão. Não tinha a menor vontade de ir a um baile. Ainda que fosse um baile de máscaras, ele seria facilmente reconhecido pelos abutres do mercado de casamento. Desvencilhar-se das matronas casamenteiras era uma tarefa quase que mortal. Não negaria o convite, ficaria tempo suficiente para que sua presença fosse notada e para que se divertisse à custa de John, que seria o mais cobiçado da noite.

— Se me permitem, gostaria de levar a viscondessa viúva até o magistrado. Serão somente perguntas de praxe, nada que possa constrangê-la.

— Posso acompanhá-la ou até mesmo John — David ofereceu.

— Não é necessário. Será breve, eu mesmo a levarei e a trarei de volta.

David cavalgava tranquilamente até a livraria. Um frisson de damas na calçada chamou sua atenção. Ele apeou do cavalo quando viu que se tratava do novo atelier de Heloise Morrice, mas não fora a placa que chamara sua atenção, e sim o vestido que se encontrava

na vitrine. Aproximou-se do vidro, avaliando os traços daquela peça. Uma verdadeira obra de arte. Tocou o vidro, hipnotizado, conhecia aquele modelo, lembrava-se de Marie o desenhando enquanto descrevia cada movimento que fazia com o lápis. Demorou tempo mais do que aceitável, para um cavalheiro, apreciando o vestido. Sem se importar com a fila de senhoras na porta, entrou no estabelecimento.

Já havia entrado tantas vezes ali nos últimos meses, à procura de Marie, que não havia reparado que o local fora luxuosamente reformado. Não demorou para que Heloise o recebesse. E não no estoque de tecidos, como sempre fazia; mas num amplo gabinete ornado por tecidos finos e fitas.

— Eu não havia reparado na reforma — deixou escapar e parou de falar no momento em que viu outro modelo de vestido em um manequim.

Eram os traços dela, ele reconhecia. Ou estaria ficando louco?

— Lady Baldwin é muito generosa. Indicou-me para todas as nobres senhoras...

— Os desenhos são dela? — perguntou aflito, e Heloise titubeou.

— Si-sim, mas são desenhos antigos. — Olhou para baixo constrangida. — Eu paguei a ela cada desenho que fez.

— Tem alguma ideia de onde ela possa estar? — ele perguntou.

— Eu já lhe disse, não sei. — Mais uma vez ele não acreditou nela.

Não insistiria como na última vez, nem ameaçaria como fizera, bêbado, quando Marie ainda estava nas garras de Phillip. Olhou o vestido mais uma vez e partiu.

Capítulo XVI

— Achei que uma dama de luto não frequentasse bailes — David comentou discretamente com John, logo que entraram na carruagem.

— Não vão. Viollet mal abre a boca, mas fez questão de ir. Lady Baldwin a convidou pessoalmente, parece que ficará numa sala reservada. Alegou que era para se animar um pouco.

— Você não parece incomodado com isso — David observou impaciente. — Nem um pouco.

O restante do caminho, permaneceram em silêncio. David estava irritado com seu traje de gala. Estava decidido a não se demorar. Ansiava voltar para casa, ter seu tempo reservado lendo a carta que lhe trazia calma e esperanças.

Desde que estivera no atelier de Heloise naquela tarde, sentira-se profundamente incomodado, o vestido que encontrara no gabinete da modista não fazia parte dos que Marie havia lhe entregado. Ele os conhecia, pôde reconhecer o modelo pelos traços característicos. Mesmo que a razão mandasse que ele mantivesse a calma, David estava decidido a, no dia seguinte, voltar ao atelier e coagir a modista até que ela lhe contasse onde Marie estava.

Já não podia esperar que o magistrado engavetasse o caso ou resolvesse da maneira mais conveniente. Seu corpo necessitava dela, e sua sanidade dependia da mulher que lhe roubara a alma.

O salão lotado o deixava claustrofóbico, e John mal ficara do seu lado. Decerto fora verificar o cômodo no qual Viollet permaneceria durante a noite. Sorrisos forçados, leques sendo movimentados avidamente e a libertação das máscaras para as senhoras pseudorrecatadas. Avistou Sarah, Thomas, Anthony e Ann num canto distante; respirou fundo tentando encontrar forças para atravessar o salão o mais discretamente possível. Era ilusório acreditar que uma máscara seria o disfarce perfeito para se livrar de uma debutante, elas pareciam farejar um homem solteiro a milhas.

Quando deu o primeiro passo, sentiu uma mão repousar sobre seu ombro. Demorou alguns instantes para reconhecer Edward, com o rosto coberto por uma máscara negra. O amigo o levou para perto das escadas, para que pudesse desfrutar de certa privacidade.

— Está irreconhecível — David não conseguiu disfarçar a impaciência em sua voz.

— Sobrevivência, meu caro. As damas parecem ver certo glamour em ser esposa de um primeiro-ministro — tentou descontraír, mas o cenho de David permanecia franzido. — Gostaria de ter ido até você esta tarde, mas foi impossível. Está tudo resolvido.

Foi como se o mundo parasse de girar por um instante, David não conseguiu processar mais nada que acontecia a sua volta. Ele viu Edward sinalizar para um criado e pedir uma bebida para outro. Foi tudo o que sua mente conseguiu registrar. Sentiu os ombros decaírem, pesados, logo depois de soltar todo ar que tinha nos pulmões. Os pequenos tapas que Edward dava em seu braço o fizeram mirar os olhos do amigo. Verdes! Verdes como jade, verdes como os de... Um vulto chamou sua atenção, um vestido verde da cor dos olhos de Edward, da mesma cor que os olhos de Marie. Um corte delicado, com saias pesadas, bordadas em tom de cobre. O corpete era trabalhado com contas e fios de ouro, e os cachos ruivos caíam pelos ombros femininos, impedindo que ficassem à mostra. O coração de David parecia saltar do peito.

À medida que a dama descia as escadas, ele confirmava que sua sanidade estava comprometida. Fechou os olhos, sentiu o cheiro que o perturbava. Teve medo de olhar o rosto da dona do vestido e se decepcionar. Fechou as pálpebras com força, precisava sair dali antes que desabasse em lágrimas, como um tolo apaixonado. E era exatamente isso que ele era. Arriscou-se a olhá-la, e o mundo parou novamente. A delicada máscara dourada emoldurava os olhos mais belos que ele já vira. Os olhos que ele procurava e que ansiara rever por tanto tempo. Ela chorava, mesmo que seus lábios sorrissem.

— Por favor, venham comigo — Edward pediu, mas eles não se moveram.

Permaneceram se olhando, as lágrimas falavam por eles. Edward precisou os guiar até a porta mais próxima. E, logo que entraram no cômodo, Marie se jogou nos braços de David.

— *Mon amour*. — David a apertou com força, querendo que seu corpo se fundisse ao dela ali mesmo.

Edward retirou a máscara e pegou um lenço no bolso, para disfarçar a própria emoção.

— Não acho adequado que agarre a minha irmã dessa maneira na minha frente — tentou aliviar a tensão.

David deu um passo atrás, mas não tirou as mãos da cintura de Marie.

— Irmã?

Marie tentou abrir a boca para explicar, mas a emoção não permitiu que as palavras se formassem. Ele a esperara. Por mais que Edward lhe dissesse todos os dias que David a aguardava, que a esperava, ela precisava ver com os próprios olhos.

— Cécile Baldwin na verdade é Cécile Bourdon. A filha da famosa madame Bourdon. Minha mãe se apaixonou pelo meu pai; ela engravidou. Meu pai prometeu que a buscaria e não voltou. — As pernas de Marie fraquejaram, mas David a segurou. — Cécile partiu para Londres, mas deixou a filha para trás. Marie tinha a saúde frágil, e Cécile acabou deixando-a com a irmã para vir atrás do amor de sua vida. Quando voltou para buscar a filha, foi informada de que ela não havia resistido. — David acariciou o rosto de Marie, não conseguia deixar de olhá-la. — Minha mãe e a irmã são gêmeas, mas sempre foram diferentes. Cécile passou a vida se culpando por ter abandonado a filha, culpava-se pela morte de Marie. Um dia ela a viu na rua e garantiu que tinha visto a filha. Chegamos a duvidar de sua sanidade, mas, quando vi Marie pela primeira vez, tive certeza; ela é exatamente igual ao retrato pintado de Cécile.

— Minha mãe me seguiu, revirou meia Londres até encontrar Heloise — Marie falou com a voz hesitante. — No dia em que fugi da cabana, depois que...

— Não fale sobre isso — o irmão pediu, acariciando os cabelos dela com carinho.

— Escrevi para Heloise, e ela chegou com minha mãe. Eu achei que era madame Bourdon. Fiquei apavorada, mas vi que ela viera me trazer a luz, assim como você fez, meu amor, mesmo que eu não seja merecedora — falou entre lágrimas.

— Merece o mundo, *mon amour*. — David a trouxe para mais perto. — Nada de mal vai acontecer a você e ao nosso filho. — Marie deu um passo atrás, surpresa. — Paul será criado como meu, reformei Hervey House para que possamos construir nossa família, preparei tudo para recebê-los, eu sabia que voltaria.

— Devo me desculpar, David — Edward o interrompeu. — Eu queria ter lhe falado, mas, por questões políticas, era melhor que tudo se revelasse no tempo certo. Era mais seguro que não soubesse onde Marie estava.

— Talvez eu o desafie para um duelo — David falou sério —, mas agora preciso matar as saudades da minha mulher e conhecer meu filho.

— Terá tempo para isso, meu amigo. Tivemos que criar a história da prima distante saindo de um longo período de luto para que Marie possa ser apresentada como uma dama. Se tiver boas intenções com lady Marie Delage, terá que cortejá-la conforme ditam as regras sociais. Trabalhamos muito para que tudo termine em um escândalo.

— Concede-me duas ou três valsas? — David pediu sem soltá-la

— Duas — interveio Edward —, mais do que isso seria inapropriado.

— Edward, poderia se virar um instante? — ela pediu, coquete como uma dama inocente.

O irmão de Marie sorriu com a travessura, e, assim que ele se virou, ela beijou David. Surpreso com a ousadia dela, ele fechou os olhos, deixando que ela o envolvesse e reivindicasse o que era dela. Sorriu satisfeito, ao constatar que ela sofria do mesmo mal que ele. Edward pigarreou com a intenção de interrompê-los, mas David avançou mais uma vez, tentando matar um pouco da saudade que os consumia.

— Por favor, vocês dois, como ficará minha reputação de primeiro-ministro se descobrirem que estou permitindo tamanha indecência. — Ele sorriu, mas tentou disfarçar mantendo a voz firme.

Do outro lado do baile, John observava a porta entreaberta, uma fenda pequena o suficiente para que alguém conseguisse observar o baile de cima. As velas pareciam estrategicamente apagadas para que a observadora não fosse descoberta.

John calculou o melhor caminho para desviar-se das debutantes e suas mães desesperadas, mas, quando viu que sua observadora colocava quase meio corpo para fora olhando em sua direção, sorriu por dentro. Talvez fosse interessante ser observado.

Demorou tempo mais do que necessário com cada senhorita disponível no mercado de casamentos. Foi cortês, excessivamente atencioso e só cessou seu espetáculo ao ver que a porta se fechara. Conhecendo Viollet, sabia que aquele era o sinal para que ele parasse.

Enquanto se esgueirava pelos corredores da criadagem, perdendo-se algumas vezes, refletia sobre como a conhecia. Sabia o que significava cada olhar, cada torcida de lábio e, mesmo no profundo estado de apatia no qual ela se encontrara por longo período, ele sabia do que Viollet precisava.

Aos poucos ela voltava à vida, mas o olhar duro denunciava que sofrera no casamento. John estava disposto a conquistá-la, sabia que não seria uma tarefa fácil, mas jogaria todas as fichas.

Quando entrou pela porta lateral, viu Viollet saltar assustada, levando as mãos ao peito. Ele fez uma reverência exagerada e reparou mais uma vez no vestido dela. Apesar de ser um traje de luto, o corte salientava suas qualidades. O véu negro que ela usava ao sair de Groove House jazia em uma poltrona.

A lady retribuiu a mesura, porém de forma contida, apropriada para uma senhora viúva.

— Lamento assustá-la, milady. Não tive a intenção.

Ela o olhou curiosa, esperando que ele continuasse. Conhecia John o suficiente para saber que ele não fora ali sem um motivo.

— A sua presença num baile de máscaras, escondida em uma sala de música — observou o cômodo a sua volta, displicente — é

algo que me intriga. O que faria uma dama enlutada ao comparecer a um evento como este?

— Atender ao pedido pessoal de uma amiga — ela se limitou a dizer tentando se concentrar na cortina.

— Imagino — ele se aproximou devagar — que deva ser um tanto quanto entediante observar, por uma fresta, as pessoas dançarem — aproximou-se ainda mais —, flertarem e se divertirem, mas não participar. Ainda gosta de valsar? — a pergunta foi sussurrada próximo à orelha de Viollet.

Ela sentiu um pequeno arrepio com o contato e deu um passo atrás; temia que ele a abraçasse. Não queria ser tocada, entretanto gostava da presença de John.

— Não posso dançar, não pelos próximos dois anos.

— É uma pena, sinto falta da minha Let, aquela que valsava ao luar, que fugia no meio da noite...

— Ela não existe mais — falou incisiva, afastando-se, incomodada com o contato.

Ele a avaliou de cima a baixo.

— Eu ainda a vejo, mas posso estar enganado. — Colocou as mãos nos bolsos e começou a caminhar pelo cômodo. — Entendo todas as suas reservas, milady, mas gostaria muito de dançar.

— Os cartões de dança que assinou não foram o suficiente? — cuspiu as palavras e se arrependeu logo em seguida.

John sorriu amplamente, ela vira e de alguma forma se incomodara. Faltava somente o blefe final.

— Definitivamente não, milady. Vim aqui exclusivamente para pedir-lhe a permissão para valsar com lady Flora. Tão formosa, faz-me lembrar de uma dama encantadora — divagou olhando para o teto. — Let era capaz de ofuscar o sol quando sorria. — Voltou a atenção para ela, com a cara mais cínica que conseguira. — Acredito que Flora daria uma excelente duquesa, não acha?

— Você não se atreveria. — Ela sentiu-se novamente como uma menina, Let.

— Em absoluto, milady. Deus concederá muitos anos de vida ao duque de Sutherland, por enquanto estou feliz com o título de visconde que carrego. — John a conhecia, a cara de Viollet somente

confirmava que ele ainda conseguia irritá-la. — Vejo que já tomei seu tempo o suficiente para a deixar entediada. — Fez uma reverência obsequiosa. — Já que não tenho permissão para valsar com lady Flora, assinarei o cartão da brasileira de atributos peculiares.

Viollet engoliu em seco e tentou se manter quieta. Antes que John deixasse a sala, ela o chamou.

— Jack, dance com Flora.

A VIÚVA EM BREVE

Agradecimentos

Há muito consegui enxergar que nada existe sozinho. Toda ação é movida por um conjunto de forças, uma soma, multiplicação.

Publicar um livro, mais um, é a soma de muitos esforços, de habilidades, de forças e, sem dúvidas, a multiplicação do amor pela literatura.

As páginas são construídas à base de muitas voltas no relógio, muitas noites sem dormir e uma casa virada do avesso.

Em primeiro lugar, agradeço a minha pequena grande família, que entende esse impulso louco que me move e ainda por cima me apoia, incentiva. Aos meus queridos amigos, para quem atribuo uma divisão igualitária dos méritos: Paulinho e Deh, obrigada pelos ensinamentos e acima de tudo por compartilhar com as minhas histórias os seus talentos.

Mas um livro não se constrói somente com escrita, revisão e projeto gráfico. Obrigada, Editora Portal, por acreditar e investir no meu trabalho. À Line, que me ajuda a planilhar esse universo complexo da escrita. Às betas Pati, Kim, Bah, Gil, Mari. Aos parceiros, que me ajudam a mostrar meu trabalho, apoiando-me. Às leitoras fiéis, que estão guardadas no meu coração.

E obrigada a você, que me emprestou um pouco de seu tempo permitindo que eu o levasse, junto comigo, para o meu universo imaginário.

Que tal colocar a Série Damas Perfeitas na sua estante?

<https://www.editoraportal.com.br/produto/damas-perfeitas-combo/>

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)